

XAMÃ

*Um jogo que tem de ser jogado...
Quando Tudo está em jogo*

FRANCISCO
CAPELO

Imagem de capa **actual**

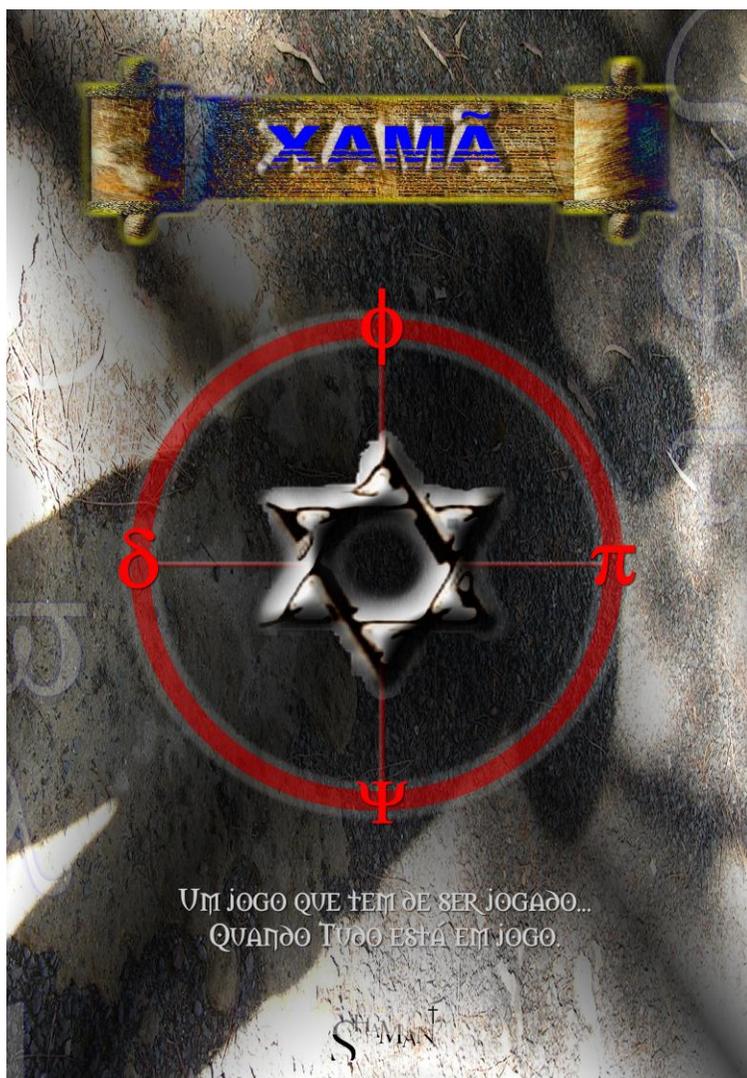


Imagem de capa **antiga**

XAMÃ

francisco capela

COPYRIGHTS

O Xamã é impresso em sistema de Print on Demand.

Qualquer utilização de partes do livro terá de ser autorizada pelo autor por escrito.

Email: lsalpico@hotmail.com

Website: www.itutor.pt

Nota do Autor:

Este livro baseia-se em três coisas:

- Factos em que todos acreditam
- Teorias em que nem todos acreditam
- Intuições em que eu costumo acreditar

E se alguém algum dia vos disser que através da intuição não se chega ao verdadeiro conhecimento, despeçam-se educadamente desse senhor e acompanhem-no à porta de saída. Porque, meu caro leitor, a intuição é a própria... Vida.

ÍNDICE

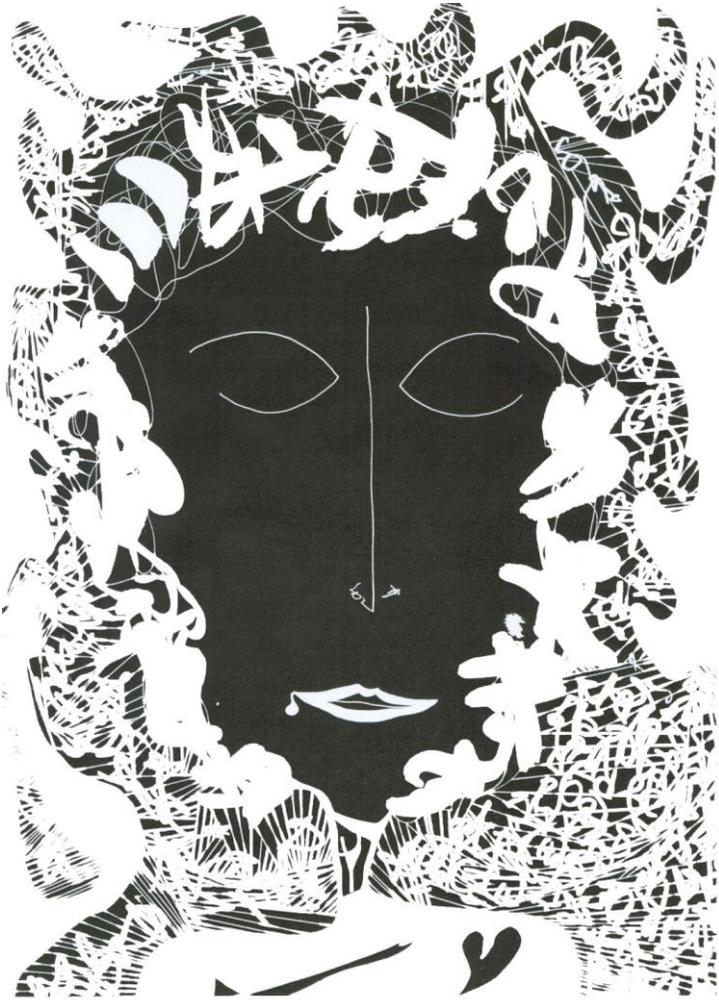
Primeira Parte - **Tempestade** Pág. 1

Segunda Parte - **O Jogo** Pág. 92

Terceira Parte - **Um Fim** Pág. 270

XAMÃ

.TEMPESTADE.



(PRIMEIRA PARTE)

TEMPESTADE - I

1995

Era uma tarde como outra qualquer, envergonhada talvez da sua própria banalidade, mas o sol fazia toda a diferença. Gabriel passou a bola a Pedro Antunes, que a perdeu para Lam. Não era um sobredotado para o basquete, mas o tio tinha-lhe ensinado os passos básicos do jogo. E, nesta tarde de domingo, um domingo como outro qualquer, esta tarde e este jogo nunca lhe tinham parecido tão belos. Os seus amigos da Universidade tinham vindo visitá-lo. Pessoas muito boas, pensava no seu íntimo. Pessoas realmente boas. Estes não se vendiam aos conselheiros do reitor por tuta e meia, como alguns outros, estes não. Existia estudando do alto dos seus 23 anos, com a sobranceria de uma certa juventude, mais confiante nos seus próprios méritos do que pura e simplesmente arrogante. Dois anos desses vinte e três tinham sido perdidos, a penar nos confins e na existência anónima de um curso de Matemática sempre demasiado abstracto, sempre demasiado vago. *Será que se poderia medir a poesia com números, apenas? Será que as emoções seriam parte de alguma contabilidade*

privada de Deus? Não. Não deveria ser assim. Tinha ido para Matemática por influências várias, mas voltou atrás na decisão. E fez bem. Muito bem, mesmo. Agora, o seu mestre de sempre tinha como que tomado conta do seu destino. Victor. Sempre ele. Victor Masse, um professor brilhante que, aliás, tudo o que queria era o seu bem. Victor era, desde a mais tenra infância, um grande amigo. Mas agora estava ali, com Pedro e Gabriel, e Luís. Parecia que a sua geração falava mais alto, mais forte, e parecia até que todos tudo conheciam da alma uns dos outros, ali; sem qualquer tipo de mágoa do passado, por ele ser tão curto, e total confiança no futuro. E, em termos de presente, José Santos tinha acabado de marcar o cesto mais importante da sua vida.

- Ganhámos, Paulo! Ganhámos!

- Eh, pá, pronto, foi um bom jogo mas não exageres. Quero ver o teu Sporting hoje à noite, guarda-te mas é para isso! Não deites foguetes antes da festa! , disse Gabriel, tombando no chão de cansaço, alagado em suor.

Lam sorveu o ar da ribeira que serpenteava a uns metros dali e pensou, pela primeira

vez naquela tarde, no seu tio. *Estará bem?
Há tanto tempo que não o vejo...*

Grupos de rapazes saíam de suas casas e reuniam-se ali, naquele ringue. Todos queriam jogar contra a equipa dos vencedores. Lam escolheu a equipa adversária com um breve olhar.

Como é bom jogar este jogo. Como é fácil ser feliz assim.

TEMPESTADE - II

Era um dia já longo de trabalho. Masse dera tudo de si naquele dia. Estava exausto. Aquele departamento tinha estado atarefado com questões menores, burocráticas mesmo, havia algumas semanas. *Nem aqui temos descanso com esta papelada... que canseira. Para isto tinha ficado num gabinete qualquer de um Ministério qualquer, lá na lusa parvalheira... nem nos states nos deixam em paz com estas tricas que metem montes de papéis... uff.* Masse foi interrompido por um moço de recados, que fazia a distribuição de correio entre os vários departamentos. Chegou a 200 à hora, montado no seu cavalo branco. Que o mesmo é dizer: nuns patins supersónicos. *Enfim... mariquices americanas.*

- Sim, Dos Passos? Alguma coisa para mim, hoje?
- Senhor Victor, tem aqui 4 cartas: uma de Washington, do congressista Louis...
- Ah, o bom velho Louis... e que mais?
- ... uma da tesouraria, da Martha...
- Ah, já sei, já falei com ela. E as outras?
- ... uma de um tal de Boris Kepps...

- Sim, é um investigador da NASA meu amigo. E a última...?
- ... uma carta registada com aviso de recepção...
- Ora essa. De onde? Uma carta registada...? De quem é?
- É de Portugal, e...
- Deixa-me ver!

Victor Masse analisou a carta de alto a baixo. Tinha um aspecto simples, pobre, mesmo. Notavam-se algumas manchas, de gordura, talvez. O selo tinha sido colado com a saliva: estava a desprender-se em pelo menos um dos cantos, meio torto. A letra do remetente era horrível. *Nunca vi nada assim... meu Deus, Que Letra...*

- Senhor Victor, eh...
- Ah, desculpa, Dos Passos, queres que eu...
- Sim, falta assinar o aviso de recepção, apenas, é rápido, eu tenho de...
- Tens de ir a outros departamentos, eu sei, eu sei. Deixa-me cá ver uma caneta... assino aqui, não é?
- É sim, é aí mesmo.

- Ora bem, podes ir à tua vida. Diz-me só uma coisa...

- Sim, senhor Victor?

- A vida em cima dos patins não é comparável a andar de barco em pleno mar? Deve haver por aí muitos icebergs, muitas ondas bravas... Eheh...

- Ahahah. Não, senhor Victor, eu adoro o que faço! Até logo!

- Até logo, até logo, rapaz. E tem juízo! No outro dia quase atropelaste o Kramm, hein? Ele está que nem te pode ver! Lembra-te disso!

- Vou lembrar-me, da próxima vez que o veja!, disse um Dos Passos acelerado, já a passar a esquina daquele andar, para o próximo departamento.

Abriu a carta lentamente, com um sentimento surdo de uma tímida apreensão. *O que será que esta Helena Torres me quer...? Nunca a vi mais gorda... Como será que ela conseguiu o meu contacto...? Ah! Já sei. Deixei o contacto do departamento naquele maldito documentário da NASA... a partir daí é fácil. Demasiado fácil. Agora já não há nada a fazer, paciência. Resta ser prudente... há informações que o melhor é esconder, para o bem de todos...*

- Hm. Uma folha, apenas. Vamos lá a ver onde isto vai dar.

“Caro senhor Victor Masse, apelo ao seu bom coração. Vi o contacto do departamento onde trabalha num documentário, e tomei a liberdade de lhe escrever, pedindo uma coisa que nunca pediria, se fosse para mim. Mas não é. É para a minha filha. Tenho a certeza que será uma filha. Quero o melhor para ela, mas devido a complicações da minha vida, o Tribunal vai com certeza retirar-me a sua custódia, assim que eu der à luz. Peço-lhe apenas que trate dela como um pai, se ela o tivesse, faria. Quero que a minha filha tenha o futuro que eu nunca tive. Mas, que poderei eu fazer para que o senhor se convença, não é? Pois bem, também pensei nisso. E aqui lhe deixo um poema de minha autoria, dedicado à minha filha. Se mesmo assim, o senhor não ficar convencido, então não haverá, certamente, nada que eu possa fazer. Mas a minha consciência estará muito mais tranquila.”

Ora esta... nem que foras o Fernando Pessoa... bom, deixa-me ler ao menos mais isto. Depois de um dia de trabalho destes... uma carta com um poema. Olha, pode ser que sirva de tranquilizante para toda a

burocracia que tive de gramar hoje. Afinal a poesia não serve para muito mais: apenas e só para não embrutecermos tudo de uma vez. Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Sophia de Mello Breyner, Al Berto... tenho a obra completa de todos esses grandes poetas. Esta deve pensar que me vai surpreender, com a sua poesia de trazer no bolso, de uma qualquer viela da Mouraria... Amo a poesia, sim, mas sempre detestei o fado; não suporto nem Carlos do Carmo, nem Mariza, nem esse tal de Camané - são todos insuportavelmente iguais, no fim das contas. E quanto a poemas cantados, apenas os Trovante e o Ary dos Santos fizeram algumas coisitas engraçadas. Bem, vou ler isto e depois vou para casa. Já são 20h33 e eu estou infinitamente cansado.

O Poema estava na única folha contida no envelope. Masse voltou a folha e alisou um pouco o papel, que já viera assim, um pouco amachucado. E não fora o envio por avião o culpado disso.

“A vida de quem sou, a vida que me és

Dizem-me que és a coisa mais importante
da minha vida

Dizem-me que és muito bela, em teu
interior

Dizem-me tudo isso, para que eu sinta a
tua vida esquecida ...

Na vida da vida da vida de meu amor

Sinto-te tão bela e tão pura ...

Que penso em vidas de outras vidas

Sinto-me tão plena da tua loucura ...

Que já tornei essas vidas esquecidas

E vivo para sempre quem és, sendo quem
ama o que sou ...

Que essa vida é a minha vida, que te ama
aqui onde estou.

Obrigada, senhor Victor. Muito obrigada.
Helena Torres. Lisboa. 14/Fevereiro/ 1972”

Masse ficou em profundo silêncio. Não contava que um só poema de uma pessoa que lhe era totalmente desconhecida e com apenas algumas linhas, escrito a milhares de quilómetros de distância, o pudesse afectar daquela maneira.

- Que alma... faz-me lembrar Florbela Espanca. Nestes dias conturbados, entre a guerra e o consumismo fácil, um pensamento ainda desta pureza...

Helena. Quem tem de dizer: “muito obrigado”...

Sou eu.

TEMPESTADE - III

17/ Setembro/ 1995

- Dizes-me então, Tiago, que esse aluno...
- Sim, senhor reitor. Ele recusa-se a ser...
- Mas isso é muito grave... mesmo muito grave. Em dezanove anos, é a primeira vez que me acontece. Ele... estará bom da cabeça? Aparenta ser normal?
- Um pouco exaltado, senhor reitor. Mas apenas quando o *picamos*. Acho que isso é normal.
- Olha, eu desde que que vi uma senhora num concurso da televisão a dizer que Papua Nova Guiné era uma província de Moçambique, que já acho tudo normal!
- Eheheh..., anuiu Carlos. - sim, realmente...

- Mas querias dizer-me alguma coisa mais, Tiago?
- Ele... ele tem uma t- shirt...
- T- shirt? O que é isso? Sabes o que isso é, Carlos?
- Uma camisola, Sérgio. Uma camisola leve, para simplificar. É isso.

- Ah. Sim, e o que tem essa camisola, Tiago?
- Hum. Tem tem uns dizeres... esquisitos.
- Esquisitos? Alguma asneira cabeluda, talvez? Estes jovens agora são capazes de tudo... esses teus colegas...
- Não, senhor reitor... bem, diz o seguinte: "Brigada Anti- Praxe - 21 457... 69 69" - imagine!
- Ahahah! E tu assustaste-te com isso? Ouviste, Carlos? Ouviste esta?
- Sérgio, sim, tem piada, mas pode haver aqui qualquer coisa que nós...
- Ele ameaçou-me a mim, e ao Filipe, com um processo em tribunal, se nós...
- Estás a ver, Sérgio? Havia aqui qualquer coisa que estava mal explicada... agora, é óbvio o que ele quer.

- Ou o que não quer! E não quer é ser praxado, como todos os outros são, Carlos! Há que manter a ordem, caramba, sabes perfeitamente que os professores pactuam em silêncio com este sistema, que existe há décadas nas Universidades, até porque nos convém e de que maneira, e se nós agora permitirmos uma exceção, os putos... eles vão revoltar-s...

- Sei isso muito bem. Não penses que nasci ontem. Mas diz-nos, Tiago, como se chama esse prevaricador irresponsável?

- Ele... recusa-se a dizer-nos como se chama, professor Carlos. Mas um colega disse-nos que ele se chamava Paulo. Paulo... Lam.

- O quê? O puto do Victor Masse? Sérgio, nós...

- Sim, eu sei Carlos. E vamos ter de gramá-lo nos próximos 5 anos. Prepara-te. Isto não vai ser fácil. Nem para ele... nem para nós. É que, sabes... o puto do Victor é *Mesmo* inteligente, este não é como os outros carneirinhos que vão, ordeiros, para a matança...

TEMPESTADE - IV

O refeitório da Universidade era bastante grande, em relação às dimensões da própria Escola. No entanto, havia sempre alguns alunos que sentiam dificuldades em percorrer os corredores entre as mesas e cadeiras abandonadas, como náufragos dolentes num mar demasiado salgado, à tona de uma superfície sempre demasiado gordurosa.

Margarida não susteve um pequeno gemido, no momento em que o seu tabuleiro rasou a cabeça de Lam e quando, com um gesto brusco, se conseguiu equilibrar, ele sorriu:

- Acontece. Estás bem?

Paulo Lam. Um aluno não muito brilhante: costumava dizer, por brincadeira, que, se o trabalho o encontrasse alguma vez, estaria a inspirar-se novamente, e não a fazer fosse o que fosse. Era um pouco mais velho que os seus colegas, pois tinha tentado e conseguido o reingresso na Universidade, tendo redescoberto alguns dos seus companheiros de turma de há dois anos. Francamente, já não tinha paciência para

aturar nada daquilo de novo, e o seu mais forte desejo era fazer os 5 anos de uma assentada, sem pedir uma única vez a melhoria de nota. Lam não conseguia encontrar algo de positivo na Universidade: *demasiada teoria, demasiada palha*, dizia, entredentes, para si mesmo. Por outro lado, o seu estudo era feito da intuição mais extremada, da inspiração mais pura, de um instinto quase animal, e não da análise atenta e racional das matérias maçadas com que *tenho de levar* todos os dias. Cabelo muitíssimo escuro e sempre curto, mas já com bastantes brancas, olhos de um castanho também muito escuro, e donos de um olhar terrivelmente ambíguo, unindo o bem e o mal da infância, feições quase nobres, qual príncipe renascentista, Lam distinguia-se dos seus pares pelos seus já habituais repentismos geniais nas aulas: ora passava uma aula de duas horas a olhar para o tecto, distraído, ora era capaz de, com uma tirada de oratória surpreendente, apanhar toda a turma de surpresa, inclusivamente e sobretudo o professor, a quem não restava outra coisa que não fosse defender-se de tão grande brilhantismo intelectual com uma resposta evasiva ao estilo de um político de nomeada. *Um terror*, diziam os professores, uns para os outros. - *Já viste o que ele disse na minha aula?* - *Ai sim? Bom, na minha ainda foi pior: imagina que...*

Apesar de ser uma Universidade vincadamente de direita, havia um certo desprezo, por parte de muitos alunos, por essa ideologia; era sabido que, em Portugal, os intelectuais eram mais dados às ideias de esquerda, e, como quem ia para Ciências Sociais eram sobretudo os intelectuais, formava-se desde a nascença uma evidente contradição entre professores e alunos. Contradição essa com que Lam jogava vários equilíbrios instáveis, dando verdadeiras lições nas barbas daquela gente, ao confrontar as ideias estruturais dos mestres com as dos professores conjunturais da Universidade. O seu físico não impressionava: alto, é certo, mas algo corcunda, e de tez quase castanha clara, longos braços, mãos e pés muito grandes e dedos extremamente compridos, os colegas chamavam-lhe por vezes *o árabe*, e alguns até o alcunharam, devido às suas constantes façanhas na argumentação com os professores, de *o terrorista*. Era evidente que a personagem Lam era muito discutida no meio académico, não só por alunos, como também por professores, que, ora questionavam a sua sanidade mental e a capacidade para estar numa Universidade, ora lhe elogiavam, entre as restritas paredes do Conselho Superior, a luminosa inteligência e a clareza de análise. E parecia não haver forma de lhe deitar a mão em termos disciplinares. *Temos aqui um*

enigma, era a frase que mais se ouvia. *Finalmente um desafio à nossa altura*, era a ideia dominante entre as cabeças pensantes da Universidade.

E, no entanto, havia alguma coisa nele que inquietava. Que provocava apreensão. Um estranho temor, que apenas os mais talentosos, de entre os professores, ousavam perscrutar. Compreender, tornar visível esse pormenor, poderia fazer toda a diferença. Com Lam ali, algo de profundamente perturbador tinha vindo à superfície.

Para o bem e... para o mal.

TEMPESTADE - V

1972

Victor Masse já tinha andado uns bons 400 metros, por entre corredores intermináveis e escadas que mais não faziam do que servir de labirintos para quem não estivesse habituado àquelas andanças. O local certo dever-se-ia chamar de local secreto. As indicações, essas, também eram vagas: o primeiro e talvez último nomes de uma mulher que estava quase a dar à luz, na Maternidade Alfredo da Costa, segundo as últimas informações, que tinha obtido de um atarefado e nada solícito reitor. Que a moça era conhecida de um aluno da Universidade, de família humilde, mas que tinha descambado para a má vida... a droga... e por vezes a prostituição, que é o que vem a seguir nessa curta lista. Um contacto breve com esse aluno, proporcionado pelo seu professor, tinha sido o suficiente para saber o que Masse queria saber. *Maldito Sérgio. Sempre o mesmo desconfiado... nem parece que já tem netos. Gere aquela Universidade com o espírito clássico de sempre, a régua e esquadro. Enfim, será que tem mesmo de ser assim?* Foi interrompido nos seus pensamentos pela corrida desenfreada de

uma enfermeira em pânico, que surgiu de uma porta quase invisível: vinha pelas escadas de serviço, aparentemente do andar de baixo.

- Depressa, Marília, estamos a perdê-la! A senhora que teve um menino... já entrou em coma, e... chama o Afonso e o Zé - Depressa, mulher!!

Masse tentou ficar indiferente àquela mulher desesperada. Talvez fossem normais, aquelas situações de stress profissional. E humano. Sobretudo isso. Dirigiu-se para a recepção daquele piso, já desiludido: era a terceira tentativa que fazia, e o quarto onde estava a misteriosa Helena tornava-se cada vez mais inacessível.

- Peço desculpa, eu procuro...

- Desculpe-me, um momento, por favor, tenho de fazer um telefonema. Está? Afonso? Vai já ter ao quarto da Felisbela, leva o Zé, e ele que traga o desfibrilhador cardíaco, depressa, vai já! Oh meu Deus... diga, peço desculpa, eu...

- Tudo bem, é perfeitamente compreensível... eu queria saber se é neste piso que se encontra uma parturiente, apenas tenho o primeiro e o que julgo ser o último nome dela, chama-se Helena Torres, sabe se está neste piso?

Marília ficou petrificada. Muda. Nem um músculo de seu rosto se mexia, e a alma do seu olhar tinha desaparecido para outro lugar. Masse ficou perplexo, estranhando este comportamento.

- Minha senhora...? Está a sentir-se bem...? Passa-se alguma coisa...

- Ela..., balbuciou a recepcionista - ela não está aqui no terceiro andar, mas... não deve visitá-la agora, ela... está em trabalho de parto neste momento, e...

- Tudo bem. Eu espero. Posso esperar aqui?

- P... pode, pode, sim...

- Já agora, não me sabe dizer em que quarto ela está? Para eu depois do parto, poder ir visitá-la...

- Ai por favor não me peça isso. Por favor.

- Desculpe? Há algum regulamento interno que não permita que eu...

- Não é isso. É que a dona Helena está... ela está...

- Siim?

- No quarto 16.

- Muito bem, eu espero aqui pelo nascimento.

- Oh meu Deus, o senhor não está a perceber...

DE PROFUNDIS

- Marília! Marília!
- O que foi, Afonso? Diz-me o que se passa!

- Perdemo-la.

TEMPESTADE - VI

- Senhor professor, como está? Peço desculpa de me dirigir desta forma ao senhor professor, eu conheço-o apenas da TV e... a frase ficou inacabada, uma vez que o lento, pesado e estranhamente melancólico reitor tinha acabado de entrar no corredor principal da parte inferior da Universidade. Uma parede sem fim parecia conferir aos largos ombros do reitor uma aura de autoridade ainda maior que a habitual, e a aluna, prevendo um diálogo deste com Masse, desculpou-se imediatamente e fugiu, amedrontada, misturando a sua banal figura com as das dezenas dos seus colegas que nessa altura saíam da aula das 10h15.

Victor Masse era talvez o professor de maior prestígio, de entre a classe docente da Universidade de Teoria Social. Naquele momento estava em regime de destacamento profissional, e leccionava nos EUA; tinha passado das Ciências Sociais para as matemáticas com uma rapidez espantosa, e a física era o seu actual campo de eleição. *Um iluminado*, dizia-se nos corredores; *um mestre*. Um verdadeiro Dom Sebastião - e a distância tinha como efeito aumentar ainda mais a sua aura de

genialidade intocável. O seu currículo era impressionante: além de 3 teses de Mestrado em partículas e ondas, cada qual aprofundando mais e mais este assunto tão essencial à física moderna, era também membro do muito restrito Conselho de sábios da NASA, com o qual estava em permanente contacto através de email codificado e por via telefónica secreta, quando tal fosse necessário. Há cerca de 5 anos tinha sido proposto para o Nobel da Física, mas, como costumava dizer aos amigos em jeito de brincadeira: *sou demasiado sério e anónimo para que isso aconteça; nem pensar nisso*. Entre os seus pares, era uma estrela que brilhava intensamente; imbatível e extremamente cativante a nível pedagógico, cumpria também com devoção e eficácia as suas funções de conselheiro principal do Reitor, em assuntos disciplinares e curriculares internos. Amado, tanto por professores como pelos alunos, e não só pela sua competência: uns 1.78 centímetros extremamente elegantes, barba grisalha bem aparada, óculos de aros transparentes muito leves, físico cuidado, do alto dos seus 71 anos inspirava confiança, protecção e uma autoridade que, em si, era completamente natural. As raparigas da Universidade chamavam-lhe apenas *O Professor* desde que o tinham visto num documentário da NASA, na televisão e, para

elas, onde ele estava não existia mais ninguém. De facto, a palavra que mais se ouvia, quando alguém o tentava descrever, era: insubstituível. Um insubstituível discreto, e sedutor.

Nada mau, para um humilde chileno, costumava pensar.

TEMPESTADE - VII

O *pseudo* professor de Estatística tinha entrado a matar na primeira aula. Parecia um terramoto.

Mas, pensou Lam, a seguir a um terramoto pode vir um maremoto. Let's wait and see...

Após perguntar de forma autoritária várias coisas que era suposto os alunos saberem, estacou com os seus olhos desconfiados bem colocados num sítio que se supunha ser o meio da sala de aula, e disparou um muito audível:

- Mas vocês ... estão a gozar comigo!?

Quinze, pensou Paulo Lam. Quinze anos a pactuar silenciosamente com um sistema de ensino caduco e atrofiante, deste e do outro lado do Atlântico, sem qualquer tipo de chama criativa, para agora, no final desse mesmo sistema, ser acusado de estar a gozar com um *banal* professor. Um funcionário. Um burocrata das ideias. *Realmente, era o que me faltava. Tens cá uma lata... Pêra aí que já te faço a folha... Fica aí direitinho...*

O professor continuou a sua investida cega e inconsciente ao mais profundo âmago do sistema educativo, para repetir à frente a fatídica e maliciosa pergunta:

- Mas vocês ... estão a gozar comigo!?

Lam esperou uns segundos. A indignação dos seus colegas era imensa, mas ninguém ousava falar. Sentia que a sua argumentação teria de ser: eficaz, convincente, certa. Nem mais nem menos um segundo, e a entoação era também importante.

E, quando aquele ser se preparava para continuar a sua risível ladainha, atirou:

- Não, Senhor professor. Não estamos a gozar consigo.

A turma ficou em estado de choque. 15 anos tinham sido suficientes para adormecer-lhes o amor-próprio. *Tudo bem, eu consigo sem vocês. Ora fiquem aí a ouvir, descansadinhos...*, e continuou:

- Senhor professor, eu por acaso até sou de matemáticas. Mas esta gente é de ciências sociais. Muitos nem têm o 10º ano de Matemática...

Mais uma pausa. O ritmo era diabolicamente lento, e à medida que falava, tanto o tom de voz como a sua postura na cadeira se afundavam como um Titanic preguiçoso. Muito, muito preguiçoso. Lam atalhou (*o tipo deve*

perder-se em discursos longos), e logo concluiu com um ambíguo:

- Talvez se desse a matéria de outra maneira...

, a que se seguiu um vazio absoluto.

A bomba caiu onde e quando o professor menos esperava. Com algumas palavras certas, Lam tinha posto em causa a falta de competência do professor, e os seus argumentos agressivos iniciais fizeram ricochete total. Todos o sabiam e todos o sentiam. O professor parou - mas não para pensar - umas centésimas de segundos. Depois, entrou em histeria:

- Mas quem é você? Quer dizer-me agora como se deve ensinar?

Lam permaneceu silencioso como um túmulo amaldiçoado.

E o seu silêncio foi tão incómodo e a reacção do professor tão desesperada, que foram os próprios alunos das carteiras da frente a darem-lhe razão no seu insulto à turma, e a tentar acalmá-lo. *O medo continua a imperar...*

Lentamente, Lam emergiu do oceano da sua cadeira. 1 a zero...

Munido de uns olhos terríveis cravados em plena sombra do outrora professor, Lam fixou-se no meio da sala. O seu caminhar tinha algo de sonâmbulo, mas também de felino. Era evidente o medo, em todos. A sua presença tinha-se tornado demoníaca.

Uma fracção de segundo depois, e com um gesto brusco e seco, revelou a sua mão esquerda sob o casaco leve de camurça, e o seu dedo indicador iniciou uma perigosa e imprevisível dança, balançando ao redor do pulso como um ambíguo pêndulo. Dir-se-ia que um enorme sinal de STOP acabava nesse momento de ser esculpido no seu rosto.

O denso silêncio tornou-se insuportável. De repente, saiu intempestivamente da sala, deixando atrás de si o rasto da fúria silenciosa que só a dignidade ainda tem.

TEMPESTADE - VIII

2000

O ritmo do eléctrico era vagaroso, e parou em frente à Universidade para receber alguns turistas. As portas abriram-se automaticamente, deixando-os entrar com a pachorra de quem bebe um café de manhã, num feriado.

O reitor ficou a olhá-lo, permitindo-se a calma necessária para o ver partir, lá para os lados de Belém. *Enfim, ao menos isto para me distrair.*

Levantou-se para ir buscar um livro de Max Weber à estante de mogno maciço. *Uma antiguidade. Hoje em dia ninguém dá valor às antiguidades. Estes jovens pensam que o tempo é eterno.*

Voltou a sentar-se. A secretária era também ela antiga, em forma de U invertido, e as suas pernas já mal cabiam no espaço que lhes tinha sido destinado, por baixo do tampo.

Em cima da secretária, destacava-se uma folha de papel, meio amachucada, entregue por um professor em fúria, exactamente às 11h34 dessa manhã. Um papel que lhe tolhia os movimentos há mais de meia hora.

E aquele livro de Weber fora apenas a última réstia de esperança, a última tentativa de se acalmar.

Estava agora em frente a esse papel. E era óbvio que ele não iria desaparecer...

Alguém ou algo bateu à porta do gabinete. O outro lado dessa porta estava bastante silencioso. Cerimonioso, talvez.

- Sim? És tu, Lopes?

- Senhor reitor? Tem aqui um senhor para falar consigo. Posso deixar entrar? Chama-se Mast ou Massa, qualquer coisa assim. Um nome esquisito. É estrangeiro.

O reitor sentiu uma bênção percorrer-lhe todo o corpo.

- Lopes, deixe o meu salvador entrar, peço-lhe.

- Ele não se chama Salvador, senhor reitor, é Mass qualquer coisa.

- Lopes!

- Desculpe, senhor reitor... Senhor Mast, entre por favor.

A sombra de uma figura elegante assomou-se à porta. - *Não é Mast, é Masse!*

- Entre, Victor!

O reitor levantou-se lentamente. Os seus 63 anos não lhe permitiam já grandes veleidades, e cumprimentou Victor Masse com um abraço que só os dois compreendiam.

- Meu caro, julgava-te no Chile! A que devo esta honra?

- Sérgio, vim de férias por uma semana a Portugal, ver como está o meu protegido. Ele está a evoluir bem, aqui na Universidade? As suas notas como estão? Tens acompanhado o rapaz?

O reitor fez uma carantonha, e afundou-se num sofá de pele genuína contíguo à sua secretária.

- Victor, senta-te por favor.

Victor Masse compreendeu imediatamente. *O maldito feitio de família...* Torceu o lábio.

- Ouve, Victor, tens de me ajudar. O Lam está com dois processos disciplinares em cima. Um deles foi-me entregue esta manhã. Ele desafia a autoridade dos professores às claras, recusa-se a fazer o trabalho de fim de curso que lhe foi recomendado, e tem amigos que o ajudam nessa rebaldaria. Se queres que ele conclua o curso, é bom que te lembres de uma

poção mágica qualquer. Os meus professores recusam-se a passar-lhe o diploma, e eu dou-lhes toda a razão. E ele vai passar o resto da sua vida ou aqui na Universidade a arranjar problemas, ou noutra sítio qualquer a arranjar outros problemas, a menos que arranjes uma solução. Até agora tenho retardado o andamento dos processos disciplinares, mas já andam a pressionar-me. O Lemos... o António... o Carlos... todos querem uma punição exemplar.

Victor respirou fundo.

- Que chatice... Esse rapaz foi praticamente criado por mim... Prometi à família que cuidava dele. Prometi-lhes isso, para sempre, sabes? Que desilusão... Olha, Sérgio, dá-me algum tempo, tenho de pensar bastante.

- Victor, tens até esta sexta-feira. Salva-me desta. Bem sei que é o teu rapaz. Mas há certas situações que já não dá para esconder...

- Tudo bem, Sérgio. Na sexta, sem falta, dou-te a ideia.

Victor levantou-se e estendeu a mão ao reitor.

- Quando voltas ao Chile, Victor?

- Tenho ainda de ir a Badajoz, uns assuntos num Banco. Na próxima terça-feira devo voltar a minha casa. Os tipos da NASA não me deixam em paz, tenho de recomeçar a trabalhar quanto antes. Parece que há um novo composto químico qualquer. Enfim... bem, diz ao Carlos para ter calma. O meu rapaz... sei que ele não é muito ponderado, mas também sei que no fundo não faz mal a uma mosca.

- Victor, vai em paz. E boa viagem.

A porta abriu-se de novo. A sombra elegante era agora mais trémula, e movia-se fazendo pequenos gestos bruscos.

- Victor! Antes de te ires...

- Sim...?

- A tua ideia...

.. terá de ser absolutamente G-E-N-I-A-L...

TEMPESTADE - IX

1998

A Associação de Estudantes estava estranhamente silenciosa. Os alunos que se dirigiam até lá para comprar as sebatas do novo ano lectivo deparavam-se com uma folha em branco colada com fita-cola na porta fechada, que tinha escrito em palavras garrafais: “Reunião - Não Incomodar” a marcador verde.

- Que letra horrível... Marta, ouviste falar nesta reunião de hoje da Associação?

- Não. Mas se calhar é normal. Daqui a uma hora já devem estar abertos. Vem, vamos para o refeitório, tenho de falar com o pr...

- Ora esta! Fechados...? A esta hora da manhã? Marta, sabes alguma coisa...

- Não. Estávamos mesmo agora a falar disso. Bom, vamos, Mónica. Até logo, Hugo.

- Xau.

O silêncio exterior escondia um tumulto interior, que decorria na segunda sala da Associação de Estudantes. A sala das reuniões importantes, da organização de

tarefas anual, para os funcionários-estudantes.

- Lam, tudo isso é muito bonito, mas quem nos diz a nós que tu...

- Eu mantenho a minha palavra de honra acima de todas as coisas. Ora, isso é bem melhor do que o Tiago alguma vez vos oferecerá. Não é, Inês...?

- Eu... eh, acho tudo isto...

- Perigoso, Lam, disse finalmente Pedro, para quebrar o impasse da conversa. - Demasiado perigoso. Se nós deixamos as praxes, ficamos sem o apoio do Conselho Executivo, e isso...

- Ah, mas não são só as praxes que vamos deixar, meus amigos... as reuniões com o Conselho Pedagógico vão ter novas regras... oh, se vão..., vamos ter uma palavra nova a dizer na Associação Nacional dos Estudantes Universitários, deixam de existir as manifestações *espontâneas* ao lado dos outros carneirinhos, vamos ter exposições de instalações de arte contemporânea que ponham a nu o que significa actualmente o ensino superior, com a devida explicação de críticos de arte moderna que não estejam comprados pelos jornais do costume...

- Tudo isso é...

- Demasiado revolucionário, Anabela?
- S... sim, nós não temos pod...
- Poder para fazer isto? Ah, mas se somos nós estudantes o suficiente para pagarmos as nossas propinas, também o somos para, de pleno direito, assumirmos que...

- O que se passa aqui, posso saber? O que fazes aqui, Lam?
- Eu? Estás a falar comigo, Tiago? Quero lembrar-te que...
- Que, o quê? Que fazes parte da secção pedagógica da Associação de Estudantes? Ah, mas isso é simples de explicar: olha, foi apenas um favor do teu amigo... Pedro. Não é verdade, Pedro?
- Hm...
- De qualquer maneira, não tens nenhuma influência aqui, és demasiado...
- Radical?
- Sim, é isso.

Eu ia dizer: inteligente, seu idiota...

TEMPESTADE - X

As três turmas, uma de Sociologia, uma de Psicologia e outra de Antropologia, estavam na sala há mais de 15 minutos. A conversa era posta em dia a um ritmo ensurdecador.

Mais de 250 almas habitavam a aula magna da Universidade. A sala dos congressos, das reuniões importantes para a vida da Universidade. Era uma honra só o facto de estar ali, mas também e sobretudo um dever de obediência à tradição da casa. Naquela sala tinham leccionado pedagogos excepcionais, mentes brilhantes, mas uma mais do que todos tinha deixado a sua marca: Afonso Nunes. Ex- membro de governo. Ex muitas coisas; um currículo impressionante. Um homem que, dizia-se, era a autoridade da sabedoria. Apesar de pertencer a um partido que alguns apelidavam de extrema- direita, talvez fossem os alunos de tendências esquerdistas quem mais apreciava a sua aura de excelência e, afinal de contas, ele tinha-se afastado da nova geração de políticos, como que para conservar a lucidez de análise. E estava lá, naquela sala, a aula magna, uma tela emoldurada a preceito com o seu rosto grave, para que as gerações de alunos que por ali passavam

sempre perguntassem: - *Quem é aquele?*, ao que se seguiria a entoação em surdina do seu mítico nome, como algo que se teme às nascença.

Um velhote simpático é escoltado ao seu púlpito. É uma moça jovem que o traz, talvez uma professora estagiária. Ao já clássico bom dia, segue-se em unísono o mesmo bom dia, por parte dos imensos alunos ali presentes. O ensurdecedor ruído de fundo cessa, como uma abelha que tivesse sido esmagada em pleno voo. A memorável aula tinha começado.

O professor fala de conceitos genéricos das ciências sociais e, no meio de uma amálgama de ideias, lança o anzol à ainda distraída audiência:

- Alguém sabe o que é Carisma? Pensem neste conceito. Daqui a uns minutos vou perguntar-lhes de novo, e espero ter uma resposta sobre a definição correcta de: Carisma.

Lam acordou, de súbito. *Carisma. O conceito de carisma. Será mesmo verdade que este professor tenha perguntado isto? Será possível que ele queira mesmo saber o que pensamos sobre o conceito? Que peça de*

facto a nossa opinião? Em 4 anos de Universidade, seria a primeira vez... é de desconfiar...

Paulo Lam conduziu os seus pensamentos até ao âmago do conceito de líder, base conceptual de Carisma.

Pensa, pensa depressa, caramba. Tens apenas alguns minutos.

Líder nato. Uma frase que fique no ouvido, que não seja questionável, com uma beleza inultrapassável, incontestável por qualquer professor...

A expressão de uma superior ideia...
Superior.

Emanação de uma verdade absoluta...
Irradiação.

Uma característica de líder... A característica primordial de um líder...
Personalidade forte. É isso. Personalidade.

Agora, juntando as peças... Irradiação Superior de Personalidade.

Esta expressão é única, nunca poderá ser alterada. Só um brainstorming certo, só a intuição permite lá chegar... *Encontrei.*

Agora, é só aguardar que ele faça a fatídica pergunta ao pessoal... Espera aí que eu já te digo...

O professor falava, entretanto, do rol de desgraças pessoais a que tinha estado sujeito nos últimos anos: cataratas nos olhos..., pedras nos rins..., não podia ser operado a X por causa de Y e não podia ser operado a Z por causa de X... *bom, este é uma presa fácil... deixa-o poisar...*

Quando, finalmente, o professor endireitou os óculos sobre o adunco nariz, Lam estava um pouco nervoso, pois tinha tendência a esquecer-se facilmente do que pensava.

- Bem, agora que já fiz a introdução da aula, volto a perguntar: qual é, para vós, a definição correcta de carisma?

Na sala levantou-se um burburinho que foi aumentando. Mas ninguém levantava a mão para responder. *Típico da carneirice militante que grassa nesta Universidade, enfim...*

Fazendo render o peixe, Lam lá ergueu o braço. O professor teve de ser alertado para aquele braço misterioso, plantado no meio da sala, que aparentemente o desafiava. Paulo Lam via o professor de cima do pequeno anfiteatro; a aula magna tinha uma estrutura semelhante aos teatros gregos. Isso era precioso, uma grande vantagem. *Quem vê de cima, vê melhor...*

- Ah! Vejo que há um aluno que pensa saber a definição de: Carisma. Este é um conceito muito complexo, relembro a todos, e já houve muitos cientistas sociais que tentaram estabelecer uma versão definitiva deste conceito. Diga, meu caro jovem, diga. Já agora: qual é o seu curso?

- Sociologia, disse secamente Lam.

- Vamos lá então ouvir o seu conceito.

Um silêncio curioso tomou a aula magna de assalto, à medida que aquele jovem mostrava uma calma olímpica, ao enfrentar o professor.

- Irradiação Superior de Personalidade.

O professor deixou passar alguns enormes segundos. O seu corpo deixou de estar descontraído. À medida que a sua postura ganhava alguma indisfarçável rigidez, os 268 alunos riam entredentes, gozando com a aparente inviabilidade teórica daquele conceito.

Quando, no momento seguinte, o professor tomou de novo a palavra, essas vozes calaram-se para sempre.

- O senhor acaba de me dar a verdadeira aceção do conceito de Carisma, senhor...?

- Lam. Paulo Lam.

Os alunos riram-se. Tudo aquilo parecia uma das típicas tiradas de: Bond; James Bond.

- É isso mesmo: irradiação de superior personalidade. E esta definição, caros alunos, aplica-se directamente a um dos maiores líderes que Portugal já conheceu: Nuno Borges de Carvalho.

Paulo Lam ficou de certo modo aliviado com a aceitação sem condições da sua definição de carisma, mas algo ali não batia certo; não só a expressão lhe parecia estranha, como também Nuno estava longe de ser um herói da sua juventude. *Meu Deus, outro político...* enfim, óbvia a escolha deste nome - foi de direita, morreu ao estilo de James Dean - , mas limitado.

Ora vamos lá outra vez... mais outro brainstorming, este para revelar onde estavam as bases para estes dois erros: um conceptual, outro de casting.

Analisemos o conceito a fundo...

Irradiação de Superior Personalidade.

Mas... não foi isto que eu disse! A minha definição é: Irradiação Superior de Personalidade. Só assim o conceito permanece geral e abstracto, aplicável em TODOS os casos, como todas as boas leis! E só assim, este conceito pôde ser aplicado ao caso particular Nuno Borges de Carvalho!

Cresceu em Lam um sentimento de incontida revolta. Imediatamente, com o coração a bater descompassadamente, colocou a mão de novo no ar, assinalando a sua vontade de falar de forma bem visível. O professor, que nesta altura ainda dissertava sobre as extraordinárias capacidades de liderança de São Nuno, demorou um pouco a aperceber-se do braço levantado. Mais uma vez foi alertado para o facto, e teve de consentir uma nova intervenção a Lam.

- Senhor professor, esse conceito poderá ser o seu, mas não é de forma alguma o meu. Eu disse: Irradiação Superior de Personalidade, e não: Irradiação de Superior Personalidade. O senhor professor alterou a posição da preposição: *de* na expressão do conceito, posição essa que lhe retira todo o sentido. Por favor diga-nos a todos qual é de facto, para si, o conceito que deverá prevalecer.

O professor estacou, no meio do estrado principal. Não esperava isto. *Que diabo, o que faço agora?* Alguns segundos se passaram, demasiado dolorosos para todos. Sobretudo para Lam, que ainda acreditava na palavra: Pedagogia.

O professor manteve-se em absoluto silêncio e, depois desses breves mas longos segundos, continuou a sua dissertação sobre o tema de carisma sem pestanejar.

Furioso, Paulo Lam pediu desculpa aos seus colegas de carteira, colocou o caderno da disciplina sob o braço, e desceu com passo lento e ponderado, sempre olhando de modo desafiador para o professor, que se mantinha bastante conversador e aparentemente alegre.

Quando estava já ao mesmo nível dele, Lam parou por uns momentos, e abanou a cabeça, desiludido. Toda a turma o viu, sem compreender a totalidade daquele sentimento. O professor disse então aos dois professores estagiários ali presentes, por gestos, para ficarem imóveis.

Lam saiu da sala. A porta fechou-se suavemente, por fora.

O pesadelo tinha acabado.

Lam não o podia saber, mas, não muito longe dali, uma jornalista revelava à comunicação social que um Ministro teria alterado a posição de uma só letra na elaboração de um Decreto - Lei, a troco de mais de 500 mil euros.

TEMPESTADE - XI

2000

Sérgio estava a suar em bica. Tinha andado desde Belém, sob um calor infernal de um mês de Setembro demasiado quente, o mais quente desde 1977 em Portugal. Lopes vinha da sala 4B, para onde o professor Lemos o tinha chamado porque precisava de giz branco. Já era sexta- feira, e ele, como bom funcionário público, contava os minutos para ir para casa. E, quando viu o reitor, ficou lívido.

- R... reitor... S... senhor reitor, o que se passa...? Oh, meu Deus!

No momento seguinte, o reitor deixou-se cair nos braços de Lopes.

- Dona Lurdes, dona Lurdes, vá chamar o Horácio, lá na secretaria, depressa!

- Está bem, Lopes, já vou!

- Senhor reitor, sente-se aqui na cadeira da dona Lurdes... venha.

- Deixa-me, Lopes, leva-me para o meu gabinete já, eu...

- Está muito fraco, senhor reitor, vem a andar desde onde?

- Desde Belém, e este calor... o meu carro avariou-se, e não passava nenhum táxi... horrível.

Lopes conduziu o reitor lentamente para dentro da sua sala. Estava totalmente às escuras, naquele fim de tarde abafadíssimo e mais escuro que o habitual.

- Sente-se aqui na sua cadeira, senhor reitor, vou acender as luzes e...

- Não faça isso! Quero estar às escuras, senão o calor aumenta. Traz-me um copo de água: estou um pouco melhor...

- Imediatamente, senhor!

Sérgio tentou acalmar-se um pouco. O seu ritmo cardíaco voltava lentamente à normalidade. Sorveu o ar ainda fresco da sala e aguardou uns segundos, tentando ficar em silêncio. Acendeu a luz do candeeiro da sua secretária.

- Mas... o que é isto?!? Lopes! Eu eh...

- Tem calma, Sérgio...

- Quem é que está aí?!?

Na penumbra da sala totalmente às escuras sobressaiu então uma sombra, que avançou lentamente para a secretária do reitor. A luz do candeeiro apenas iluminava

um pouco da secretária e um pouco do seu redor.

- Sou eu. Voltei, Sérgio.

- Ahh... meu Deus. Victor, pregaste-me cá um susto... Já não basta esta caminhada infernal... mas vocês querem matar-me, ou quê??

- Tem calma. Deixei-te aí o jogo, na tua secretária.

- Um jogo?? É um jogo, aquilo que me assustou...? Mas eu pedi-te...

- Pediste-me uma ideia genial. Pois, aí a tens. E que ideia poderá ser mais genial que um jogo, podes dizer-me?

- Sim, de facto... mas, em que consiste este jogo...?

- É um jogo do conhecimento. Pediste-me uma coisa que seja virtualmente impossível de resolver, se bem me lembro...

- Sim, a ideia era essa, realmente... o teu Lam não deve conseguir passar... para nós o expulsarmos tranquilamente... eu sei que isto vai custar-te muito, mas... enfim, deves conseguir empregá-lo por aí, afinal este é o país das cunhas, e...

- Não te maces a dar-me explicações sobre o que vocês vão fazer ao meu rapaz. Sou da casa, portanto, sei o que a casa gasta. Não deve haver exceções, nem o meu amor-próprio o admitiria...

- Sim, eu sei. É pena.

- Pois é. Já agora, para que saibas: eu entrei pela porta secreta, aquela que vai dar à...

- Chiu! Estás maluco? O Lopes pode entrar a qualquer momento, e eu...

- Posso entrar, senhor reitor?

- Entre, entre, Lopes! Entre, traz-me o copo de água?

- Sim, senhor, aqui o tem. Boa tarde, senhor Masse.

- Boa tarde, disse secamente o professor.

- Desculpe-me aquilo do outro dia, eu sou relativamente novo por aqui, comparado com o seu percurso nesta casa, e já não me recordava do seu nome...

- Deixe lá, Lopes. Sérgio, vou andando. Se precisares de mim, tens o meu telemóvel.

- Tudo bem. Já tenho o que precisava. Está tudo neste envelope, aqui na secretária?

- Está tudo aí. Até logo, então. Adeus, *senhor* Lopes.

- Até à próxima, senhor professor, até à próxima. E boa viagem.

- Obrigado. Deixe estar, eu sei o caminho de saída.

- O senhor professor estava um pouco triste, não acha, senhor reitor?

- Todos temos de fazer sacrifícios. Já os romanos os faziam, Lopes!

- Ah. E ele teve de fazer algum sacrifício, foi...?

- Teve. E foi um Grande sacrifício, Lopes, acredita. Fecha a porta, quando saíres. E já podes acender as luzes.

Lopes encaminhou-se para a porta rapidamente. Quando estava quase a sair, foi interrompido pela estranha pergunta do reitor.

- Lopes... mais uma coisa.

- Sim, senhor reitor?

- Tu gostas de jogos?

- Bem, eu eh... gosto. Gosto sim. Porquê?

- Porque, meu caro Lopes, o jogo vai começar!

TEMPESTADE - XII

Pedro estava céptico: um shot ser melhor que Baileys?

- Carlos, explica-te, disse, enfasiado.

- Olha, Pedro, é simples: o melhor do shot é a companhia. Claro, o Baileys é muito mais cremoso, o shot mais ácido e tal, mas a companhia feminina, meu caro Pedro, faz toda a diferença...

Jorge assentiu, com um leve aceno de cabeça, e os três deram risinhos de satisfação.

- Bem, olha-me práquelas garinas!

- Onde, onde?

- Aquelas que vão ali, pá, a bifa e a outra, que deve ser a mãe dela. E que ainda é mais boa que a filha...

- Yap, tou a ver. Meu Deus, que par... Aquelas precisavam era de um Zezé Camarinha, era o que era...

- Ahahah! O tipo deve bater esta praia também, pá, não deves andar longe da verdade!

- Bom, acho que vou ao banho, people. Querem vir?

- Não, alguém tem de ficar a vigiar as coisas, não se pode facilitar, disse Jorge. - Vão vocês, eu fico por aqui.

Jorge tinha razão. A praia de Trafal, no concelho de Quarteira, Loulé, já tinha sido bem mais segura que agora. Frequentada sobretudo por *camones*, só no ano passado tinham-se registado na polícia local 12 tentativas de furto. E em apenas 3 desses furtos os ladrões haviam sido capturados. Dois eram ainda menores, e portanto o castigo ficara sem efeito. Já tinha sido uma praia mais sossegada, era preciso estar alerta.

Jorge ficou a ver os seus dois amigos afastarem-se, conversando, num horizonte não muito longínquo, até à água. A praia estava bem composta, mas não lotada: tal como ele gostava.

Recomeçou a ler o seu Anjos e Demónios, com a calma do costume, quando o telemóvel de Carlos tocou. *Que música irritante, que diabo... o melhor é atender.* Verificou o nome no visor do telemóvel e leu as 6 letras que lá estavam de uma só vez. Ficou rígido, e leu-as de novo, agora uma por uma.

O preguiçoso visor indicada a palavra fatídica:

R-E-I-T-O-R.

A música irritante continuava e começava a incomodar os vizinhos do areal, que olhavam, incomodados. Jorge enrolou rapidamente o telemóvel à toalha de Pedro. A música parou uns segundos depois.

Uff... Fiz bem. O Reitor é da velha guarda. Para ele, relações profissionais na Escola nada têm a ver com amizade. Se ele sonhasse que estamos a ter férias juntos, expulsava-nos e faria tudo para que não pudéssemos leccionar em mais lado nenhum. Caramba... um único telefonema..., se eu atendesse estragava tudo.

Jorge suava. Mas não era do calor.

Alguns minutos depois, Pedro e Carlos aproximavam-se, lentamente. Jorge reparou na tez morena de Pedro, e na leve camada de gotas de água salgadas que lhe cobria o corpo. Os seus movimentos eram estranhamente lentos, vindos de um qualquer filme mudo; o oceano tinha-lhe conferido poderes de sonhar mais profundamente, como acontece às crianças e loucos.

Pedro. Como é belo.

- Carlos, o reit... hm.

Alguém te telefonou.

TEMPESTADE - XIII

Carlos. João Reis. O reitor foi o último a entrar. A sala de professores ficava ao fundo de uma escadaria circular, que subia até uma porta muito alta, de estilo quase árabe na sua parte superior.

Lopes tinha-o avisado. *Hmpf... bom trabalho. Temos de estar sempre atentos a estas coisas. Há que atalhar caminho, isto não se pode voltar a repetir.*

Passaram pelos dois sofás à entrada, e procuraram com o olhar o prevaricador. Finalmente, Carlos disse em surdina ao reitor:

- Está ali ao fundo. Venha.

Manuel dos Santos era a última aquisição dos quadros pedagógicos da Universidade. Tinha sido altamente recomendado. Um bom currículo, talvez, mas as relações pessoais indispensáveis?, sem dúvida. Jorge tinha sido o seu patrono naqueles corredores esconsos, mas alguns apontavam-lhe defeitos: demasiado simpático. Demasiado sincero. Demasiado estudioso, até. Demasiado competente. No fundo, um: demasiado humano estampado

no rosto, de alto a baixo. Na casa dos trintas, os seus trejeitos não escapavam aos mais atentos. E Lopes era um desses: *não deixar escapar nada*. Era o seu lema de vida. E também a sua certidão de sobrevivência na Universidade. Ali, como em qualquer lugar. *Num mundo cão, tens de ser lobo*, tinha-lhe dito certa vez o pai, ainda ele era muito novo. E ele não se esquecera. De nada, de nada do que o pai lhe tinha ensinado. Ele sabia-o: na escola não tens de ser inteligente, tens só de saber obedecer. *O conhecimento? Isso come-se?* Estava de facto a mais em tudo isto. *Em mundo de cão, sê lobo*. Apenas tens de ser lobo, e tudo vai correr bem. Os outros que se preocupem com os bons sentimentos. *A mim pagam-me para estar atento. E eu obedeço*.

Manuel arrumou a sua papelada no cacifo. Marx, Weber, Comte e ainda alguns autores americanos mais recentes da Escola de Chicago foram amontoados em menos de um segundo. *Tanta tralha... tenho de preparar a aula de quarta-feira o mais tardar até amanhã...*

- Ohh!

Três folhas caíram do cacifo, despreocupadas. Baixou-se imediatamente

e, quando se estava a levantar, reparou nas sombras que três corpos semeavam no chão, à sua frente. E, quando os seus olhos fitaram os dos três homens que pareciam estátuas, Manuel dos Santos balbuciou algo de incompreensível, e o medo apoderou-se dos seus gestos, traindo-o.

- Como está, meu caro Manuel?, disse Carlos. João continuou:

- Será que lhe poderíamos dar dois dedos de conversa?

O reitor continuava silencioso. O seu rosto estava carregado como uma nuvem prestes a desabar em tempestade.

- C...c... claro...! Estava agora mesmo a arrumar aqui uns... não terminou a frase porque o reitor interrompeu, enfasiado:

- Bom, senhores, deixo-os com o nosso noviço. Sejam brandos com ele, peço-lhes.

Os dois anuíram, com sorrisos cúmplices.

- Quanto a si, Manuel, seja prudente, e ouça com muita atenção o que estes senhores lhe vão dizer. Há muita sabedoria nas palavras deles.

E, com um olhar de relance capaz de matar um águia em pleno voo, deu meia volta,

caminhando até à porta. Abriu-a, voltou-se para trás, olhando de novo para Manuel dos Santos. Um segundo depois, a sombra do reitor Sérgio juntava-se à das estatuetas romanas da escadaria.

- Ponha-se à vontade, Manuel! Sente-se!

Aos dois sofás pequenos de pele genuína juntou-se-lhes um terceiro que João foi buscar ao outro lado da sala, sem esforço.

- H...h... há algum problema?, perguntou Manuel.

- Não! Nenhum!, nenhum, mesmo.

- Sim, não há nenhum problema, Manuel, confirmou João.

- Há apenas um pormenor que está talvez a faltar, nesta sua nova experiência aqui na Universidade, meu caro.

- Sim. E o reitor disse-nos para falarmos consigo, exactamente sobre esse pormenor.

- Q...q... que pormenor? Tenho sido cumpridor, parece-me... tenho preparado as aulas, e... mais uma vez, Manuel não pôde concluir o seu raciocínio. Carlos antecipou-se, desta vez.

- Manuel, diga-me... o que acha do ensino universitário? Constou-me que vem do ensino básico, não é? Deve ser um sistema

de ensino bastante diferente, não...? Manuel?

- Bem, o ensino básico está...

- Sim, interrompeu de novo desta vez João - o ensino universitário é completamente diferente... completamente!

Desta vez Manuel não respondeu. Parecia-lhe tudo aquilo um jogo de retórica. O que é que o reitor tinha vindo ali a fazer? Começava a sentir medo daqueles dois. Esperou um pouco. Então, Carlos prosseguiu:

- Sabe, o reitor tem certa dificuldade em entender o que se passou esta manhã... lembra-se?; na oral de Sociologia Política, com a professora Clara... parece-lhe tudo aquilo demasiado ... como direi... olhe, surrealista!

- Para não dizer inacreditável, mesmo, concluiu João.

Surrealista? Inacreditável? O que diabo se tinha passado na oral de Teoria Social? Ele, Manuel dos Santos, estivera nessa prova oral e não notara nada fora do comum.

- Desculpem... algo inacreditável...? Eu estive lá... e não vi nada de especial...! Receio não estar a perceber...

- Manuel... Manuel, Manuel, Manuel... estou a ver que temos de rever a matéria na totalidade, meu caro.
- Sim, pensávamos todos que essa fase já tinha sido ultrapassada... todos nós, o reitor, eu, o Carlos. Seria uma desilusão... um professor tão competente como o Manuel...
- Carlos. João. Não estou a perceber nada do que estão a dizer. Expliquem-se, por favor. O que se está a passar?
- Então, meu caro Manuel, foi logo dar razão ao Paulo Lam na oral de hoje de manhã? Não vê como ele é um arruaceiro?
- E dos perigosos...
- Sim! E dos perigosos!
- Enganam-se. Lam é muito inteligente. Não há aluno nesta Universidade que se lhe compare, dou-lhes a minha palavra de honra.
- Guarde-a, Manuel.
- Sim. Pode vir a precisar dela mais tarde...

Fez-se um silêncio por algumas fracções de segundo. Um silêncio... doentio.

Os dois homens observavam com uma surda satisfação de dever cumprido as gotas que se formavam na testa de Manuel. Apesar da sala estar bastante fresca, ele

começava a suar abundantemente. Sentia calor. Um calor... insuportável.

- Diga-me, Manuel... o que pensa da transição do ensino primário para o básico? E do facto de se passar de apenas um professor para uns sete ou oito...?

- Bom, parece-me lógico.

- Já lhe chamaram muita coisa. Lógico é a primeira vez que oiço...

- Eheheh, anuiu divertido João.

- Bem, a figura paternal ou maternal no ensino primário faz todo o sentido.

- Ai sim? Explique então porquê.

- Isso tem que ver com as fases do crescimento de uma criança, é do senso comum, toda a gente sabe que... mas, porque pergunta?

João respirou fundo e retomou as hostilidades:

- Então se tudo isso é de senso comum, poderá explicar-nos também porque é que o ensino universitário existe, não será?

- Sim, o ensino universitário é o final do percurso escolar. Transmite imensos conhecimentos aos estudantes e...

- Desculpe?, a cara de Carlos exprimia uma súbita e séria preocupação. - Disse: *transmite imensos conhecimentos?*

João riu-se à gargalhada e exclamou:

- Esperemos que não! Meu Deus, que ideia essa! Meu caro Manuel, ó Meu Caríssimo Manuel!

- Desculpe?

Manuel dos Santos estava atônito. Não compreendia onde aqueles dois queriam chegar.

- Bem, se não serve para transmitir conhecimentos, então não sei o que é que a Universidade...

Carlos interrompeu-o bruscamente:

- Ainda não compreendeu, pois não? Manuel, estas paredes não foram feitas para se ensinar a tabuada dentro delas, pelo amor de Deus!

- N... não? Mas então...

- Subsídios, disse João quase em surdina. - Já ouviu falar?

- Ordenados.

- Reformas

- Douradas - também...

- Estas paredes, continuou, divertido, João, - são subsidio dependentes. Manuel!

- Já ouviu talvez falar em Estado...? Hm?

- Mas... as gerações que todos os anos por aqui passam, os alunos que se formam, não...
- Não.
- Não, Manuel dos Santos. Não., assentiu João.
- Erro crasso. Eles não se formam... são formados.
- Formatados, para ser mais preciso, Carlos.
- Sim, de facto. É que, Manuel, tem de entender isto... é um erro pensar. É mesmo o maior dos erros.
- Pensar é um defeito muito feio: perigoso. Muito perigoso...
- Não os podemos deixar pensar. Por que razão pensa, Manuel, que os alunos vêm de um ensino no qual decoravam vinte páginas e passavam com belíssimas notas, encantados da vida, e aqui temos quatrocentas páginas em média, por disciplina, preparadinhas para os acolhermos como só nós sabemos?
- Decoram na mesma, Manuel.
- Mas é muito mais. E assim deixam de pensar.
- Ora, nem mais.

Pararam por instantes e depois repararam em Manuel, que começava a ficar meio atordoado com todos aqueles argumentos aparentemente infalíveis. Estava completamente confuso, e isso notava-se a léguas.

-Bom. Vamos ter mesmo de começar desde o princípio, como eu receava, João.

- Assim parece. Tens a palavra.

- Meu caro Manuel. Para que é que são feitas as escolas?

- Para... ensinar, transmitir conhecimento, como eu já disse, para dar aos alunos as ferramentas que lhes permitirão alcançar no futuro...

- Meu Deus! Tantas boas intenções! E o mundo é piedoso! E viveremos todos felizes! E haverá paz duradoura por toda a eternidade! Mil vezes não! Oh Manuel! Não me tire do sério, por favor.

Manuel afundava-se no seu pequeno sofá de cada vez que Carlos argumentava. Nada daquilo parecia fazer sentido. Nem um pouco.

- Manuel. Se os alunos pensassem, seria a anarquia.

- O caos, completou João.
- E o que se segue ao caos, Manuel?
- A confusão social. A que se segue isso?
- Muito provavelmente, um regime autoritário.
- E a seguir, a ignorância transformada em bandeira.
- É isso, o que quer? É isso, Manuel?
- Mas eu... apenas disse ao professor Lemos que Lam tinha razão, que Marx de facto era o autor daquela ideia, que agora já está meio esquecida, mas...
- Manuel! Não.
- N... não...?
- Desautorizou um professor muito respeitado nesta Universidade. Sabia isso? Sabia isso, Manuel?
- Sim. Muito respeitado. Muito grave. Um gesto muito muito grave.
- Um mestre. Um verdadeiro mestre.
- Muito respeitado mesmo, reforçou ainda Carlos.

Carlos desejou estar ainda na praia. Ter de pregar estaladas intelectuais a imberbes, nesta altura da minha vida... Mas o que é que estes tipos aprendem nas escolas por

onde passam? Santa ingenuidade... De seguida, lamentou:

- E nós que tínhamos tantas esperanças em si... um sólido currículo... um gosto genuíno pelo ensino... uma personalidade cheia da frescura da juventude...

- Iria trazer uma lufada de ar fresco a esta Universidade, Carlos, podes estar certo disso...!

Manuel estava lívido.

- Iria...? mas Carlos..., o que se passa, afinal? Vou ser... vou ser despedido? Tenho neste momento a minha mulher doente, dois filhos... sou o único ganha pão da família... o que me vão fazer...? Não façam isso, por favor!

Carlos e João olharam demoradamente um para o outro. Aquele parecia ser um caso perdido.

- Manuel, não podemos de forma alguma alterar a vontade do Conselho Executivo desta casa... querem fazer deste caso um exemplo, sabes... tudo isto está muito mal parado para ti...

- O João tem razão, Manuel. O Conselho Executivo está com a decisão praticamente tomada... e depois disto terias a vida

dificultada no ensino superior... não estou a ver como te poderíamos safar desta.

- Mas... o caso é mesmo sério? Carlos, tu deves estar por dentro... diz-me! O que se diz no Conselho Executivo?

Carlos refrescou-se com o copo de água de Manuel.

- João... só vejo uma maneira... sabes, aquele assunto que falámos esta manhã...

- Qual assunto? Ah! Sim... mas não estou a ver...

- Sim, João, acho que é possível... bom. Manuel. Tu podes ainda salvar-te.

- Como? Meu Deus, digam-me como!

Meu caro Manuel, se tu soubesses como...

TEMPESTADE - XIV

Um homem quase anônimo esperava há dez longos minutos à porta da secretaria. Estava inseguro, e os constantes encontrões com alguns estudantes ainda o tornavam mais desconfiado.

- Venha por aqui.

O reitor estava a arrumar uns papéis da aula daquela manhã. *Com esta idade e sobretudo este estatuto, ainda ter de dar aulas... hmpf. Anda por aí muito malandro a pular de empresa pública em empresa pública a ganhar bem mais e a fazer bem menos. Este meu maldito apego às sociologias dá-me cabo do orçamento familiar, caramba...*

Foi interrompido nos seus pensamentos por um leve ruído no exterior: alguém se aproximava.

Antes desse alguém bater à porta, berrou:

- Entre!

- Dá licença, senhor reitor?

- Ah, é você, Lopes, diga.

- Trago-lhe um professor estagiário que queria falar consigo. Diz que vem da parte do professor Carlos. Deixo entrar?

Meu Deus, servir de ama seca de novo... já não basta o Lam...

- Entre também, Lopes, quero que fique.
- Eu também, senhor reitor? Muito bem.

Os dois homens aproximaram-se da secretária dele. Ainda estava a terminar a assinatura de umas folhas, ou pelo menos assim parecia.

O reitor levantou-se pesadamente, e dirigiu-se para os dois sofás perto da sua secretária.

- Traga uma cadeira para si, Lopes.
- Sim, senhor.
- Sente-se, Manuel. Pelos vistos, temos muito que conversar...

- Falei ontem a seu pedido com o professor Carlos e o professor João, e eles...
- Bem sei, bem sei. Diga-me, Manuel, o que pensa de Paulo Lam?
- Bem... ele é muito inteligente.
- Ninguém diz o contrário, concluiu o reitor.
- Talvez seja esse mesmo o problema..., sugeriu Lopes; - Um Chico esperto, mais um. Era o que cá nos faltava...

- Ele não é nada disso! É até muito respeitador.
- Na sua aula.
- Sim, na minha aula.
- Nas outras semeia o pânico, senhor reitor, garanto-lhe.
- Mas, ele apenas pensa pela sua própria cabeça... conheço-o bem, e...
- Ora aí está o que não nos interessa nada! Mesmo mesmo nada! Já viu se centenas e centenas de estudantes começam a fazer isso também?
- C... como? Mas é para isso que a Universidade s...
- Serve? É para isso que a Universidade serve? Era isso que ia dizer, Manuel?

Lopes interrompeu de imediato:

- Nada disso. Longe da verdade. Muito longe da verdade. Manuel, nem acredito no que nos está a dizer...

O reitor estava ainda com bastante paciência, apesar de o dia ter sido longo e trabalhoso. *Vou dar-lhe uma chance... Uma boa acção. Afinal também as há... serei um bom samaritano por um dia. Ainda há escoteiros prontos a salvar velhinhas de atropelamentos? Pois então!*

- O Manuel só se prejudica, ao pensar assim. Vejamos: as Universidades servem para fazer um crivo...

- Selecção. Uma selecção, senhor reitor.

- Exacto. Obrigado pela correcção, Lopes. Manuel, a Universidade selecciona os melhores.

- Os mais capazes.

- Os mais estudiosos. Aqueles que, no fundo, vão levar mais longe o nome da nossa Universidade. Não nos interessa promover vaidades. Nem sequer inteligências que sejam do outro mundo. Isso não interessa nada às ciências sociais, garanto-lhe. As sociologias, as antropologias, as psicologias, são apenas uma só coisa, meu amigo.

- Estudo, disse logo a seguir Lopes. - Livros.

- Exacto. Obrigado. - Lopes, diga-lhe o que acontece aos alunos espertos, mas não inteligentes... diga-lhe, Lopes.

- Bom, primeiro criam imensos problemas nas aulas, o que logo à partida serve para seleccionar bem... uma pista muito importante para os professores, quero eu dizer.

- O que acontece com Lam!, exclamou o reitor.

- Precisamente, senhor reitor, precisamente. E, depois, têm eh... como direi... dificuldades em passar a certas disciplinas...

- Porque não nos podemos dar ao luxo que, daqui a amanhã, venham dizer que demos um canudo a um arruaceiro irresponsável! Não deve ser possível! É para isso que nós cá estamos! Para servir de criv... perdão, para seleccionarmos muito bem, e separarmos o trigo do joio!

Manuel estava num sofá muito confortável, e no entanto sentia-se mal. Paulo Lam sempre tinha sido correcto com ele. Claro, ouvia os outros professores falarem de certas intervenções de ruptura que tinham acontecido nas suas aulas, mas no fundo tratava-se sempre de professores com evidentes dificuldades pedagógicas, e alguns eram mesmo cabotinos, que vinham à Universidade apenas para receber o cheque do ordenado, e pouco mais. Algo lhe dizia que queriam alguma coisa dele; se não fosse assim, para quê darem-se a tanto trabalho de o convencer de algo com o qual ele nunca na vida estaria convencido? Acordou lentamente da sua letargia, e perguntou, já bastante calmo:

- Senhor reitor, com o devido respeito... não acha que os estudantes têm no fundo...

outros meios de se exprimirem? É que, afinal, se eles têm talento, mais tarde ou mais cedo, bem... escrevem livros, questionam teorias... não será para isso que a Sociologia existe...?

- Meu caro Manuel... oh meu caro Manuel. Como hei-de explicar-lhe isto...

- Deixe estar, eu explico, senhor reitor. - Manuel, ninguém vai dar um cêntimo por um livro de alguém que ainda não se formou, nem tem perspectivas de se vir a formar tão cedo...

- Mas, Lopes, o Paulo já está quase a acabar o curso! Aliás, segundo eu sei, só lhe faltam duas notas, a minha e a do professor Dinis. E eu sei que o professor Dinis já lhe deu uma nota de 15 valores, e eu também vou... hm

- Acertou na mouche, Manuel. Há um pormenor que eu e o Lopes queríamos discutir consigo.

- Eheheh... sim, há um pormenor.

- Uma nota, Manuel. Uma nota que pode fazer toda a diferença...

- Tooda a diferença do mundo. Que pode transformar um Zé ninguém num licenciado em Sociologia desta prestigiada Universidade...

- Respire fundo, meu caro Manuel...

Respire muito fundo.

TEMPESTADE - XV

Manuel dos Santos estava um pouco nervoso. A tarefa que tinha em mãos era bastante ingrata. Durante anos a fio tinha tido conhecimento de algumas cenas de Paulo Lam na Universidade, que lhe pareciam ao princípio casos facilmente explicáveis por uma adolescência rebelde, mas cuja ambiguidade agora admitia. E se Lam não fosse totalmente sincero com os professores? Se ele tivesse uma espécie de personalidade dupla, seriam certamente explicáveis todas as façanhas oratórias que lhe eram atribuídas. A lenda Lam tinha começado a sobrepor-se à realidade, de facto. Um aluno perturbador, mas capaz de intuições geniais, de argumentações dignas dos grandes cérebros; tudo lhe parecia demasiado teatral para poder corresponder à verdadeira personalidade de Paulo Lam.

- Manuel.

- S... sim?

- A sala 6 já está vazia, o professor Antunes acaba de sair com a turma de Antropologia. Venha.

Apanhado à porta da sala de professores, Manuel nem sequer teve tempo de dizer: sim, nem de deixar os seus livros de

Antropologia Cultural no cacifo. O passo de Carlos era apressado; parecia estar aborrecido e estranhamente determinado. Havia que cumprir a tarefa. Carlos sabia-o. E, agora, Manuel também o interiorizou. Desceram rapidamente a escadaria, viraram à esquerda, pelo ar livre e pela porta do bar dos alunos, subiram as escadas em caracol de mármore branco, apoiando-se no corrimão de metal ferrugento pintado de verde. Carlos virou-se para Manuel, que vinha um pouco mais atrás, e comentou:

- Está a ver o jardim? Parece a selva, não é? O reitor insiste nisto... deve lembrar-lhe a savana africana. Já lhe disse várias vezes que não dá boa imagem da Universidade, mas...

Deixou inacabado o pensamento, uma vez que, ao virar o rosto para a frente, deu de caras com outro rosto. O de Paulo Lam.

- Parece que querem falar comigo, não é? O Lopes disse-me. O que é que se passa?

Manuel ficou sem palavras. A sua angústia era grande, e ele nunca a tinha sabido disfarçar, desde criança.

Carlos estacou. O olhar de Lam era desconfiado e até um pouco desafiador.

Estou quase a concluir este curso. Tudo o que me tentaram fazer já passou. O que é que querem agora?

- Bom, existem certos assuntos que é melhor falarmos em privado na sala 6. Para seu bem, Paulo.

Como sempre, não é? Isolar o aluno para que o seu sofrimento anónimo não incite os outros à revolta...

- Manuel, vamos então.

Quando Manuel caminhou para a sala 6, apenas uma palavra conseguia penetrar o seu pensamento. Essa palavra era indizível, mas ele soube mais tarde o seu nome. Um nome penoso, um nome que em vão tentava que permanecesse na sombra. Um nome... maldito.

Traição.

TEMPESTADE - XVI

Carlos rodou a chave na fechadura da porta da sala 6 e entrou. Não era uma das salas de aula maiores da Universidade. Utilizava-se sobretudo para alguns exames em que era necessário um grande controlo sobre quem copiava. Uma espécie de aula magna em tamanho pequeno: a parte de cima era ampla e permitia o estudo minucioso dos gestos nervosos dos alunos. Assim tornava-se fácil controlar. E Lam sabia-o bem: quase tinha sido apanhado a copiar no teste de Métodos de Ciências Sociais. Quase. Uma professora tinha vindo ter com ele desesperada, de olhos cintilantes em riste, mal lhe dando tempo para esconder as cábulas. Quando ele já temia a vergonha pública, o olhar atento dela tinha-se transferido para um aluno atrás de si. *O maior susto da minha vida.* Ele, que no ensino básico e secundário nunca usara cábulas, agora, face a uma amálgama de livros gigantescos que tinha de decorar, se via obrigado a isso... Mas então... aquela sala 6...

Foi aqui que quase foste apanhado. Alunos cobardes que denunciam outros alunos aos professores estagiários, que depois elaboram as listas negras dos professores

catedráticos... sim, é bem possível que esta sala seja uma mensagem para mim...

- Lam, sente-se, por favor.

A última coisa que lhe apetecia era sentar-se de novo naquele lugar. Um lugar de medo. Medo da autoridade incorpórea, da sabedoria ausente, da juventude para sempre perdida, nos labirintos da memória adulta a qualquer custo.

- Prefiro ficar em pé, murmurou, por fim.

- Muito bem, disse Carlos. - Manuel, traga essa cadeira e sente-se aqui.

Manuel sentiu-se bem na sua pele de autómato. *Vou precisar de muita coragem.* Pensou melhor. *Ou nenhuma...*

- Lam. O professor Manuel disse-me que a sua nota tinha sido abaixo do esperado.

Abaixo do esperado? Lam já tinha falado informalmente com Manuel, e ele nada lhe tinha dito...

- Mas, professor Carlos...

- Lam. Vou ser sincero consigo.

Seria a primeira vez...desiste: não estás habituado a dizer a verdade...

- O Conselho Pedagógico desta casa está quase a expulsar-te.

- Como? Mas só me falta uma cadeira, e...

- Tu portas-te mal sempre que podes, caramba! Há professores catedráticos que te querem ver expulso. Desiste de fingir: assume que criaste uma infinidade de problemas. E há muitos anticorpos por aqui a comportamentos desses.

- Eu apenas reagi a provocações intelectuais. Não devem esperar que eu me cale quando é isso o que está em jogo! Não me podem fazer isto, não agora! Estou quase a acabar o curso! Manuel!

Mas Manuel tinha absorvido todo o seu novo papel, pleno da indiferença tão querida pelos professores universitários. Nem se mexeu, e virou a cara para o lado onde Carlos continuou:

- Bom. Esta é a situação. As coisas estão feias. Muito feias.

- Mas... será que não posso fazer nada? Preciso do diploma! Sociologia é o meu futuro, perdi aqui 5 anos da minha vida!

Carlos parecia meio adormecido. Toda a situação o divertia interiormente. *Tal como*

previmos. Um aluno acossado. Fizemos chantagem com o que podíamos fazer chantagem. Tocámos os pontos certos. Na mouche... De súbito, como que acordou do seu torpor, para atirar a bóia de salvação a um Paulo Lam à deriva:

- Claro que há uma hipótese... uma última hipótese...

- Uma prova em que o Paulo demonstrasse toda a sua valia.

- Sim, Manuel. Para não dizer depois que andou na Universidade apenas por andar, como muitos outros...

- Uma prova que seja difícil. Que só um verdadeiro dotado, um verdadeiro intelectual consiga superar.

- A Prova.

Lam seguia os movimentos de pingue pongue retórico dos dois, mas não descortinava aonde queriam chegar.

Por fim, Carlos respirou fundo e, após uns poucos segundos a meditar, abriu a mala lentamente, de onde retirou uma carta selada. Estendeu-a, e Paulo estendeu também a sua mão.

- O que... o que é isto?

- Viste o mítico filme Casablanca, por acaso? Isto, Paulo Lam, é o teu passaporte para a liberdade. Se a alcançáres, só Deus o sabe...

TEMPESTADE - XVII

Teste

- 1- *Psicologia - (O terceiro homem)*
- 2- *Cristianismo - (A origem das espécies)*
- 3- *Linguística - (A Golpada - filme)*
- 4- *Astronomia - (Volta ao mundo em 80 dias)*

4 respostas, de uma palavra apenas

Carlos Lacerda

- P... posso saber que brincadeira é esta?
- Pode, Lam. Mas garanto-lhe que não é nenhuma brincadeira.
- É um jogo, Paulo, disse timidamente Manuel, tentando ajudar.
- Mas um jogo muito sério: um jogo do conhecimento.

- Sim, mas diz aqui: 4 respostas: respostas a quê? E o que são estes nomes... de livros e um filme? O que é que têm a ver com as disciplinas...?

- Tantas perguntas, meu caro Paulo. Tantas perguntas...
- Mas nós não queremos perguntas, Lam.
- Pois não: queremos respostas - respostas!
- Sim, mas respostas... a quê? O que é que tem por exemplo a Linguística a ver com o filme A Golpada? Não faz sentido nenhum!
- E no entanto este jogo foi elaborado por uma pessoa muito sabedora. Está na hora...

- ... de nos provar que merece este diploma.
- Ora, nem mais. É isso mesmo, Manuel. Lam, tem aqui 4 assuntos, 4 disciplinas. Deverá estudá-las profundamente e, com

uma das suas tiradas geniais - que alguns professores tanto apreciam - *não é, Manuel?* , relacioná-las com o título ou o conteúdo ou com algum sentido oculto da obra referida à frente de cada uma dessas disciplinas.

- Mas isto... é uma charada interminável! Como diabo vou eu conseguir adivinhar isso tudo? É de doidos?!

- Pois, talvez seja todas essas coisas ao mesmo tempo. Mas o jogo aí está, à sua frente. E se há alguém que o consegue conceber, de certeza que há outro alguém que o saberá resolver. Está nas suas mãos.

- Ou melhor, na sua mente, corrigiu Manuel.

Lam estava em profunda reflexão. Não esperava nada daquilo.

Um jogo de uma complexidade terrível, que apenas um intuitivo saiba desvendar. Este sim, é um desafio à minha altura.

- Aceito.

- Não esperávamos outra coisa de si, Lam. Resta dizer que a partir de agora, apenas contactará comigo e com o Manuel, que me vai auxiliar na condução deste processo. Se

quer o diploma, será assim. Encare isto como o seu trabalho de fim de curso. Não queremos brindá-lo com a banalidade dos trabalhos que os seus colegas fazem, ano após ano, não é assim? Já agora: já viu alguns desses trabalhos, na Biblioteca da nossa Universidade?

- Já.

- Então sabe ao que me refiro.

- Hmpf. Sei. Não há problema.

Os três encaminharam-se para a porta da sala 6. Depois de Carlos ter fechado a sala, Manuel despediu-se e dirigiu-se para a sua viatura.

Enquanto Paulo Lam descia as escadas de mármore, sentiu que alguém o chamava atrás de si. Virou-se. Era Carlos.

- Faltou dizer duas coisas.

Lam já não tinha paciência para muito mais informação.

- Siim?

- Sim. Primeira: não tens muito tempo para encontrar as respostas... 4 dias, 5 contando com o dia de hoje: um dia para cada assunto.

- 4 dias!?! Se isto já era difícil, tornou-se impossível! Mas estão malucos ou quê?

- Eh, calma. Vê as coisas desta perspectiva: daqui a 5 dias livras-te de nós eheheh. Quem ganha és tu!

- Já vi que não estou em condições de discutir as vossas decisões.

- Aprendes depressa. É assim mesmo.

- Ok, ok. E a segunda coisa que devo saber... qual é?

- À primeira resposta errada...

- Sim...? O que acontece...?

- Estás fora de jogo!

TEMPESTADE - XVIII

As escadas estavam outra vez sem qualquer luz, e havia graffitis por todo o lado: nas paredes, na porta do elevador, e até no chão. *Quem é que se daria ao trabalho de rabiscar estas coisas no chão? Enfim, há maníacos para tudo.* O terceiro andar esquerdo era quase impossível de atingir às escuras, mas Lam já estava quase. *Será que o Martins está à porta de novo?* Estava. Cumprimentou-o, e sentou-se ao lado dele. O gato do seu tio anichou-se logo no seu colo. *Hm. Demasiado cedo. Outra vez.* Não sabia quanto tempo iria esperar por ele: da última vez tinham sido quase duas horas. *Devo ter o tio mais imprevisível do mundo, meu Deus... Desde que anda nestas reuniões espíritas e deixou os maçons que anda numa verdadeira roda viva, não pára em lado nenhum...*

- Como estás, Martins? Tudo bem? O tio Rui tem tratado bem de ti? Hm?

Martins saía pela janela ainda durante a noite. Entrava depois por volta das 18 horas pela porta do prédio, que estava sempre aberta. O tio Rui vivia num apartamento de duas assoalhadas, em Alfama. Era uma casa pequena, o que se tinha arranjado com a reforma de

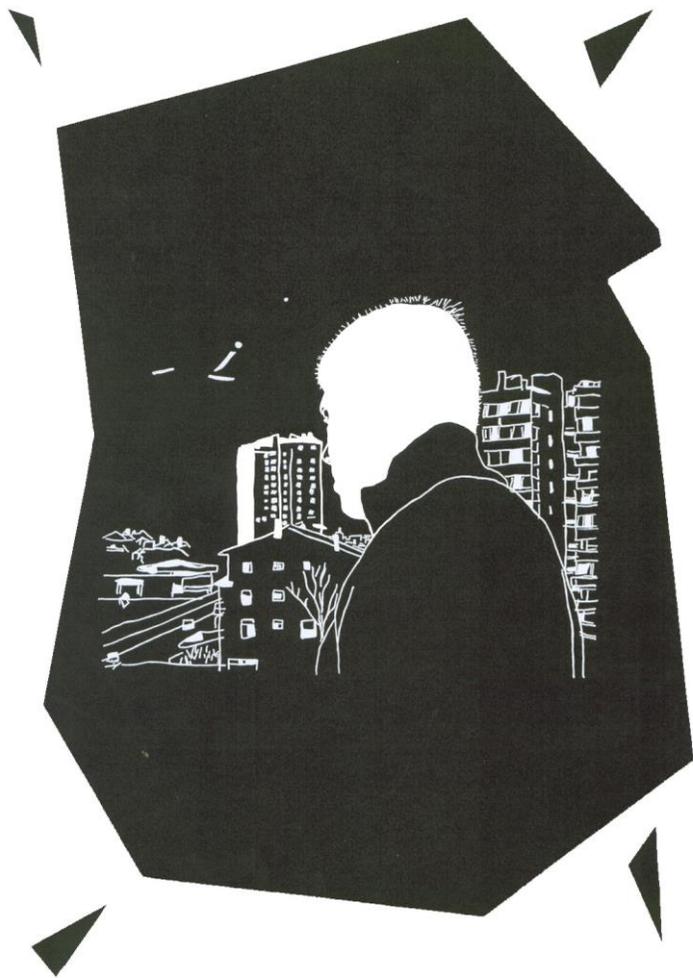
funcionário público. Tinha vindo de Moçambique, e ainda se lembrava de como o tinham obrigado ao rótulo de *português de segunda categoria* no Bilhete de Identidade. Agora, passados quase trinta anos, tudo isso se desvanecia com a memória de um tempo que preferia esquecer e chamar de passado, mas havia feridas que nem mesmo os anos apagavam. Paulo adorava falar com o tio sobre imensos assuntos, que iam da religião até à ciência, passando pelas teorias da conspiração e pelo oculto. Parecia não haver assunto que o tio Rui não dominasse. Falavam até quase de manhã, e nunca se cansavam um do outro. Os laços de família falavam mais alto, sem dúvida, mas havia também uma excepcional afinidade de personalidades entre os dois. Os seus 60 anos, apesar de bem conservados, não lhe permitiam grandes esforços. Após um princípio de ataque cardíaco, quanto tinha 52 anos, não se podia dar ao luxo de se emocionar. E como ele se emocionava falando daqueles assuntos... um pouco mais baixo que Lam, forte, óculos grossos, cabelos sempre desalinhados, uma frente larga, o tio Rui era o verdadeiro pai de Paulo Lam. Com uma tendência natural para o conflito, senhor de uma autoridade em matérias científicas mas também de parapsicologia que Paulo não ousava pôr em causa e um humor raro mas desconcertante, Rui tinha

enviuvado cedo, e encontrava-se só. Demasiado só. *O meu tio preferido*. O gato estava agora muito calmo, com as festas de Lam.

Sim, e eu também tenho de estar calmo. Isto pode demorar horas.

DE PROFUNDIS

.O JOGO.



(SEGUNDA PARTE)

O JOGO - I

Eram quase 20h34m quando alguém entrou pela porta sempre aberta do prédio da Rua do Salvador, em Alfama. A sombra moveu-se, cansada, até ao elevador. *Avariado. Hmf. Outra vez. Mas será que não há maneira de alguma coisa funcionar neste prédio?* A sombra voltou atrás e viu o correio. Depois, subiu lentamente as escadas, uma a uma, na penumbra. Nem um gato se ouvia, lá fora. *E o Martins, onde estará?* Primeiro andar. Segundo andar. Tacteando, chegou ao último lanço de escadas e olhou para cima.

- Paulo! Estás aqui!? Martins, vem cá!

Martins saltou imediatamente, recebendo Rui com a alegria do costume. *Às vezes, até pareces um cão...* Paulo Lam acordou sobressaltado e, ainda ensonado, descortinou o rosto do seu tio por entre os recentes sonhos.

- Vejo que ainda estás meio a dormir! O que te traz por cá, Paulo? Está tudo bem? Entra, entra!

Rui rodou a chave e entraram os três. Martins foi logo para o sofá da sala, mas não sem antes passar pela sua tigela de leite.

- Já vamos falar, Paulo, vai para a sala, e liga a televisão. Já falamos. Vou só lavar as mãos.

- Está bem.

Lam seguiu pelo corredor e ligou o ecrã de TV. Era um televisor dos antigos, tinha pelo menos vinte anos. Uma das primeiras compras do seu tio Rui desde que viera de África. Toda a sala despertava apreensão: estatuetas africanas, um tapete de pele de leopardo, do tempo das caçadas nesse cantinho escondido do ultramar, lá longe. Era um sítio estranho, como se a infância nessas longínquas paragens conferisse poderes mágicos a quem a tivesse presenciado. Havia uma certa desconfiança no povo português mais *autêntico* à herança imaginária que essas pessoas traziam para Portugal. Portugal, a capital do Império. Um Império colonial, com as chagas ainda doridas de uma descolonização feita à pressa, em cima do joelho, como tudo o que era gizado por lusitanos, desde tempos imemoriais. Portugal, o país do sonho. Portugueses, os intuitivos. Desde os Descobrimentos, no Século XVI, que nada mais havia a assinalar por estas bandas. Déramos novos mundos ao mundo, mas logo a seguir havíamos retirado estrategicamente as nossas existências desse mundo tão

demasiado real que era quase assustador apenas ter de vivê-lo. Rui entrou na sala, e quebrou o feitiço daqueles breves mas profundos pensamentos, com a realidade que tanto atormentava os portugueses havia séculos.

- Então, Paulo, estás bom? O que tens feito? Já não nos falávamos desde o ano passado, não é?

- Tio, tem de me ajudar. Estou num beco sem saída.

- Como assim? Meteste-te em alguma? O que foi agora? É grave, Paulo?

- Tio, estou em sarilhos na Universidade. Eles só me dão o diploma se eu quebrar um maldito código, senão expulsam-me: e têm boas razões para isso... Tem de me ajudar.

- Um... um código? Do que é que estás a falar? Espera aí, vou apagar a televisão. Pronto, já está. Fica calmo que nós vamos resolver isso. Podes dizer.

Lam tirou a carta dobrada do bolso, e entregou-a ao tio. Rui pegou nela, leu-a calmamente e pensou uns segundos. Meteu o papel dentro da carta novamente e entregou-a a Lam.

- Segundo percebo, é uma espécie de jogo. Explica-me lá o que eles querem de ti.

- É um jogo do conhecimento. Tenho de lhes dar respostas muito precisas, seguindo estas pistas dos títulos dos livros famosos e um filme, para cada uma das disciplinas.

- Vais ter de estudar bastante...

- Sim. Vou ter de estudar muito. Até porque há mais duas regras para este jogo...

- Ai sim? Hm... complicado, o código. Quais são essas regras?

- Uma é que tenho apenas 4 dias para o resolver: um dia para cada um deles.

- 4 dias!? Apenas 4? Prazo muito curto, realmente... Vai ser precisa uma boa estratégia... Mas, diz-me, qual a segunda regra que eles te impõem?

- Se eu errar alguma resposta... sou expulso.

Rui meditou durante mais de três minutos. De vez em quando parecia ter encontrado a solução, para logo cair na descrença, abanando a cabeça. Estava a estudar hipóteses. Lam tinha vindo ao sítio certo. Se havia pessoa que sabia a definição da palavra: estratégia, era o seu tio. Já na guerra das ex- colónias tinha sido um dos militares que mais se evidenciara: valente a combater, nunca deixava que os seus colegas caíssem em emboscadas, e em breve já se falava de intuição genial no

quartel de Maputo. Nascera em África. Isso dizia tudo. Terra dos ritos tribais, que o seu avô ainda praticara, na savana, e que nunca se esquecia: estava no seu sangue. Terra da lancinante escravatura, que tantas e tantas gerações tinha levado para outros continentes, à custa de inúmeras mortes e famílias separadas, perante o desespero de mães, que guardavam no seu interior a verdadeira sabedoria. Era tempo do seu tio o ajudar. *Sangue do meu sangue. Aqui, ou em qualquer lugar.* De repente, Rui deu um salto e exclamou:

- Já sei!

- O quê, tio? Diga-me!

- É tão simples, Paulo, tu não vês?

- O quê? Não vejo o quê?

- Ainda tens o cartão da Biblioteca de Oeiras contigo? É uma bela biblioteca, não é?

- S... sim, tio, mas não estou a ver onde quer...

- Um dia já passou, Paulo! Restam quatro! E hoje já não vamos poder estudar! Mas amanhã eu vou a essa biblioteca, buscar dez livros.

- Mas o meu cartão só me permite trazer cinco, é o regulamento da Biblioteca de Oeiras, e...

- Esqueces-te que eu ainda tenho o meu cartão de lá, de quando morei na Figueirinha, Paulo? Já são dez livros, não apenas cinco! Vá lá, essa cabecinha está um pouco enferrujada, o que é que te ensinam nessa Universidade?

- Sim, sim, mas o que é que o fez pular dessa maneira, o que é que sabe, afinal?

Rui fez subitamente um ar sério. Mediu Paulo Lam de alto a baixo, respirou fundo, e depois falou em voz baixa:

- Eu sei que tipo de estudo eles *querem* que tu faças.

- S... sabe? E que tipo de estudo é esse? Já pensei nisto vezes sem conta, e acho que não tenho tempo para...

- Paulo! A partir de agora tu vives aqui, esquece o quarto que o Victor Masse te alugou, lá em Carcavelos. E eu vou-te ajudar.

- Obrigado, tio. Estava a precisar de ouvir isso.

- E tu *vais* descobrir esse maldito código, nem que seja a última coisa que eu faça na vida!

O JOGO - II

- Acorda, dorminhoco!

Quando Paulo Lam acordou, viu apenas Martins. Tinha vindo acompanhar o dono neste acordar brusco mas calculado, e lambia-lhe o rosto.

- São dez horas e meia! Pensas que em minha casa fazes a mesma vida que fazias lá na tua Universidade, hein? Aqui, trabalha-se, malandro! Toca a levantar, já fui buscar dez livros à biblioteca de Oeiras, tens muita coisa para ler a partir de agora!

- Só mais um bocadinho, tio... deixe-me dormir, tenho dor de cabeça...

- Com aquilo que vais ler é que te vai doer a cabeça! Vamos, tens cinco minutos. Vai ter à sala, tenho lá uns biscoitos e leite.

- Hmpf...

Lam sentou-se na cama, e tentou lembrar-se da conversa da noite anterior. Não demorou muito a recordar-se. Um jogo. O Jogo. Esperou um minuto, para recobrar a plena consciência: tinha sonhado muito, e muito profundamente. Sonhos em que estava num lago, com a mãe, e custava-lhe a andar. Aparentemente fazia recados entre pontos imaginários, andando com água até ao peito. E algo, alguma coisa era urgente,

pois ele tinha bastante pressa. Mas desse sonho apenas restava uma vaga memória, e ele desistiu de tentar revivê-lo. As portas do inconsciente tinham-se fechado, talvez para sempre.

Lam não o sabia ainda, mas estava prestes a mergulhar no magma das forças primárias, que alguém tinha descrito como o verdadeiro corpo psíquico do iceberg de que todos somos feitos.

Entrou na sala ainda cambaleante, cumprimentou o tio e, enquanto se sentava, Rui começou:

- Come qualquer coisa. Deves estar a pensar: por que diabo o meu tio não vai a uma livraria e compra os livros necessários, não é Paulo?

- Bem, ehh, sim é um pouco estranho, tio, e...

- Porque eu nunca consigo encontrar nada em livrarias! Assim, quando quero encontrar algo muito específico, o melhor é ir directamente a uma Biblioteca boa, como a de Oeiras, que tem um pouco de tudo o que de mais importante se escreve sobre determinado assunto. Podes encontrar livros com receitas de bacalhau, relatos místicos, livros “malditos”, policiais, arte, poesia, milhentas coisas de todos os ramos do conhecimento.

- Sim, de facto, isso é verdade, mas...
- E já viste quanto tempo temos? A melhor livraria portuguesa que conheço é a de um site, o somlivre.pt , mas temos apenas um dia para cada um dos assuntos, Paulo, um dia!! Um só! Como queres que eu encomende todos estes livros, num espaço de tempo tão curto? E além disso, nada como analisar os índices dos livros, um a um. Isso é essencial, Paulo. Tu fazes o estudo - porque és intuitivo, e tudo o mais - e eu dou a estratégia, a tática para cada um dos problemas. És tu o jogador, eu sou o teu *mister*! Bem-vindo à minha equipa de futebol! Ahahah!

- Está bem, está bem. Já me basta ter de matar a cabeça com este jogo, ainda aturar gozações do meu próprio tio... hm?
- Não te preocupes. Quando acabarmos isto, vamos ver um jogo do Glorioso. O que achas do novo treinador, Paulo?
- É a ladainha do costume: um treinador estrangeiro, mais um...! Fazem um contrato de dois anos, sabendo que ele ficará apenas um; quando ele se adaptar ao futebol do nosso país, às táticas do empata das equipas pequenas, nessa altura já perdeu o campeonato. E, quando os dirigentes se aperceberem de que mais uma vez o campeonato já era, mandam-no embora,

mas ele exige uma indemnização pois entretanto tem mais um ano de contrato...

- Enfim, olha: o costume!

- Pois é. Mas então, o que tenho de ler hoje? Quais são os livros que trouxe da Biblioteca de Oeiras?

- Hoje vais estudar o espírito humano. Psicologia. Freud. As teorias, as ideias. Tudo isso. E vais, com a tua inteligência, filtrar o que é essencial, e tirar o que é acessório. Está bem?

- Ok. Que livros são esses?

- Dez livros: alguns tratam apenas da obra, percurso e vida de Freud. Tenho para mim que, lido um, leste todos... mas vais ser tu a decidir isso. Vamos aos livros:

- Sigmund Freud - Um trágico na era da Ciência

, este é capaz de ser fracote, Paulo, mas dá uma vista de olhos. É um livro pequeno, deve ler-se bem. Lembra-te que procuramos um pormenor, que pode surgir numa página qualquer em qualquer destes livros. Está atento, e tem muita atenção aos detalhes. Um aspecto particular da vida, um episódio anónimo, poderá explicar o que queremos encontrar.

- Mais. Vamos a outro, tio.

- Introdução à Psicanálise - Freud, de Michel Haar

, este é uma espécie de resumo de uma obra fundamental de Freud. Deves lê-lo atentamente, é capaz de ter muito interesse para nós.

- Os 10 grandes do inconsciente, escrito por vários autores

, para mim talvez seja um dos livros essenciais destes que te trago; tem um resumo das ideias de dez autores fundamentais das teorias da mente, e também perguntas e respostas sobre cada um deles, incluindo episódios da vida pessoal.

- Ok. O seguinte! Ehehe...

- Ai estás com vontade de ler, hm? Bom, tens aqui muita coisa para te entreteres...

- Freud e os seus continuadores

, este também deve ter interesse.

- Freud e Piaget - Afectividade e inteligência
, comparação entre duas teorias, a de Freud e a de Piaget.

- Freud

, outros dois livros com o mesmo título sobre este autor central na ciência do espírito; um de Roland Jaccard, e o segundo de Edgar Pesch.

- Freud estava errado. Porquê? - Pecado, Ciência e Psicanálise

, é um livro que criou muita polémica. O autor reuniu vários consensos sobre os seus pontos de vista. Causou um grande incómodo, se tiveres algum tempo dá uma vista de olhos.

- Introdução à Psicanálise - Teoria e prática contemporâneas

, é um livro que une a teoria à prática. Achei o índice muito actual e conciso. E chegámos ao fim, só falta um livro:

- A interpretação dos sonhos - Edição comemorativa dos 100 anos, de Sigmund Freud

, este é o livro que o próprio Freud considerava a sua obra- prima. Mas talvez tenha apenas algum interesse residual para nós, neste contexto do jogo do conhecimento que te propuseram. Deixo à tua consideração. Se calhar nem terás tempo de lhe pegar.

- Ufa... acho que já tenho pano para mangas, tio.

- Também acho! Toca a levantar a mesa, vais trabalhar aqui. Já numerei os livros, e fiz um resumo dos índices, para te orientares. A partir daqui, é contigo!

- Muito bem. Vou já começar.

- E eu vou à rua fazer compras, para o jantar, e vou visitar um amigo, na baixa.

- Tem alguma pista para me dar, tio...?

- Sim. Começa por procurares na net o conteúdo da obra: O Terceiro Homem. Pode estar aí o segredo deste primeiro problema. Penso que estará relacionado com Freud: o homem é a pedra angular de toda a Psicologia, afinal de contas.

- Ok tio, vou fazer isso.

- O meu computador tem acesso à net por linha telefónica. Usa-o, procura no Google. Deves encontrar isso em sites de cinema, talvez. O Orson Welles entra nesse filme, sabias?

- Sim, sabia. Consta que é um filme de qualidade.

- O problema é mesmo esse, Paulo! Os filmes hoje têm tanta qualidade e são tão rápidos a fazer, que já ninguém se interessa pelos livros que lhes deram origem! Para quê, se um mês depois já há um filme baseado nesse livro...?

- Sim, realmente... Bom, toca a trabalhar. Tem folhas em branco?

- Tira da impressora. E tens uma caneta ao pé do computador. Vou sair.

- Até logo, tio!

- Quando eu voltar, Paulo, quero saber tudo sobre a minha mente!

- Eheh, esteja descansado, vou fazer um resumo desta trapalhada toda. Vem cá, Martins! Vem ao meu colo!

Rui saiu e fechou a porta.

Paulo Lam ligou o computador, e ouviu o lento ronronar do CPU. *Caramba... é um Pentium 1, muito fraquinho... Deve ter uns 5 anos, pelo menos, tenho de ter paciência...*

Enquanto Lam esperava pelo ecrã de início de sessão, Martins olhava para ele, pedindo festas, no seu colo.

Pois é, Martins... vamos ter uma manhã muuito comprida...

O JOGO - III

Paulo Lam começou por pesquisar na Wikipedia, em português. Incompreensivelmente, não constava nenhuma informação de O Terceiro Homem.

*Tenho de encontrar isto, dê por onde der.
Próxima paragem: Google.*

Digitou a expressão, e pesquisou. O resultado da pesquisa deu alguns sites relacionados com o filme, não com a obra de Graham Greene.

Anda um escritor a lutar a vida toda para ser reconhecido, e depois o que fica é o filme; não o livro... enfim...

O primeiro site era demasiado incompleto e fugaz, mas o segundo continha uma sinopse do filme, ideal para o estudo de Lam. Copiou imediatamente para um documento Word em branco, e imprimiu. Enquanto era impressa a folha do resumo do filme, Lam criou um directório em Os Meus Documentos do computador do tio, com o título: O_Jogo, e gravou o documento dentro desse directório.

Tinha acabado de imprimir. Puxou a folha, e começou a ler. Estava em inglês. Mentalmente, Paulo Lam traduziu o resto.

“Após o final da 2ª Guerra Mundial, chega em Viena Holly Martins (Joseph Cotten), um escritor americano de 6ª categoria. Holly estava sem dinheiro, mas seu velho amigo Harry Lime (Orson Welles) lhe prometera um trabalho. Holly tenta achar Harry e então fica sabendo que seu amigo foi atropelado e teve morte instantânea. Harry logo foi enterrado e, atordoado, Holly vê o enterro. Perto do túmulo está uma bela jovem, Anna Schmidt (Alida Valli), que após o término da cerimônia vai embora rapidamente. Depois do breve funeral Holly é parado pelo major Calloway (Trevor Howard), que pergunta ao escritor se quer uma carona para o seu hotel. Holly aceita e os dois acabam indo parar num bar, onde Calloway, um membro da inteligência britânica, começa a tirar de Holly informações sobre Harry, lhe dizendo que ele era um trapaceiro e um assassino. Holly fica tão enfurecido com as acusações que, se não fosse a pronta ação do sargento Paine (Bernard Lee), uma espécie de segurança do major, teria agredido Calloway. Como o major sabia que Holly estava liso, lhe dá algum dinheiro para passar a noite no Sacher's, um modesto

hotel, antes de viajar no dia seguinte. Calloway manda Paine levar Harry até lá. No hotel Paine apresenta Holly a Crabin (Wilfrid Hyde-White), que diz representar uma entidade cultural e que gostaria de ter Holly em uma palestra sobre romance contemporâneo, já que os livros de Holly são bem populares por lá. Holly alega que não tem dinheiro para ficar hospedado, então Crabin lhe garante que terá prazer em pagar sua hospedagem pelo tempo que ele quiser. Isto era tudo que Holly queria, para que pudesse fazer sua própria investigação sobre o passado de Harry e limpar o nome do amigo. Kurtz (Ernest Deutsch), um barão empobrecido, entra em contato com Holly e lhe fala que testemunhou a morte de Harry, que cruzou uma rua sem olhar onde ia e foi atropelado por um caminhão. Porém Holly achou a declaração de Kurtz inconsistente e quer conhecer a jovem que estava no enterro. Paralelamente tudo indica que Calloway quer ver Holly fora da Áustria, pois Paine não se cansa de lembrá-lo que ele deve viajar. Ao falar com a atriz Anna Schmidt, a jovem que estava no enterro, uma coisa é levantada: na hora do acidente só haviam amigos de Harry no local, e o mais estranho é que quem atropelou Harry foi seu motorista. Isto faz Anna levantar a hipótese, que não foi acidente. Tentando elucidar um caso confuso, Holly descobre

que três pessoas carregaram o corpo de Harry: Kurtz, o romeno Popescu (Siegfried Breuer) e um terceiro homem.”

Que história tão estranha. Isto não tem ponta por onde se lhe pegue... Bem, se eu visse o filme se calhar ia achar uma obra prima. E por amor de Deus, haja alguém que diga aos brasileiros para não tentarem imitar o português...

Um homem. Atropelado. Uma armadilha? Os seus amigos afinal parecem saber mais do que dizem. Pegam no seu corpo. Um terceiro homem. *Será que o meu tio tem razão? Que isto tem a ver directamente com Freud?*

- Martins! Já a dormir? Temos muito que fazer! Caça o terceiro homem, caça!

O JOGO - IV

Quando Rui chegou a casa, eram 16h32m. Entrou sem fazer barulho, prevendo o sono e os sonhos do seu sobrinho, na sala. Deixou alguns sacos na cozinha, e passou silenciosamente para a sala, através do escuro e estreito corredor.

Uma casa- cubículo. Andar um homem a lutar toda a vida, para morrer numa casa minúscula como esta... hm. Preferia morrer em África, lá ao menos havia savana, ar puro, calor, cheiro a terra.

E a minha infância.

- Lam!

- Hm?

Lam acordou do mundo dos sonhos. Estava com o tronco deitado sobre a mesa, e à sua frente amontoavam-se dezenas de folhas dispersas, manuscritas com a sua já habitual escrita indecifrável. Tinha sido assim, desde a primária, até à Universidade.

Eu escrevo com uma letra péssima, não há nada a fazer.

Na 4ª Classe, a professora tinha organizado um concurso para a melhor letra da turma e, vendo que a escrita de Paulo Lam era

uma das piores, tinha organizado vários prêmios, até aos 5; depois, vendo que não poderia classificá-lo, aumentara até aos sete prêmios. E quando Lam estava quase a ser recompensado pelo seu esforço, ele que até se tinha esmerado naquele dia a fazer uma letra bonita, a campainha soou e ficaram, ele e a professora, cara a cara, como que a dizer um para o outro: *eu bem queria... terá de ficar para a próxima.*

Entretanto, os computadores e o Office e o Word tinham chegado, abalando toda a estrutura feminina de fazer- letra- bonita- para- professor- ver.

Chegou finalmente a minha vez. Agora, a minha letra é igual a todas as outras.

Antes assim.

O JOGO - V

- Mas que é isto? Eu não quero um sobrinho preguiçoso!

- Ahh... nada disso, tio: já fiz imensa coisa. Adormeci de cansaço...

- Eu sei, eu sei, Paulo, estou a brincar contigo. Vou só à casa de banho, e depois quero debater estas ideias contigo. Estive a falar com um amigo psicanalista, que vive na baixa, e ele deu-me umas luzes, já venho. Entretanto, arruma isto, ok?

- Tudo bem. Deixe-me só acordar. Já sei a história de O Terceiro Homem.

- Ora ainda bem. Eu já venho.

- Martins, toca a arrumar! Já viste a trapalhada que fizeste aqui na mesa? Ai, ai...

- Miau...

- Por agora escapas. Bom, deixa-me cá organizar isto... Livro 2 - libido, recalçamento, sonho, isto é para aqui; Livro 3 - Jung, Lacan, Adler, isto é para aqui; Livro 4 - complexo de Édipo, catarse, ego, superego, isto vai para ali. Estou pronto.

Let's play the game...

- Está muito calor lá fora, Paulo, nem tu queiras sair hoje! Isto nem parece um dia do mês de Setembro, digo-te!

- Imagino. Esta casa parece uma sauna.

- Bom, mas esta casa é do Estilo Internacional! Uma grande coisa, hein? Em todos os subúrbios do terceiro mundo há casas destas! Andou o Le Corbusier, o Wright, a Bauhaus e tantos outros a trabalhar para melhorar as condições de vida das pessoas, e no fim de tudo isso, o que é que nos dão? Casas- cubículo! O pior da tradição da arquitectura funcionalista, é sempre o pior de todas as coisas, o que sobrevive aos seus fundadores, acredita!

- Provavelmente...

- Bom, mas vamos a factos, não a meras opiniões dos pobres deste mundo dito civilizado, que não merecem viver nesse mundo da opulência alheia. Paulo, dá-me bons números para jogar! Este jogo é para os melhores jogadores, hm?

- Tio, tenho aqui o resultado de um dia de trabalho. É o resumo de todas as ideias que julgo serem interessantes, nestes livros. Alguns deles, nem lhes peguei, porque penso que estão desajustados ao contexto do nosso estudo.

- Sim, alguns deles sim, também acho. Trouxe-os apenas para fazer número, confesso e, afinal, qualquer dica nos será útil... Deixa-me cá ver a lista... Livro 1, Freud, um trágico na era da ciência, diz-me o que achaste deste.

- Nada de jeito. O caso típico de: muita parra mas pouca uva.

- A sério? Achei que poderia ter algum pormenor interessante, a nível da vida do Freud...

- A sério, nada de nada. Um livro pequeno na forma e também no conteúdo. Nada a assinalar, tio.

- Ok, continua.

- Livro 2, Introdução à Psicanálise, Freud, de Michael Haar, um livro muito interessante. Tenho aqui as ideias-chave.

- Sim? Posso ver?

- É o resumo de uma das obras mais importantes do fundador da Psicanálise, Freud. Ele fala sempre de divisões em dois ou em três.

- O Terceiro Homem... tudo tem a ver com tudo, e nada é o que parece, parece-me...

- Sim, bom, mas isso são meros trocadilhos. Primeira divisão: segundo Freud, existe um princípio do prazer (o famoso libido) e um princípio da realidade. As pessoas vivem entre um e o outro: por

um lado querem ter o máximo do prazer, e por outro, têm a realidade dos constrangimentos sociais, que lhes limitam a libido, o que fará mais tarde surgir as neuroses. Ele fala também do recalçamento ou censura, que é um mecanismo do pré-consciente, relativo à sua classificação (em três), hoje clássica, da mente em: Inconsciente / Pré- Consciente / Consciente.

- E o sonho?

- Calma, tio. Já lá vou. O sonho é muito importante na teoria freudiana, todo o sonho é a realização ilusória de um desejo: uma vez que o indivíduo não o pode concretizar na realidade, escapa-se para um mundo onde satisfazer esse desejo da libido é finalmente possível. Divide-se em: conteúdo manifesto (representações simbólicas concretizadas na mente, que nós recordamos), e conteúdo latente (a verdadeira interpretação do sonho, o que ele realmente significa).

- Bom trabalho, Paulo. Continua.

- E depois há outro mecanismo intrínseco ao funcionamento da nossa mente: segundo Freud, os neuróticos sofrem de recalçamento, o que vem confirmar a importância decisiva da sexualidade infantil na formação das neuroses. Assim, o que de facto acontece é a regressão da libido, pelo

recalcamento, a estádios anteriores, infantis, da sexualidade.

- Ou seja, aos estádios oral, anal e sexual. Estou certo?

- Sim, tio, é isso. Quanto aos sonhos, Freud diz que os das crianças são simples, exprimem a expressão directa de um desejo; não estão deformados, enquanto que nos dos adultos os desejos que não são aceites devido à censura estão disfarçados sob inúmeras formas, e a maior parte dos símbolos no sonho são símbolos sexuais.

- E o pesadelo? O que é afinal o pesadelo? Não parece encaixar nessa teoria, afinal não é a expressão de um desejo, certamente... o que será, então?

- Freud diz que o pesadelo é a realização não deformada de um desejo recalcado; ah, e não se esqueça também a fase destrutiva da evolução da personalidade, enquanto somos crianças: existe sempre uma pulsão negativa, agressiva, que pode explicar muita coisa...

- Ok. Safaste-te desta. Ouço-te.

- Ele diz ainda que o inconsciente vive num espaço em que não há tempo.

- Como assim?

- Não há passado nem presente nem futuro
- não existe uma ordem cronológica; vive

“fora do tempo” - é esta a sua expressão, *ipsis verbis*.

- Hm... Interessante.

- Depois, há toda uma série de ideias que julgo não nos interessarem muito: perversões, que se dividem em fim sexual (masturbação, por exemplo) e objecto sexual (homossexualidade, entre outras coisas). O campo da sexualidade engloba o período infantil, que é o único que pode explicar tanto a perversão e a neurose, como a vida sexual normal.

- Sim, tudo bem, mas explica lá as fases da sexualidade infantil, estou curioso...

- Bom, as fases da sexualidade infantil baseiam-se em zonas erógenas perversas (porque não orientadas para a procriação), e são as seguintes:

. primeira - fase oral (é a fase da sucção do seio materno; o bebé demonstra a sua atitude auto-erótica desde muito cedo);

. segunda - fase anal (o bebé obtém prazer da evacuação e retenção);

. terceira - fase sádico-anal (entre o primeiro e o terceiro ano de vida - desenvolve-se uma tendência para a dominação e a crueldade; é por uma fixação da libido a esta fase que se explicam as perversões sádicas e masoquistas);

. quarta - fase fálica (caracterizada pelo complexo de Édipo; não é o instinto sexual, mas o amor pela mãe e o ódio ao pai que ocupa o primeiro plano);

. quinta - período de latência (entre os seis e os oito anos - período de paragem no desenvolvimento sexual).

- Uff...

- Pois é, tio, *hard stuff*... Agora, Freud e Piaget, Afectividade e inteligência, livro 5 - limita-se a fazer uma comparação detalhada entre as duas teorias, não tem interesse para nós. Livro 9 - Introdução à Psicanálise: Teoria e prática contemporâneas, muito interessante, mesmo.

- Ai sim? Conta, conta.

- Sim, tio, um livro muito útil para definir conceitos. Segundo os autores, a psicanálise compreende - adivinhe? - *três* partes inter-relacionadas:

. um conjunto de técnicas psicoterapêuticas específicas

. um modelo do desenvolvimento psicológico

. e uma “metapsicologia”, ou seja, hipóteses especulativas sobre a natureza e estrutura da mente.

Dividem em quatro as fases da história do movimento psicanalítico:

. 1885 - 1897: a fase “pré- analítica” (estudo da hipnose com Breuer)

. 1897 - 1908: a psicanálise em si: os anos de solidão e descoberta dos princípios práticos e teóricos da psicanálise, por parte de Freud. A culminar esta fase, a sua obra essencial: A Interpretação dos Sonhos.

. 1907/8 - 1920: os inícios do movimento psicanalítico

. De 1920 até à morte de Freud em 1939: foi um teórico influente até ao final da sua vida.

- Descansa um pouco.

- Estou bem, tio. A seguir, mais uma divisão em três...

- Outra...! Ainda eram poucas, não é??

- Eheheh... pois. A psicanálise pode ser definida como o ramo da psicologia iniciado por Freud que se ocupa de 3 áreas distintas de estudo:

. o desenvolvimento da mente e a influência da experiência precoce nos estados mentais do adulto

. a natureza e o papel de fenómenos mentais inconscientes

. e a teoria e prática do tratamento psicanalítico.

E ainda uma outra classificação baseada no número... três!

- Outra!!???

- Outra. A linha de demarcação pragmática entre a psicanálise e a psicoterapia psicanalítica tem a ver com a frequência, intensidade e duração da terapia:

. mais do que três vezes por semana - psicanálise

. três vezes ou menos - tudo o resto

(claro que nem sempre é assim, tio, é apenas uma generalização bastante real)

- Já acabou??

- Ainda há uma última, que se divide em - adivinhe...?

- Três!

- Bingo! Ganhou o primeiro prêmio! Passe pela tesouraria para levantar o seu dinheiro, e...

- Pronto, já percebi a ideia. Diz, Paulo.

- A imagem da mente proposta por Freud atravessou três fases:

. modelo do objecto trauma (acontecimentos externos dolorosos afectam o comportamento e a emoção)

. modelo topográfico (diferentes funções psicológicas encontram-se em locais diferentes: divisão da mente nos sistemas

inconsciente, pré- consciente e consciente;
os dois princípios do funcionamento mental
- processo primário e processo secundário;
teoria dos instintos)

. e modelo estrutural (Id - pulsões inatas;
Superego - Ego ideal, representa a
interiorização da relação com a figura
parental e ainda Ego - parte racional da
personalidade). E acabei, por enquanto...

- Já continuas, espera aí. Falei com um
amigo psicanalista, como te disse. Disse-lhe
isso de O Terceiro Homem; ele não conhece
bem nem o livro nem o filme, mas
estivemos a discutir este assunto, e
chegámos a várias conclusões.

- Sim...? Que conclusões?

- Como eu te tinha dito, isto deve estar
relacionado com Freud. Este meu amigo, o
Pedro Borges, ele diz que há várias
hipóteses para resolver esta charada, para
conjugarmos o terceiro homem com a
Psicologia:

. primeira: Freud e os seus seguidores
iniciais; enfim, as origens do movimento
psicanalítico;

. segunda: não te esqueças que estamos a
estudar as teorias da mente; deste modo,
poderá e haverá com certeza segundos
sentidos, metáforas - o terceiro homem ser
por exemplo o Ego, ou o Id, ou até mesmo
uma das fases da sexualidade da nossa

infância - os caminhos abrem-se a múltiplas interpretações, Paulo

. terceira: ser ou não ser judeu

- Essa não percebi, tio. Explique-me, por favor.

- Bom, isto é uma longa história. Segundo o Pedro Borges, Freud estudava e vivia na Áustria - em Viena, mas quando o Hitler e o Nacional Socialismo a anexaram, ele ficou em risco: era judeu, sabes...

- Ah! Não sabia. Ou se calhar li de raspão e esqueci-me. Não julguei importante, certamente.

- Sim, Paulo, quase todos os grandes cérebros europeus o eram: Einstein, Freud, e muitos outros. Olha, Adler também era judeu.

- O seguidor de Freud? Sim, acho que li algo sobre isso num dos livros.

- O Pedro explicou-me que Freud estava mortinho por transmitir a condução de todo o movimento psicanalítico a um não judeu, pois sentia o peso dessa insuperável herança sobre os ombros. Daí ter confiado a Jung essa tarefa.

- Será que essa é a chave para este primeiro mistério...? Mas como?

- Ora aí é que entramos nós, Paulo. Eu acho que há aqui qualquer coisa. Mas não

temos muito tempo para deslindar isto: o primeiro dia está quase a acabar, e...

- Mas deixe-me acabar o que lhe estava a dizer, tio.

- É verdade, desculpa. Diz.

- O livro nº3: Os dez grandes do inconsciente.

- Sim, esse livro é essencial, sinto-o.

- Bom, à luz do que o tio me disse, vou falar-lhe da obra de Adler, Jung e também Lacan, que é um autor muito interessante.

- Força, Paulo.

- Em 1908, no Congresso de Psicanálise de Salzburgo, as diferenças de princípio entre Freud e Adler tornam-se manifestas; e em 1911, no Congresso de Nuremberga, dá-se a ruptura. A obra de Adler pode ser estudada esquematicamente sob quatro aspectos, tio:

. a teoria de personalidade (baseada no estudo do processo de compensação psíquico que tende a reequilibrar o estado de inferioridade física dos órgãos do corpo)

. a concepção das neuroses e saúde mental

. a psicoterapia

. o ensino e a prática da psicopedagogia

Para Adler, o inconsciente não bloqueia a personalidade: serve-a. O ser humano deve ser observado através das suas relações

sociais - psicologia da relação interpessoal. Assim, para ele a sexualidade não é o motor essencial da nossa vida psíquica.

- Deve ter sido aí que ele se incompatibilizou com Freud...

- Exactamente. Aliás, Freud e os seus seguidores rejeitavam agressivamente qualquer tentativa de inovação teórica no seu seio: aconteceu a Adler, a Mélanie Klein, a Carl Jung, e a vários outros. Eram um grupo coeso mas quando alguém dizia coisas diferentes, uniam-se e formavam uma verdadeira matilha...

- Caramba, Paulo.

- Pois. Mas era assim. Criticavam logo, e ferozmente, pelo que li.

- Mas, continua.

- Bom. Para Adler, a neurose é uma tentativa para o indivíduo se esquivar a qualquer coacção que a sociedade lhe imponha, e faz isso através de uma contra-coacção auto-induzida, que lhe paralisa os movimentos. Concluindo: ele debruçou-se ainda sobre a psicopedagogia infantil: a pedagogia encontrou um novo impulso e uma nova orientação na doutrina de Adler, segundo estes autores. De seguida, vou resumir o pensamento de Jung.

- Força.

DE PROFUNDIS

- Passe-me o copo de água, tio.
- Aqui tens, toma.

Prepare-se, tio. Agora é que isto vai aquecer...

O JOGO - VI

- O livro dos dez grandes do inconsciente começa este capítulo a matar, tio...
- Ai sim? Quero ver isso.
- Está aí, na página 108: “Carl Gustav Jung: o rebelde”, imagine!
- Bom, isto promete... Sou todo ouvidos, Paulo.
- Jung é considerado por muitos como um dos grandes pensadores do século XX; um verdadeiro mestre espiritual que tentou unir religiões, Oriente/ Ocidente, misticismo, astrologia, psiquismo, estudos profundos de tradições culturais de vários povos, entre inúmeras outras coisas...

- Caramba: tudo isso? Mas Paulo, porque lhe chamam o rebelde? Eu já tinha lido algo sobre ele há muito tempo, acho que também esteve relacionado com espiritismo, o meu mestre gosta muito dele. O Pedro não me disse nada de bom sobre esse Jung... é estranho!
- Estranho, tio? Se calhar, estranho seria ter falado...!
- Como assim?
- Jung é um mito. Mas um mito muito perigoso... As Universidades de Psicologia

fogem dele e da sua obra como o diabo da cruz! - disse-me um amigo que está a fazer Psicologia, o Miguel. É o segredo- público melhor guardado das teorias do inconsciente. Um dos seus conceitos essenciais - o Inconsciente Colectivo, só por si, e se fosse estudado sem preconceitos, destruiria pela base a teoria Freudiana.

- A sério? Bem, eu já tinha uma intuição a esse nível, mas não o julguei assim tão importante...

- Sim, tio, os seguidores de Freud - que é a grande maioria dos psicanalistas - recusam à partida Jung: Jung, o sonhador, dizem; Jung, o lírico; Jung, o pensador maldito...

- Que história tão intrigante. Mas constou-me que ele se relacionava intimamente com Freud... o que é verdade e o que é mentira, Paulo?

- Tio, começemos do princípio. O Adler e o Jung faziam parte do primeiro grupo de seguidores de Freud.

- Ok.

- Mas...

- Porque diabo tem de haver um mas em tudo, se nós temos apenas mais algumas horas para decifrar isto, não me dizes??

- Pois. Nas ciências sociais, há sempre um mas, de facto. Quando o Adler e o Jung se

aperceberam do enfoque quase único que Freud dava às pulsões sexuais - que ele usava para explicar praticamente todo o comportamento humano - os dois “passaram-se”, e decidiram deixar o grupo.

- E depois...?

- Depois... bem, como todos os que divergiram da teoria de Freud, foram ostracizados pelo movimento psicanalítico.

- Cá se fazem, cá se pagam...

- Ora, nem mais. Como eu lhe disse, eles eram muito agressivos, quando a sua autoridade era questionada. Mas vamos a Jung. 1911 - Funda, com Freud, a Sociedade Internacional de Psicanálise, da qual é nomeado presidente; 1912 - Surgem numerosas divergências entre Jung e Freud durante o IV Congresso de Psicanálise, em Munique e, no ano seguinte, Jung demite-se da Sociedade, adoptando para o seu método o termo de “psicologia analítica” e, mais tarde, o de “psicologia complexa”. Viajou entre 1921 e 1926 pela África, América Central e Índia. Via a psicologia como uma pesquisa espiritual. O laço que unia Jung à sua mãe era muito forte: a mãe, para lá do simples corpo físico, é o oceano original, o inconsciente colectivo, primeira encarnação do arquétipo *anima*, personifica todo o inconsciente.

- Deixa-me respirar, peço-te!

- Ah... desculpe-me, tio.

- Tudo bem, tudo bem. Continua agora.

- No seguimento do que eu estava a dizer, esta mãe de duplo rosto, ora amante ora temível, portadora de angústia e lugar de refúgio, encarna a natureza arcaica, o instinto capaz de, num relance, conhecer profundamente a realidade. Jung debateu as ideias da parapsicologia com um céptico Freud, e tentou demonstrar-lhe que o inconsciente colectivo poderia explicar os sonhos premonitórios, os pressentimentos, os fenómenos de sincronização e a telepatia. Esse inconsciente colectivo leva a que, no âmago de si mesma, a psique seja universo. Entretanto, os dois homens colidem: Jung não aceita a teoria sexual das neuroses, e à psicanálise de Freud opôs a sua psicologia analítica que assenta noutra teoria do psiquismo, utiliza outra técnica e dá acesso a outra filosofia. Passe-me aí o copo de água, tio. Obrigado. Glup glup... Martins! Estás com atenção? No fim vou fazer-te um teste!

- Anda, Martins, não liguês ao nosso Paulo. Aqui, vem.

- Bom, continuando: embora Jung tenha escrito muito, só o fez na segunda metade da sua vida: antes, vive, tem uma intensa

actividade psiquiátrica, lê, viaja, cultiva-se em três grandes domínios - esoterismo, o pensamento oriental e a Etnologia. O sistema psíquico elaborado por ele é de uma grande complexidade, aumentada pela imprecisão e multiplicidade de sentidos que dá aos seus conceitos. Há sempre um contra- peso que reequilibra tudo, no seu pensamento. O animus é o masculino na mulher; a anima, o feminino no homem. A sua teoria baseia-se em três partes:

- . o consciente, que no seu centro, engloba o ego e, na sua periferia, um conjunto de funções que asseguram ao indivíduo a sua relação com o exterior: a persona, formada por:

- . o inconsciente pessoal, pouco profundo e formado por elementos recalçados ou esquecidos e

- . finalmente, o inconsciente colectivo, herança comum a toda a humanidade.

- Três partes... o terceiro homem... será possível que dividam sempre tudo em três? Assim é uma salganhada, se isto tiver a ver com a teoria pura destes tipos...

- Pois é, tio. Mas é assim. De resto, há apenas mais uma coisa importante a assinalar: os tipos psicológicos - a introversão e a extroversão, tipologia que se complica devido às funções psíquicas: o

pensamento, o sentimento, a intuição e a sensação. Ora, daqui à Astrologia, vai um passo não muito grande. Ou seja, Jung foi simultaneamente um médico e um mestre espiritual. Agora, Lacan.

- Tanta coisa... bom, continua.

- É um autor Francês, que sempre manteve relações tempestuosas com as sociedades de psicanálise. É difícil distinguir, neste autor, a provocação da exigência de rigor. A psicanálise é apenas uma das suas múltiplas actividades. Obras essenciais dele: - Escritos e - O estádio do espelho. Lacan é um verdadeiro homem do Renascimento; o seu mérito é o de ter, em França, imposto o necessário retorno à letra da obra escrita de Freud, aos seus textos originais, sem segundas interpretações de outros autores. Uniu a psicanálise à Linguagem/ Linguística.

- Só isso deve ser imenso, de facto.

- Sim, tio, e a sua obra é muito lúcida. A conexão com a Linguística conferiu um cunho de grande eficácia e inovação às suas intervenções, que eram sobretudo conferências e expressão oral. Para Lacan, é por identificação com a imagem do semelhante (no espelho - imagem de si mesmo) que a criança antecipa, imaginariamente, o domínio da sua

unidade corporal - é o primeiro esboço do Ego. Concluindo este livro dos dez grandes do inconsciente, temos ainda Wilhem Reich, uma personalidade extravagante, que provocou inúmeros conflitos; com as autoridades dos Estados Unidos, com o Partido Comunista Austríaco e também o Alemão, e que se dedicou ao estudo da teoria do orgasmo - forças que ficam retidas e que causam perturbações. Para ele, a impotência orgástica não era um efeito da neurose, mas a sua causa última - bloqueava energia: ia dar à angústia neurótica. Reich focou a sua análise na teoria da genitalidade - 3º estágio da teoria freudiana, depois das etapas oral e anal. No fundo, fez a síntese das teorias psicanalíticas e das teorias marxistas. Morreu na prisão, meio louco, ou pelo menos com um delírio de perseguição. Um dado importante: nunca renegou Freud, e vice-versa.

- Ok. Next!

- Eheh. Ai agora é o tio? Deixe-me beber um pouco de água... pronto. Vamos então ao próximo. Jean- Martin Charcot: foi uma forte influência inicial para Freud. Funda a neurologia. O motivo principal da ida de Freud a Paris foi o facto de Charcot ter empreendido o estudo dos problemas da histeria e da hipnose: Charcot foi o primeiro

estudioso a atribuir a histeria a perturbações nervosas. Sob a influência de ideias baseadas na religião cristã, ligava-se o prazer ao pecado e via-se nas manifestações histéricas uma intervenção do demónio - muitas histéricas foram queimadas devido a esta confusão. E agora, Mélanie Klein.

- Uma mulher! Finalmente!

- Deu em feminista, tio? Eheh...

- Nada disso! Mas tanto homem e nenhuma mulher a estudar a mente, é estranho. Continua, continua...

- Bom. A Mélanie Klein elaborou uma técnica de análise das crianças baseada na utilização do jogo. Ela reconhece a agressividade primordial da vida psíquica na fase destrutiva (ou sádica) do estado oral. A filha de Freud, Anna Freud, contestou com veemência a existência de neuroses de transferência nas crianças e, por consequência, o próprio princípio de uma cura psicanalítica que lhe fosse adaptada. A instalação de Klein em Londres precipitou portanto a polémica (Anna já vivia nesta cidade, desde que Freud se viu obrigado a emigrar da Áustria, por ser judeu).

- Isto é só polémicas... estes tipos são um bocado conflituosos, hein, Paulo?

- Ehehe... Bem, continuando: em breve nasce, no seio da Sociedade Britânica de Psicanálise, uma autêntica escola “kleiniana”, que não tarda a tomar o aspecto de uma verdadeira dissidência. O seu processo de cura utiliza vários elementos: neurose de transferência (histerias de angústia, histerias de conversão, neuroses obsessivas) nas crianças, verificando-se uma actualização dos desejos inconscientes existentes na pessoa tratada sobre a pessoa do psicanalista. Ela organiza um jogo, que...

- Olha, outra! Outra que também gostava de jogar! Não penses que são só os teus professores que...

- Sim, sim, sim. Ouça-me, por favor.

- Ah, desculpa...

- Não faz mal, tio, isto é muito chato, é natural. Como eu estava a dizer, Mélanie Klein organiza um jogo para as crianças jogarem: numa sala, coloca uma mesa pequena com muitos objectos: pequenos automóveis, casas, baloiços, bonecos, tesoura, papel, agulhas. E, a partir do momento em que a criança entra nessa sala para começar a sessão, todos os seus comportamentos, todos os gestos, todas as palavras, assim como o seu encadeamento, assumem um valor de informação para o analista. Ela prova que, tal como nos

adultos, a psicanálise das crianças dá lugar a uma transferência; Klein demonstra que a relação edipiana é muito precoce e que as satisfações e frustrações do recém-nascido determinam toda a sua vida psíquica. Ufa. Pronto, está dito. E é tudo, daquilo que eu estudei hoje.

- Excelente trabalho, descansa agora, Paulo. Vamos lá abaixo, ao café. Preciso de falar com o José pelo menos uma vez ao dia. Já bebeste café?

- Sim...

- Bebes outro. Anda daí.

Paulo deitou um último olhar ao rosto de Jung da página 106. Um rosto que, mais do que responder, fazia perguntas... incômodas.

Descansa, Jung. Freud já morreu.

O JOGO - VII

O Café da Esquina, assim se chamava. E, realmente, fazia esquina entre a Rua do Vigário e a Rua dos Corvos. Era um café histórico, de família; da família Lima, de trás- os- montes. Terra de boas gentes. José era a terceira geração dos Lima, e geria o café com a boa disposição de um jogador que tinha acabado de marcar um golo. Não lhe dava grande rendimento, mas nem por isso deixava de o limpar e lavar todos os dias, a seguir ao serviço.

*Um pouco de limpeza por dia... mal não faz.
E a mim, enche-me de orgulho.*

Nas suas mesas, jogava-se o xadrez, as damas, às cartas; a feijões durante a semana e a dinheiro quando a polícia não olhava; ou seja, nos fins de semana, nas traseiras. Rui entrou fanfarrão, com o sobrinho ao lado. Já era conhecido por aquelas bandas, e os do costume cumprimentaram-no efusivamente.

- Zé! Serve aqui o meu sobrinho! Ele quer sempre uma italiana, com dois açúcares, imagina! E bem graúda e de olhos verdes, hein?

- Ahahah! Tem bom gosto, o moço!

- Eh... Olá, como está...?

- Está tudo bem, obrigado! Rui, o costume?
- Sim, tu já sabes o que eu gosto, meu malandro. Um café cheio, e o da casa, no copo especial, hein? Quero isso bem servido!
- Sim, senhor! Aqui o cliente tem sempre razão! E se o cliente se chama Rui, tem duas vezes mais razão, ainda! Vamos lá então ao nosso especial...
- Tio, o que é que vamos aprender aqui? Temos pouco tempo, caramba!
- Calma, Paulo. Tu ainda és jovem. Aprecia as coisas boas da vida. Há duas coisas que te quero ensinar, agora.
- Siimm?
- Sim. Primeira: já diziam os antigos: “A calma é a madre das cousas”.
- Desculpe...?
- Em português actual: a calma é o reino da sabedoria; bom, é mais ao menos isto, Paulo.
- Sim, ok. E a segunda?
- Queria trazer-te ao café do José. Aqui respira-se ar puro, pleno de - lá está - sabedoria popular.
- Ar puro!? Isto está cheio de fumo de tabaco!! Cof cof!! Afinal, o que diabo espera aprender com ele? Isso é uma ilusão.

- Ai sim? Então ouve atentamente a minha conversa com o José.

- Aqui estão os cafés, Rui. O especial da casa é logo a seguir, mal termine o café! Então está tudo bem?

- Tudo, Zé, tudo bem. Eu e o meu sobrinho temos um caso bicudo em mãos.

- Ah sim? Eu posso ajudar?

- Quem sabe, Zé, quem sabe se não poderás ajudar? Tu gostas muito de cinema, não é?

- Imenso, Rui! Gosto sobretudo dos policiais: Poirot, Sherlock Holmes, devoro isso tudo! E tenho uma memória fotográfica!

- Muito bem, muito bem. Isso é-nos precioso, Zé. Olha, lembras-te de um filme chamado O Terceiro Homem?

- Com o Orson Welles, sim sim, muito bom. Muito antigo, é praí dos anos 40... Espera, Rui, vou buscar a ficha desse filme.

- Tens uma ficha desse filme??

- Claro, de todas as obras primas do cinema, isso é indispensável a um bom cinéfilo. Tenho uma base de dados gigante na cave do café. Espera aí.

- Retiro o que disse, tio...

- Era isso o que eu queria ouvir, Paulo.

O teu tio ainda sabe jogar este jogo...

O JOGO - VIII

- Pronto, Rui, tenho aqui a ficha completa do filme. Cada ficha individual é composta por: ficha técnica, resumo da história do filme, prémios, elenco de actores, críticas e curiosidades.

- Curiosidades. Começa por aí. Paulo? Concordas?

- Por mim, tio... tudo bem.

- Ora então vamos aos factos curiosos d' O Terceiro Homem:

1. O produtor David O. Selznick inicialmente queria que Noel Coward interpretasse o personagem Harry Lime. Orson Welles apenas foi contratado por insistência do director Carol Reed.

2. Carol Reed queria que James Stewart interpretasse o personagem Holly Martins. A escolha por Joseph Cotten foi uma exigência do produtor David O. Selznick, que tinha o actor sob contrato na época das filmagens.

3. O roteirista Graham Greene baseou o personagem Harry Lime no agente britânico Kim Philby, que foi o superior do próprio

Greene no Serviço Secreto de Inteligência Britânico.

4. Quando negociou a sua participação em O Terceiro Homem foi proposto a Orson Welles que ele recebesse um elevado salário pela sua actuação, ou então uma percentagem dos lucros que o filme tivesse nas bilheteiras. Welles escolheu receber um salário mas, ao perceber que o filme iria tornar-se um grande sucesso, tentou, sem conseguir, mudar o seu pagamento para a percentagem nos lucros.

5. Entre 1951 e 1952 Orson Welles estreou uma série de rádio que narrava as aventuras do seu personagem em O Terceiro Homem, antes dos eventos mostrados no filme.

6. O Grande Prémio do Festival de Cannes, que foi ganho por O Terceiro Homem, era o equivalente da época à Palma de Ouro, que apenas passou a ser entregue a partir de 1955.

- E é tudo, pelo menos nesta ficha... Filme de 1949, Título Original: The Third Man, género: suspense, tempo de duração: 105 minutos, roteiro: Graham Greene, baseado

numa história de Graham Greene e Alexander Korda, fotografia: Robert Krasker.

- E tens também a história do filme? Uma descrição que seja clara.

- Espera. Há aqui várias. Vou fazer um resumo: “Baseado num romance de Graham Greene, conta a trama de um escritor americano que vai a Viena, Áustria, logo após a Segunda Guerra Mundial, a convite de um amigo.”

- Viena, Paulo. Está atento.

- Hã...?

- Viena, caramba. A *cidade mágica* de Freud. Tens de estar mais atento, se queres decifrar isto. Continua, Zé.

- Este aqui também tem interesse, parece-me: “O filme, baseado numa obra de Graham Greene, foi realizado por Carol Reed e protagonizado por Orson Welles. Mas as lendas (sempre as lendas, como nos parece lembrar John Ford, que persistem em vez da verdade dos factos) dizem-nos que a presença de Orson Welles no estúdio bastou para que a sua influência na encenação fosse por demais considerável para ser ignorada. A história do filme é simples: um homem convida o seu melhor

amigo para o visitar em Viena de Áustria, mas quando este chega descobre que o seu anfitrião morrera num acidente de automóvel. Mas esse amigo, escritor policial que é, desconfia das estranhas circunstâncias que envolvem a sua morte e começa a investigar o caso. Após muita persistência descobre que, no momento da suposta morte de Orson Welles, um terceiro homem, não identificado pela polícia, se encontrava presente. E descobre que esse terceiro homem (que era o próprio Orson Welles, afinal ainda vivo, numa espantosa parábola do que seria a sua vida artística futura) era a principal fonte inspiradora de toda a criminalidade da cidade, rio maligno que apenas desembocará na sua morte nos esgotos. No filme, o tal amigo de Orson Welles, num processo de investigação, descobre quem o seu amigo verdadeiramente era, renegando-o a ele e à sua maldade patológica quando o encontra ainda vivo.”

- É isto, Paulo! É isto! Ah... desculpem-me...

Os jogadores de cartas da mesa ao lado, que tinham reagido com desagrado ao grito de Rui, voltaram ao seu jogo.

- Vê lá se te acalmas, Rui, a vida não acaba amanhã...

- Desculpa se te afugentei a clientela, Zé... mas, não estás a ver, Paulo?

- A ver? A ver o quê?

- Meu Deus!? E és Tu o intuitivo, e eu o estratega!? Para cima, já! Temos de encontrar a chave, estamos perto, sinto-o! Zé, põe na minha conta, está bem? Trago-te esta ficha amanhã.

- Tudo bem, até logo, tem calma...

A resposta esteve sempre diante dos nossos olhos...

O JOGO - IX

Rui entrou de rompante no pequeno apartamento, e Martins veio à porta, sobressaltado. Lam tentou logo acalmá-lo.

- Tem calma, meu pequeno, está tudo bem, o teu dono está nervoso, é só isso. Vá, vem para o meu colo...

- Paulo, vamos analisar bem este texto! Apenas precisamos de mais uma confirmação, e a chave está encontrada!

- A sério? Eu não vejo nada... não me quer dizer ainda qual é?

- Não. Eu próprio não tenho certezas absolutas. Vamos pensar em conjunto. Ok?

- Ok. Vou arrumar a mesa.

- Isso seria uma ótima ideia. Vou à cozinha pôr o nosso jantar no microondas.

- O que é?

- Lasanha.

- Miam...

- Olha que o Martins é que é o gato... Ahah!

Paulo Lam olhou pela primeira vez para a ficha d'O Terceiro Homem de José Lima. Tinha várias folhas, agrafadas. Na terceira folha, a meio da página, estava o texto que tanto tinha inquietado o seu tio.

Mas o que diabo ele viu nisto? É um texto perfeitamente normal... Mais um resumo de um crítico de cinema, sobre este filme: nada de importante.

Estava cansado. Tinha lido mais de 600 páginas de matérias aliciantes mas exigentes a nível intelectual. Uma trabalhadeira.

- Voltei. Paulo, agora vamos analisar palavra a palavra esta segunda sinopse do filme. Dá-me a ficha.

- Aqui tem, tio.

- Ora onde é que eu vi isto...? Ah, está aqui! Repara: “(...)a presença de Orson Welles no estúdio bastou para que a sua influência na encenação fosse por demais considerável para ser ignorada(...)” - o que é que isto te diz?

- Nada. Absolutamente nada. O tio não estará a ver coisas?

- Paulo! Não me tires do sério! Tu próprio me disseste coisas excelentes de Jung!

- O que é que Jung tem agora a ver com isto...?

- Jung também tinha uma tremenda influência nos seus discípulos, não seria...? Hein? E olha: “(...) um homem convida o seu melhor amigo para o visitar em Viena de Áustria(...)” - Freud! Freud convida o seu

amigo Jung para o visitar em Viena de Áustria!

- Hm. Mas ainda assim, isto não é sólido... são apenas ideias soltas...

- Ai é? Então lê: “(...)no momento da suposta morte de Orson Welles, um terceiro homem (...) se encontrava presente. E descobre que esse terceiro homem (que era o próprio Orson Welles, afinal ainda vivo(...))era a principal fonte inspiradora de toda a criminalidade da cidade(...)” - o terceiro homem é Jung! Que é, no fundo, o próprio Freud!

- Hm... sim, uma espécie de...

- Espelho! Freud visto ao espelho!

- Caramba...

- Ah, meu caro Paulo, mas há mais! : “(...)o tal amigo de Orson Welles (...) descobre quem o seu amigo verdadeiramente era, renegando-o a ele e à sua maldade patológica quando o encontra ainda vivo.” - Jung renegou Freud e Freud renegou Jung!

- Sim... Jung seria o “príncipe herdeiro” do movimento psicanalítico, tio! Era ele que iria herdar o legado de Freud; Freud tratava-o como a um filho!

- Ora aí está! Vai já buscar-me o livro dos 10 grandes do inconsciente!

- Está aqui, está aqui, tome, tio!
- Ora onde é que isto estará... deixa-me ver... Jung, o rebelde... Está aqui! Está aqui, Paulo!
- Onde? Está aí o quê...?
- Caramba, terei eu de fazer tudo?! Página 125, questionário sobre Carl Gustav Jung: lê a resposta 20 em voz alta, se fazes favor, Paulo.

- Ora bem: “Jung relata duas conversas, uma sobre os cadáveres dos pântanos, outra sobre Amenófis IV a respeito do qual Freud e ele estavam em desacordo. Irritado, Jung defende o seu ponto de vista com veemência e, *nesse momento, Freud caiu da sua cadeira sem sentidos. Rodeámo-lo sem saber o que fazer. Então tomei-o nos braços, levei-o para o quarto contíguo e estendi-o num sofá. Ainda na altura em que o transportava, recuperou os sentidos e lançou-me um olhar que nunca esquecerei. Do fundo da sua aflição, olhou-me como se eu fosse seu pai.* - C. G. Jung: *A Minha Vida.*”

Paulo Lam deixou-se cair nos braços da cadeira. Estava esgotado, mas finalmente tinha compreendido. A intuição do seu tio estava certa. Desde o início.

- Tio: Freud, primeiro, Adler, segundo, Jung, terceiro... o segundo a abandonar o movimento psicanalítico é...

- O terceiro homem. Jung.

- Jung formou um sistema de pensamento alternativo ao de Freud, e igualmente importante...

- Jung: O Terceiro Homem, Paulo.

- Jung foi encarregue pelo próprio Freud de levar bem longe o movimento: o meu "príncipe herdeiro" não judeu, o que ajudava e de que maneira...

- Jung - O Terceiro Homem.

- Sim, tio. E, finalmente...

- O filho que se torna o pai. Orson Welles é levado em ombros por três homens, um dos quais ele próprio...

- Jung leva nos braços Freud... que olha para ele e vê...

- O seu filho... - pai!

- Sim, um complexo paternal mal resolvido... de que Jung sempre acusou Freud!

Os dois ficaram em silêncio. A um genuíno orgulho de ambos, misturou-se um também sincero cansaço, e os dois adormeceram no sofá, com Martins a dar o calor necessário para que aquela noite de Maio fosse a vários títulos memorável.

O mundo dos sonhos tinha ganho a aposta.

O JOGO - X

- Uaaa... que sono... tio?
- Realmente eu estava aí, ao pé de ti, ontem à noite, Paulo. Mas já me levantei há duas horas.
- Q... que horas são?
- Dez e meia. Outra vez. Esses teus hábitos...
- Desculpe, tio, eu...
- Deixa lá, estavas cansado, eu compreendo. Já te trouxe mais 4 livros.
- Esses são de quê?

- História do Cristianismo. E também Etnologia das Religiões, alguma Antropologia... este desafio é aliciante, de facto, e eu acho que sei a resposta.
- S... sabe...? Qual é?
- Mas tu estás aqui para fazer este trabalho, ou para copiar o teste por outro aluno, hein? Toca a estudar, e é já!
- Mas se o tio sabe a resposta...!
- Eu Penso que sei, penso que sei. Pelo menos devo andar lá perto, e ser-me-á fácil descobrir...
- Vá lá, tio... diga-me a resposta.

- Paulo... eu já falei. Vais andar um bocado confuso, mas até te vai fazer bem, vais ver.

- Hmpf.

- Deixa-te de fitas. Bom, estes são os livros: dois de História da Religião:

. História concisa da Igreja, de Philippe Tourault, da Europa- América;

. e um clássico, escrito há cerca de 20 anos: História da Igreja Católica, de Pierre Pierrard.

, e um relacionado com o cristianismo lusitano:

. Origens do Cristianismo português, de Moisés Espírito Santo.

- Diga-me, ao menos, o que devo procurar, tio... ao menos isso, não...?

- Está bem, isso pode ser. Como sabes, a nossa pista é o livro de Charles Darwin: A origem das espécies.

- Sim, eu sei.

- Pois bem: este livro desencadeou uma enormíssima contestação por parte dos Criacionistas.

- O que é isso? Isso come-se? Ahahah!

- Rapaz, ai essa cultura religiosa... ai ai ai... Criacionismo é o movimento de pensadores ligados à Igreja Católica, que defendem, de acordo com a Bíblia, que o mundo foi criado por Deus. Ora, o Darwin defendia exactamente o oposto: que havia uma evolução das espécies e, através da selecção natural, iam adaptando-se, umas, outras morrendo, naturalmente, e no fim apenas restavam as que tivessem sido mais fortes nesse processo. Mas o mais importante a realçar é que ele, sozinho, deitou abaixo todo um sistema de pensamento religioso sobre a criação do mundo.

- Caramba...

- Eheheh... tu estás completamente em branco, Paulo... o que é que te ensinam, lá nessa Universidade, hm...?

- Tio, pode achar estranho, mas eu acho que, quanto mais sei, pior será a minha intuição. Porque, acredite, esse é o processo de selecção natural que funciona em mim...

O JOGO - XI

- Bom, eu compreendo isso.
- A sério que compreende, tio...?
- Eu vim de África, Paulo: achas que eu não conheço primitivos ainda mais em branco do que tu?
- Sim, realmente...
- Pois é... e acredita que esses primitivos nunca viram uma escola sequer, quanto mais uma Universidade! Mas estou-me a esquecer do outro livro que te trouxe. Está atento a este livro:

. Origens, do autor essencial Mircea Eliade, que fez o estudo comparado de várias religiões.

- Sim, sim, tudo bem. Mais pistas?
- São estas as principais: se tomarmos a palavra: Origem, do título do livro, isto poderá ter a ver com a origem do Cristianismo; Jesus Cristo é a mais forte hipótese, mas isso seria...
- Óbvio?
- É claro. Não pode ser assim tão simples, é demasiado directo. Mas poderá ser também a origem do Cristianismo actual, ou seja, a

evolução histórica, vinda da Idade Média, por exemplo. Depois, há um paralelismo que salta à vista: Evolução das Espécies / Evolução da Igreja, e aqui poderemos estar a falar tanto do passado como do futuro da religião cristã. Já para não falar de novo na polémica que ainda está bem viva nos dias de hoje entre perspectivas evolucionista e criacionista.

- Mas disse-me que pensava que sabia a resposta...?

- Eu penso que sei o que eles querem com isto. Mas vou deixar que sejas tu a seguir o teu próprio caminho. Hoje à noite vais ter uma surpresa...

- Ora essa, tio! Uma surpresa...?

- Eh, Paulo: primeiro o estudo, depois as guloseimas, hã??

- Ora!

- Vou pescar, ao rio, lá para os lados de Alcântara. À tarde venho, e quero a lição bem estudada, hm?

- Está bem, está bem...

- E nada de copiar!!

O JOGO - XII

- Cheguei!
- O que pescou, tio?
- Bah! Tainhas rançosas, que qualquer gaiato apanha à bóia. Já não há peixe como antigamente, Paulo...
- Mas... o balde está vazio...! Tio!
- Mas tu pensas que o teu tio é um mentiroso, como qualquer vulgar caçador? Apanhei 4 tainhas, sim senhor!
- Ai é? Então onde estão elas, hm?
- Encontrei o Martins lá fora, e decidi dar-lhe um banquete antes do jantar...
- Bom, este teste passou! Agora, venha cá ajudar-me a deslindar este puzzle, ok?

- Vai andando para a sala, e prepara-te: quem faz o teste agora sou eu...
- Pois, pois...

- Pronto, já cá estou. O que tens para me mostrar hoje, Paulo?
- Primeiro livro: História da Igreja Católica.
- Vamos lá a esse, então.
- Centrei-me na origem das religiões. Espero ter feito bem...

- Força, quero ouvir-te.

- Bom. O judaísmo era o refúgio de um monoteísmo muito elevado, cujo Deus - Jeová - tinha uma relação directa com o povo judeu através da Tora - lei de Moisés ou Pentateuco. Havia judeus helenizados que elaboravam a doutrina tirada das Escrituras num sistema teológico e filosófico organizado; e será esse sistema a preparar o caminho para a teologia cristã. É no seio deste pequeno mas orgulhoso povo que nasce Jesus, que mais tarde afirmará não ter vindo para revogar a Tora, mas para a completar. Em 1963, monsenhor Van Dodewaard disse ser “a Igreja herdeira do povo judeu”, fazendo-se assim eco da famosa expressão de Pio XI: “Nós somos espiritualmente judeus”. O que acha, tio? Encontrámos a solução?

- Calma, Paulo. Ainda tens muito caminho a percorrer... continua.

- O cristianismo nasceu da pregação de um judeu, cujos primeiros discípulos - igualmente judeus - se dirigiam em primeiro lugar aos judeus. Na comunidade cristã, os ritos judaicos enriquecem-se numa liturgia original: administração do baptismo e também, por altura dos repastos comunitários, o rito eucarístico da divisão do pão. Segundo livro! Next!

- Bom, foi rápido, realmente eheheh...
- História concisa da Igreja. Mais do mesmo: o cristianismo nasceu no actual Médio Oriente. A crescente admiração das multidões por Jesus despertou a susceptibilidade dos dignitários da hierarquia Judaica, que concordaram em denunciá-lo como agitador ao procurador romano Pôncio Pilatos. Tendo sido condenado à morte, foi crucificado na véspera da Páscoa Judaica. Os Evangelhos e São Paulo referem que ressuscitou ao terceiro dia. Depois, no dia de Pentecostes, os doze apóstolos tiveram a revelação do Espírito Santo, tendo sido aí definida a missão apostólica da Igreja.
- Sim sim, está-se mesmo a ver...
- Ahahah, tio, não o julgava tão anticristão!
- Bah... depois te explico, Paulo.

- Ok. A adversidade preparou o terreno para o cristianismo: no século VI antes da nossa era, o povo judeu foi deportado para a Babilónia e teve de suportar o domínio do império romano. Ora, este domínio veio lembrá-los dos textos proféticos do Antigo Testamento: viria um Messias para salvar Israel, surgiria um rei da raça de David, que fundaria um reino de Deus e salvaria o homem do pecado. Todos os que acreditavam no judaísmo eram

monoteístas, o que os distinguiu dos romanos, que invocavam múltiplos deuses.

- Bom, Paulo, até agora temos: Império Romano, Judaísmo, Médio Oriente, Messias. Continua, por favor.

- Sim, tio. Vamos agora aos que espalharam a fé cristã: Paulo - participou no assassinio por apedrejamento do diácono Estêvão, primeiro mártir da Igreja. Mas, convertido por uma aparição divina, passou o resto da sua vida a fazer trabalho missionário em torno da bacia do Mediterrâneo, o que lhe valeu ser chamado através dos séculos “o apóstolo dos gentios”, ou seja, dos pagãos.

- Sabes o que é paganismo, Paulo?

- Eu eh... bem, tenho uma ideia...

- Não basta ter ideias. É preciso ter um pensamento a ligá-las... mas ainda bem que não sabes.

- A sério?

- Sem dúvida. Vais saber mais tarde.

- Está misterioso, hoje...

- Nunca ouviste dizer que o segredo é a alma do negócio... hm?

- Pronto, está bem. Agora, Pedro - é considerado o fundador da nova Igreja. Defendia muito mais do que Paulo uma

certa união da tradição judaica e da revelação cristã. Em cerca de 2 séculos de expansão da nova religião, a mensagem de Jesus difundiu-se no mundo civilizado, à volta da bacia mediterrânica, e sem qualquer apoio oficial, uma vez que o imperador e o império invocavam ainda o paganismo e os deuses ancestrais. Houve inúmeras perseguições aos cristãos, mas por volta do século III, o cristianismo saiu finalmente da clandestinidade e tornou-se público e o apoio dado pelos imperadores romanos ao cristianismo no século IV assegurou a sua extensão ao império, até porque entretanto o paganismo foi proibido. Next!

- Já...? Isto está a ser muito rápido, realmente... e agora?

- Agora... Origens, de Mircea Eliade.

- Esse deve ser bom, o seu autor é...

- Assim assim, tio, assim assim...

- Ai é, engraçadinho? Quero ver-te a achares a solução para isto, isso é que eu quero ver!

- Ahahah! Era só para ver a sua reacção. Mas vamos ao livro.

- É melhor.

- Ele fala de vários autores. Começa por dizer que o antropólogo J.G. Frazer

defendia na sua famosa obra *Golden Bough* que na história da raça humana a magia precedia a religião. Durkheim, Freud e Jung adoptaram e reelaboraram as hipóteses pré-animistas e insistiram na importância do totemismo, que significava para os dois primeiros autores as primeiras manifestações da vida religiosa. Freud sustenta que Deus é nada mais nada menos que o Pai físico sublimado, e que é ele que é assassinado no sacrifício totêmico: esta chacina do pai-Deus é o antigo pecado original da humanidade. Esta culpa de morte é expiada pela morte sangrenta de Cristo.

- Caramba...

- Isto é da pesada, eu sei, tio. Quanto a Jung, foram as incríveis semelhanças entre os muitos símbolos e figuras mitológicas de povos e civilizações distantes que o obrigaram a postular a existência de um inconsciente colectivo, que se manifesta através dos seus famosos “arquetipos”. Eliade diz ainda que não possuímos nenhum meio de investigar a “religião primordial”, uma vez que ignoramos tudo aquilo que o homem pré-lítico pensou durante centenas de milhar de anos. Muitos outros etnólogos de várias orientações tentaram reconstituir os primórdios e crescimento da religião,

variando entre animismo, magia, teriorismo (animais sagrados), totemismo, entre outros conceitos.

- Tanta coisa... temos de tirar algum coelho da cartola, desta vez.

- Sim, tio. Eliade refere também a obra da Escola do Mito e Ritual, ou padronismo, “King and Saviour”, na qual se insiste nos elementos comuns das culturas e religiões do Próximo Oriente Antigo. G. Widengren considerava aqui que o rei era considerado o responsável pelo bem estar do Cosmos, e que esta concepção teria dado origem mais tarde à ideologia iraniana do salvador e ao messianismo judeu. Sabe-se hoje que a agricultura, a cultura das povoações neolíticas e, finalmente, a civilização urbana partiram de um centro com muitos raios, situado no Próximo Oriente.

- Acrescenta aí duas coisas à nossa lista: Pai e Rei.

- Pai?

- Freud...

- Ah, é claro, tio. Desculpe.

- Estás perdoado. Mais alguma coisa, desses livros que leste?

- Sim sim. Em 1871, Edward Tylor publica Primitive Culture, no qual identificava o primeiro estágio da religião com o

animismo, ou seja, a crença de uma alma na natureza. Ora, do animismo desenvolveu-se o politeísmo, e o politeísmo deu lugar ao monoteísmo. Mas!

- Ah, pois está claro... tinha de haver um: Mas, nesta história... diz, diz!

- Mas... nos últimos anos do século XIX e nos primeiros anos do século XX, o animismo deixou de ser considerado o primeiro estágio da religião.

- Já cá faltava esta...

- Eheheh. Duas novas teorias apareceram nesse período:

1ª teoria - Andrew Lang, que estabelece uma crença num Deus Supremo nos primórdios da religião

e 2ª teoria - teoria do mana: a crença numa força mágico- religiosa indistinta e pessoal.

E Eliade termina este livro com a seguinte declaração: o historiador das religiões sabe actualmente que é incapaz de alcançar a “origem” da religião...

- Então estamos feitos.

- Pois... assim parece, tio. Se é o próprio Mircea Eliade que o diz...

- Agora sou eu a dizer: Mas!

- Ah sim, tio? Então...?

- Mas se calhar Eliade engana-se...

- A sério?

- A sério, Paulo. Esse tipo não deve andar a ler os mesmos livros que eu... mas, contradição das contradições, os mais lúcidos livros que eu li...

.. são dele!

O JOGO - XIII

- O tio não está a ser honesto comigo! Já tem a resposta, sinto-o!

- Eh, calma aí. Próximo livro.

- Hm... está bem, seja. Origens do cristianismo português. Um livro muito interessante, mesmo.

- Assim me pareceu, lá na biblioteca. O que diz?

- Diz que, no actual leque das disciplinas científicas, apenas a Etnologia e a Antropologia históricas possuem alguma capacidade para reconstituir as religiões desaparecidas, uma vez que as religiões do Livro - Judaica, Cristã, Muçulmana - , na sua pureza inicial, são apenas oralidade, não deixam rasto.

- Sim, mas o próprio Eliade, que é dessas lides, se auto- descartou... eheheh.

- Pois! Parece que andamos a bater com a cabeça nas paredes, não é tio? Estes tipos não nos dão esperança nenhuma de ser possível encontrar a solução, não é?

- Mas não te preocupes. Continua, estou a gostar de ouvir. Parece que não és só tu que anda um pouco confuso, neste assunto...

- Não me quer dizer a solução...?
- Ainda não. O conteúdo desse livro, Paulo...?
- Hmpf. Fala de arquétipos astrais, que têm um lugar importante na religião e o sol, que representou o Deus máximo nas culturas antigas semitas.
- Sol. Acrescenta aí à lista...
- Pois... este livro analisa o momento da passagem do paganismo ao cristianismo e afirma que não existem rupturas nem na cultura nem nas religiões, mas antes sobreposições de estratos simbólicos e cúlticos. Os rapazes impelidos por uma “vocação” castravam-se para responder aos imperativos dos mitos religiosos: vivia-se uma cultura matriarcal, o culto da Grande-Mãe.
- Isso ainda hoje se verifica, Paulo, apesar do cristianismo ser totalmente centrado no homem.
- Ora essa!? Castração, nos dias de hoje??
- Ora bem, é isso mesmo! Já ouviste falar em votos de castidade...?
- Ahahah! Ah, isso? Isso é muito mais...

- Isso, como tu lhe chamas, é apenas a forma de adaptação da Igreja a uma realidade que não mudou muito, do século

III ao XX. E, como vês, o culto matriarcal e o culto cristão, centrado no homem, não diferem em grande coisa.

- Hm. Talvez seja assim, de facto. Bom, continuando: este livro fala sobre a obra essencial Tratado A Deusa Síria, de um autor chamado Luciano. “Diz-se que, de todos os povos que conhecemos, os egípcios foram os primeiros que conceberam a existência dos deuses (...) e formularam as doutrinas sagradas.” A universalidade do culto referido por Luciano confirma-se pela arqueologia, numismática e pelas crónicas greco-romanas. Todo o Médio Oriente, Ásia Menor, Grécia, Egipto, Arábia, Bretanha, Gálias, Ibéria e Germânia praticavam sob vários nomes este culto sírio. Outras influências espirituais e muitas heresias são também de origem síria e palestiniana: o gnosticismo, o maniqueísmo, o arrianismo, o nestorianismo, etc. O conceito de salvação post-mortem em que assenta o cristianismo e o islamismo é mais antigo entre os sírios e frígios, e não aparece nem no Antigo Testamento nem no judaísmo: é a primeira vez na história das religiões que a fé na vida eterna nos aparece com clareza, a qual será a cristã. Se hoje atribuímos a origem do monoteísmo à religião dos judeus, temos de conferir a origem da actual concepção de Deus universal à religião dos seus vizinhos sírios.

- A Magna Mater - mãe dos deuses... Cibele.

- C... como sabe, tio...?

- O culto da Deusa- Mãe? É muito conhecido, Paulo. É um reflexo do matriarcado que vigorou juridicamente no Médio Oriente e no mundo semita, salvo erro até ao século VIII a.C., e que ainda se nota com grande acuidade nas culturas mediterrânicas que se tornaram católicas.

- Bom, estou a ver que sabe isto melhor do que eu... continuando: o que falta de humanidade no Cristo de São Paulo está a mais nos apócrifos; aqui sim, Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. E o mesmo se passa quanto a Maria. São Paulo preocupou-se em excluir as mulheres do sacerdócio e da pregação e obrigou-as a usar o véu nas assembleias, como fará mais tarde Maomé. A diferença entre os canónicos e os apócrifos quanto à presença de Maria explica-se facilmente: os apócrifos são de origem popular e exprimem a visão popular da vida de Jesus e de sua mãe, reproduzem a antiga cultura matriarcal que se reflectia nos cultos da Magna Mater. Quanto aos canónicos - que foram escritos em grego - tiveram origem em autores eruditos assimilados à cultura clássica; os Apóstolos eram judeus. E havia 5 ou mais

séculos que a cultura judaica dominante era patriarcal. Imbuídos de misoginia, os textos teológicos, litúrgicos e jurídicos favoreciam unicamente o homem. E a valorização exclusiva do homem passou a ser total com o Islão. Com o imperador Constantino irrompeu o cristianismo de massas, que passou a ser a única religião, tendo sido proibidos todos os outros cultos.

- Estás a ver como as coisas se fazem ao longo da História, Paulo? É mesmo assim: junta-te sempre aos vencedores, escolhe o vento mais forte e vai com ele, até onde ele te levar...

- Pois, tio, se calhar...

- Não é: Se calhar, é de certeza. Tens ainda mais alguma coisa para me dizer?

- São apenas algumas anotações finais, tio, estou quase a acabar.

- Muito bem. Ouço-te.

- O culto católico de Maria, os seus dogmas e festas mais antigos vieram da Síria, é um dado básico da história do cristianismo. Com a proibição das religiões pagãs, a pastoral e a liturgia cristãs reformaram-se para satisfazer a religiosidade das multidões ex-seguidoras dos cultos matriarcais de origem síria e frígia, que se tinham disseminado pelo império. O

monoteísmo instaurou-se na Península Ibérica através do judaísmo; sendo os judeus a nação santa, os interlocutores de Deus, os conservadores da palavra, a sua presença cria nos cristãos mal estar, remorso e inveja.

- Acabaste, certo?

- Sim, tio, acabei.

- Pois bem, onde tu acabaste, vou eu começar. E podes crer, Paulo, que o fim está ainda muito longe...

O JOGO - XIV

- Bom, Paulo, hoje tens direito a uma visita de estudo. Trabalhaste bem, e...

- O que é que está praí a dizer, tio? Eu não...

- Tu vais ter uma lição de vida. E de graça, hem? Estas borlas já estão em desuso, mas eu...

- Hm... uma visita de estudo, tio? Onde vamos...?

- A um sítio que tu conheces bem... ver uma coisa estranha... e depois vais compreender uma coisa que desconheces.

- Está muito misterioso hoje, tio... o que é?

- Não te posso dizer. Tem a ver com os meus assuntos, ando a estudar umas coisas e...

- Tudo bem, tudo bem, se não quer dizer não diga. Mas vou ficar em pulgas... quando vamos a essa visita... de estudo!? Vamos em algum autocarro alugado pela Escola? É preciso pagar bilhete? Ahahah!!

- Goza agora, enquanto podes. Vai ser, olha como os brasileiros dizem; *barra pesada*. É um tema no mínimo... chocante!

- Bem, isto promete...

- E, respondendo à tua pergunta: vamos a seguir ao jantar.

- Ok.

- E tu vais jantar apenas um bife pequeno, e algum arroz, já está a fazer, e...

- Tio! Por favor não me faça isso! Eu estou cheio de fome!

- Tu não estás a compreender, Paulo... o que vamos ver...

- Siim...?

- Não sei ainda visualizar o que é, Paulo, mas o que quer que seja... é algo de assustador, quando eu te explicar o que significa.

O JOGO - XV

- Faço-lhe a pergunta de novo, tio: onde vamos? Já estamos quase na minha Universidade, e...

- Exactamente aí. Tu deste a resposta. Paulo.

- Vamos à... à...

- À tua Universidade. Vamos até lá, sim.

- Mas porquê? É o último lugar onde quero ir, porq...

- Porque hoje é dia de festa, Paulo: não sabias? Meteram-me no pára-brisas do 2 cavalos um papelinho desses que agora anunciam as festas nas Universidades.

- Que coisa tão monótona, uma festa de Universidade, nem acredito que...

- Ah, mas nós não vamos à festa...

- Não...?

- Não. Vamos... olha, aproveitar a onda da festa...

- Essa não percebi.

- Eheheh... agora sou eu a gozar, hein, Paulo? Tem calma, vou estacionar aqui mesmo.

- Hmpf.

- Não faças beicinho, vá lá, estás quase a saber o segredo...
- Mas que segredo é esse, afinal?
- O segredo que se esconde nas catacumbas da tua Universidade... buuhhh...
- Sim, sim, está-se mesmo a ver.

- Ah. Esqueci-me de te dizer uma coisa.
- O quê...?
- Tu não vais ver quase nada. Vais apenas ouvir..

O JOGO - XVI

- Está uma grande agitação à porta...
- É o costume, tio; é sempre assim, nos dias de festa, aqui.
- Muito bem. Vais fazer o seguinte: entras pela porta da frente, segues pelo corredor principal, e viras na primeira à esquerda, ao fundo, antes da...
- Para a biblioteca? Vou para a biblioteca? O que é que há lá? É isso, tio?, quer que eu vá até à...
- Ora é isso mesmo.
- Mas... está fechada, a esta hora! O que espera encontrar na...

- Eu não espero encontrar nada, Paulo. Eu Sei o que vou encontrar, mais nuance, menos nuance. Sei perfeitamente o que vou lá encontrar.
- Pronto, está bem está bem...
- Tenho de fechar o carro à chave. Vai agora. Vais esperar por mim no corredor de acesso à biblioteca, é suficientemente...
- Escuro? Escuro, tio?
- Ora estás a ver que compreendes... O nosso jogo também tem alguns trunfos, Paulo...

- Ok, vou agora, vai lá ter?
- Sem dúvida. Já vou. A seguir - é para não dar muito nas vistas.
- Compreendo, tio. Até já.

A noite estava escura. Muito escura. O ideal para...

... uma jogada destas.

O JOGO - XVII

A Universidade estava quase deserta, na sua parte inferior: apenas alguns casais de namorados faziam a corte mútua, meio envergonhados. Aquela era, afinal, a zona menos movimentada da Universidade: era mais acima, no primeiro andar, que as festas tinham lugar, com os recém-encartados doutores a seduzirem as caloiras, em noites loucas de sexo e algo mais, com a complacência bonacheirona dos professores de maior nomeada. Era preciso, no fim de contas, seguir as modas; adaptar as antigas tradições aos novos tempos e a moças ainda mais novas.

Lam fez o que o tio lhe pediu. Lá estava a reentrância, antes da porta da biblioteca: uma meia-curva que era o paraíso dos namorados mais afoitos. *Ufa... tenho de agradecer aos céus o facto de não estar cá ninguém. Assim estamos à vontade. Espero que o tio Rui venha depressa.*

Uns passos aproximaram-se, rapidamente. Depois, pararam subitamente.

- T... tio?

- Sim, Paulo, sou eu.

- Uff... que susto... pensei que...

- Vi a tua sombra e pensei que alguém tinha chegado primeiro...

- Mas tio... quem viria aqui?

- Paulo, nem tu imaginas quem vem aqui nestas noites de festa...

O JOGO - XVIII

- Como vamos entrar?
- Ora deixa cá ver no bolso... ah, está aqui!
- O que é isso?
- Uma gazua.
- Tio!
- Foi um amigo meio chanfrado que ma deu certa vez, e ensinou-me mais umas coisitas. Vá lá, não lhes assim para mim. Temos de entrar depressa.

- Fecha a porta já, sem barulhos, Paulo.
- Ok, tio. Isto está totalmente às esc...
- Não se vê nada, eu sei. E por isso eu trouxe isto... voilá!
- O que é? Está aí, tio?
- Estou, estou. Ah, pronto, agora já me vês...
- Uma lanterna!
- Chiu! Fala baixo. Vou apontar a lanterna para baixo, ninguém nos pode ver aqui. Agora vamos até à segunda porta... a gazua, novamente... isto está difícil...
- Clic.
- Pronto, já está, Paulo. Temos pouco tempo. Vou ligar as luzes por um breve

momento, está atento. Vês aquela espécie de espelho, ali, estou a apontar com a lanterna...

- Sim, tio, o que tem?

- Tenta gravar todos os pormenores mentalmente desse espelho. Vou acender a luz desta sala interior...

.. agora!

Ψ

Φ



Ω

Ξ

O impacto inicial foi de um choque visual, atribuível ao contacto imediato com a luz após alguns momentos em absoluta escuridão. Depois, Lam tentou adaptar-se, e começou a memorizar rapidamente tudo o que lhe parecesse importante.

- Tio!

- Depressa! Vem aí gente!

Os passos eram sorrateiros e, depois de fecharem a porta secreta da biblioteca, esses passos continuaram a ser muito cuidadosos. Dir-se-ia que ouviam tudo, em seu redor. Cautelosos como uma mãe extremosa. Um grande problema, era o que era. Lam olhou para o tio, que estava com ele anichado debaixo de uma das duas grandes mesas de madeira da biblioteca. A toca... perfeita. - *Tu não tens de ver... tens de ouvir.* Lam começava a perceber as cartas daquele jogo. Os passos tornaram-se mais discretos e, ao entrarem na segunda sala, foram abafados pelo vazio da alma da noite.

- Tio.

- Chh! Fala mais baixo. O que foi?

- O que fazemos agora?

- Agora, meu caro sobrinho, vamos pôr-nos ao fresco. E tu vais começar a saber a história que se esconde dentro destas paredes...

O JOGO - XIX

- Depressa! Entra no carro, Paulo!
- Baixo-me, tio...?
- Sim. Eu vigio.

- Já posso...
- Sim. Não nos viram. Vamos embora daqui e é já!

- Mas tio, quem era aquele que...
- Provavelmente um iniciado.
- Iniciado? Iniciado em quê? Que é isso??
- Paulo, tu já ouviste falar em... magia?
- Bem, eu vejo os programas do Luís de Matos, e...
- Nada disso. Isso são truques baratos. Bom, nem sempre assim tão baratos, mas...
- Está a falar da magia... eh... magia...

- Estou a falar da magia que vem de África, Paulo. A magia que... altera comportamentos... que apenas pode ser utilizada quando as pessoas estão a dormir
- durante o sono: porque pensas por exemplo que se diz que as pessoas que

vivem a vida nocturna estão *mais lúcidas*, hein? Ah, pois é...

- Não me diga que...

- Digo-te isso e digo-te muito mais coisas, Paulo. Porque venho de África, sim, mas o meu coração é o teu coração. E tu sempre, sempre foste puro, e eu não posso atraiçoar os do meu sangue.

O JOGO - XX

Rui ficou em profundo silêncio até casa, e Lam não quis incomodá-lo mais com perguntas que teriam de ser... incômodas. Todo aquele assunto era demasiado sério, demasiado grave, para que a conversa fosse feita dentro de um 2 cavalos aos solavancos.

- Deixa-me cá trancar o carro... Pronto. Paulo, vamos subir.

- Sim, tio.

O hall de entrada no prédio tinha algumas luzes acesas e o elevador finalmente funcionava, mas aquela decididamente não era uma noite de alegria para Rui. Aquela era a noite... da verdade. De contar a verdade ao seu sobrinho sobre uma série de assuntos que o preocupavam, desde há muito tempo, desde que tinha vindo de África: talvez até mesmo antes.

- Vai sentar-te no sofá da sala, Paulo, vou só beber água, eu já vou... oh, Martins, estás aqui!

- Vá, está quieto, Martins, o tio Rui não está... eh

- Eu sei, eu sei. Não estou bem, não era isso que ias a dizer, Paulo?

- Eu... eh...

- Se tu tivesses as coisas que eu tenho na minha consciência, também estarias assim.

O JOGO - XXI

- Não me quer dizer agora, tio, o que...

- Já vou dizer, já vou dizer, não te preocupes. Deixa-me só beber mais um copo de água...

Já era o terceiro ou quarto que Rui bebia, em menos de 5 minutos. Tinha ligado a televisão e ficado a olhar para ela sem receber nenhuma informação de lá desde que tinha chegado à sala. Finalmente, pareceu acordar do seu torpor, apagou a TV com o comando remoto, e ficou alguns segundos em silêncio de novo, a meditar. Mas agora parecia estar muito mais calmo. E lúcido.

- Paulo.

- Sim, tio...?

- O que eu te vou dizer fica entre estas quatro paredes, estás a ouvir? Nem tu penses em repetir o que eu te vou dizer a ning...

- Certo, tio. Pode contar comigo. O que se passa, afinal?

- Sabes, tu estudaste aquilo das teorias do Freud, e aquelas doenças... angústia, histeria, neuroses, psicoses, esquizofrenia, até... tudo isso é ilusório, meu sobrinho.

- C... como assim? Mas essas doenças existem mesmo, ele não iria inventar que...
- No mundo primitivo nada disso existia, garanto-te. Nada, nada disso havia.
- Mundo primitivo? O que é isso?
- Nas tribos africanas, claro. Nos aborígenes da Austrália. Em alguns sítios da Indonésia. Nas tribos da América do Sul. Nas tribos da América do Norte: Apaches, Sioux, e tantos, tantos outros, que os condenados das prisões britânicas destruíram, quando foram colonizar o Novo Mundo, levando atrás de si doenças e guerra aos índios nativos. Pois é, meu caro sobrinho, a grande América tem pés de barro... só quem não estudou a história dos Estados Unidos da América não sabe isto... que se quer esconder a todo o custo...
- Bem, eu já tinha ouvido falar nessa estória dos prisioneiros ingleses, mas não pensei que fosse imp...
- Importante? Sim, é importante. Mas há uma coisa que ainda é mais importante, Paulo.
- Q... que coisa, tio?

- O... Xamã.
- O que é isso?

- O curandeiro africano. O feiticeiro da tribo, para os ameríndios. O xamã da comunidade, nas tribos russas, de onde provém a tradição europeia do xamanismo, que muitos têm tentado manter na sombra... incluindo os psiquiatras, sobretudo eles, Paulo. Olha, o teu deve saber algo sobre isto. Mas esconde-te isso, é claro. Ou então tem medo de certas coisas...

- Medo? Medo de quê?

Rui respirou fundo, e pensou muito bem antes de o dizer. E quando a sua respiração encontrou o caminho da fala, ele sabia que o seu sobrinho nunca mais seria o mesmo a partir daquele momento. No entanto, era algo importante. Que tinha de ser dito. Sentia-o. Sabia-o, mais do que ninguém.

- Medo... dos espíritos dos mortos, Paulo. E isso, nem o Freud poderá algum dia controlar, com as suas teorias bem pensantes e pseudo racionalistas...

O JOGO - XXII

Um Paulo Lam atônito fitava o seu tio Rui de alto a baixo. Nem ele sabia reagir a isto, nem Rui sabia qual iria ser a sua reacção.

- Tio... o tio está a brincar, não é...?

- Pelo contrário, Paulo, estou muito a sério.

- Explique-se. Apenas ouvi falar disso em...

- Estórias de embalar criancinhas, já sei, já sei... é o normal: tudo o que não é explicável pela ciência ocidental, vira mito, para boi dormir... enfim, olha, é o que temos!

- Tem a certeza do que diz? Porque isso é...

- É estranho? Ao princípio, sem dúvida. Depois, quando estudamos melhor os assuntos e usamos a intuição, tudo faz sentido. Prepara-te, vou fazer-te umas perguntas, ok?

- Ok, dispare.

- Porque é que em tribos primitivas há tão poucos casos, percentualmente falando, de indivíduos considerados loucos?

- Porque, eh... bem, não faço ideia!

- Resposta: porque as psicoses são induzidas socialmente; falando bom

português, um indivíduo torna-se esquizofrênico porque vive em sociedades com imensas restrições, e desenvolve essas patologias devido à causa última e única da sua adaptação social. Ou seja, quando se vive em plena comunhão com a natureza, nada disto acontece. É por essa razão que eu te falei na terminologia que Freud e outros utilizaram: nada disso corresponde efectivamente a realidades objectivas, quando recuamos no tempo e analisamos tribos. Esclarecido?

- Ok...

- Próxima pergunta. Com que materiais lida um Xamã (na tradição europeia); ou feiticeiro da tribo (nas Américas); ou curandeiro (em África)?

- Bem, o tio já disse... com os espíritos dos mort...

- Exactamente. Mas muitas mais coisas. Muitas mais. E sabes tu, por acaso, como se chama a magia que o xamã realiza, que ele oferece à sua comunidade, à sua tribo?

- N... não tio! Como se chama...?

- Magia Branca. Porque lida com espíritos benignos e não malignos, e por vezes ele até se consegue desfazer feitiço da... da...

- M... magia...

- Exactamente, meu caro sobrinho. Exactamente. Magia... Negra. A magia que se espalhou por vários locais do mundo através do tráfico de escravos africanos e que tem vários nomes: Voodoo e muitos etceteras. E é dessa magia, originária de África - mas da África negra profunda, não das cidades, nota bem - que as grandes mentes ocidentais se apoderaram para...

- Para quê? Para que serve, afinal, tio?

- Para... controlar as massas. Para que a mente esteja activa durante o dia e durma durante a noite, quando essa magia pode entrar no espírito à vontade, sob a forma de sonhos... porque achas que as tribos ameríndias fazem aqueles caça-sonhos que se vêm tanto, nos quartos de dormir das casas ocidentais? É uma espécie de magia branca disfarçada...

- Meu Deus... tio, isso é...

- Maquiavélico? Certamente. Mas muito mais maquiavélico são os feitiços que se lançam por aí, para manter a ansiedade das pessoas a níveis aceitáveis em sociedade...

O tio de Lam bebeu mais um pouco de água. O seu sobrinho estava calmo, para um intuitivo. Isso era bom, muito bom.

Afinal queria que ele dormisse bem naquela noite: havia ainda muito trabalho a fazer.

- Tio, mas Freud, ele... bem, de certeza que a sua teoria contém muita verdade, não pode estar errado em tudo, e...

- Paulo, Paulo... nem tu imaginas o que Freud sabia mas não disse a ninguém...

O JOGO - XXIII

- E agora, neste assunto, há apenas mais uma ponta solta que te queria explicar, Paulo.

- Ainda mais alguma coisa? Esta noite tem sido uma caixinha de surpresas, realmente...

- Sim, apesar de serem retornados lá da minha terra que andam a fazer estas coisas aqui em Portugal, eu Tinha de te dizer isto, Paulo. Não podia deixar de to dizer, a ti que és sangue do meu sangue.

- Deve ter-lhe custado bastante, a...

- Nem tu imaginas. Sabes, a geração que agora tem as rédeas do poder é no fundo a minha geração. E todos nós sabemos um pouco de tudo isto que se passa, mas por medo não o dizemos, e o conhecimento perde-se. Os mais jovens nem imaginam... bem, mas vamos à tal ponta solta que eu te queria dizer.

- Sim, tio, pode falar, estou atento.

- Tem a ver ainda com as tribos primitivas, Paulo. Tu sabias que nessas tribos consideravam-se os loucos pessoas muito sábias?

- Ora essa...

- Ora nem mais! E sabes porquê? Porque pensava-se que eles estavam em contacto directo com os Deuses: e as vozes que essas pessoas ouviam e o que diziam era escutado com temor mas também e sobretudo com atenção. E até os feiticeiros os tinham em altíssima consideração e, no estado de transe, imitavam certos comportamentos próximos desses reinos da loucura...

- Bom, isto é só revelações...

- Já ouviste com certeza a expressão: Os hospícios estão cheios de génios...!?

- Sim, mas isso é para gozar...

- Nada disso. Olha, é como a história dos espíritos, que se conta às criancinhas, para terem medo de qualquer coisa, por exemplo: baseiam-se na verdade, mas essa verdade é demasiado verdadeira para se poder contá-la directa e totalmente... eheheh.

- Meu Deus... e há mais coisas, tio...?

- Há. Os Poetas, como Fernando Pessoa. Os Pintores, como Van Gogh.

- Sim? O que têm?

- Têm demasiada loucura dentro deles, é o que é. Ou genialidade... chama-lhe o que quiseres, é ao gosto do freguês! Eles também ouvem vozes, como os loucos e os

xamãs da tribo... e, se perguntares a um psicanalista ou um tipo dessa laia, todos te dizem o mesmo: ah, sim, Van Gogh? Um esquizofrênico isto, sofria de tal e tal... tudo mentira, Paulo! Nem tu lhes dês ouvidos, a esses vendedores da banha da cobra!

- Ora essa... o meu psiquiatr...

- Bom, mas esse é inofensivo. Eu conheço-o bem. É boa pessoa, ele. Limitado, é claro, mas...

- Mas... o que tem isso a ver com aquilo das tribos primitivas...? Não estou a...

- É que, meu caro sobrinho... quem é gênio pode-se transformar rapidamente em louco, se o metermos num médico da mente...

- A sério? Acha mesmo que...

- Ah, pois é, Paulo. E há tantos desses, por aí, prontinhos a receitarem *drogas legais*, a la carte, para estrangeiro ver... tem muito cuidadinho com o teu. Tem muito cuidadinho, Mesmo....

O JOGO - XXIV

- Achas que aguentas ouvir o resto, Paulo?
- Se ouvi até aqui...

- Bom. Vamos lá, então. Existem 5, talvez 6 pontos fulcrais em todo o mundo...
- Pontos fulcrais? Que é isso?
- Tens de ter paciência para me ouvires até ao fim. São locais onde se encontram rotas, onde coexistem culturas, onde, enfim, existe uma influência que se pode exercer sobre toda uma região. Conheces os princípios da Acupunctura?
- Sim, o básico: são pontos que centralizam certas energias do corpo humano, e que as agulhas...
- Que as agulhas vão depois actuar sobre esses pontos, para criar campos energéticos diferentes, ou redistribuir a energia novamente, de uma forma terapêutica. Ora, é isso mesmo.
- Mas... o que tem isso a ver com...

- Tem Tudo a ver, Paulo. Existem, como eu te estava a dizer, locais *mágicos* no mundo. Locais que, se a energia negativa da magia negra for despoletada neles, actuam sobre toda uma região do globo.

- E... mas a minha Universidade... o que é que...

- A tua Universidade... a tua Universidade fica num desses pontos, simplesmente.

- Ora essa... explique-me porquê, então.

- Tem a ver, mais uma vez, com as origens africanas. Como sabes, após o 25 de Abril, entraram carradas de retornados das ex-colónias em Portugal, na Função Pública, sobretudo.

- Sim, sei isso por alto.

- Pois é. Eu também fui um desses retornados, Paulo. Também fui um *português de segunda categoria...*

- Que nome horrível que lhes davam...

- Sim, muito triste, de facto. Mas, como eu dizia, essas pessoas trouxeram de África não apenas as suas recordações de infância... trouxeram muito mais do que isso: a Magia...

- Negra...?

- Exactamente. E trataram logo, alguns anos depois, quando alguns desses retornados já tinham posições influentes na sociedade portuguesa, de negociar com os states. Para Portugal, uma paz... eterna e uma vida- sonho. Em troco de...

- Sim...?
- Em troco de um plano. O Plano.
- Q... que plano é esse, tio? O que...

- O Plano dos Continentes.
- O quê?? Que é isso?

- Lembras-te dos cinco ou seis pontos do mundo, que eu te falei há pouco? Hm?
- Sim, mas o que...
- Estás desatento, certamente. Ora bem: quantos continentes tem o mundo todo? Hein...?
- C... cinco, porque pergunt... oh!

- Ah, pois é...

O JOGO - XXV

- Este jogo é muito simples de se jogar, Paulo. Tem regras muito, muito simples. Ou pensavas tu que o ser humano evoluía da barbárie para a civilização assim tão de repente, com um estalar de dedos? Ahm?

- Mas ainda não compreendo a ligação que há entre...

- A Magia Negra apenas actua eficazmente em terra, ao contrário das telecomunicações, por exemplo - essas têm outros obstáculos, como as montanhas e grutas. Para a magia, há outro tipo de obstáculos geográficos...

- Q... que tipo de obstáculos? Tio?

- Água. *Montanhas* de... água. Água salgada, nuvens, chuva, ventos ascendentes e descendentes, muito frios ou muito quentes, tempestades no mar... essas coisas. E é por isso que tem de existir um ponto destes em cada continente, que faça como que a redistribuição da mensagem original, para adormecer a mente das pessoas - porque apenas isso pode permitir a vida nas sociedades modernas, não tenhas dúvidas.

- Só isso? É só a magia que...

- Os Mass Media também actuam nesse nível, já me esquecia deles... mensagens

subliminares, os noticiários, a própria programação é estudada de acordo com estudos psicológicos muito profundos (que não se encontram em bibliotecas de Universidades, podes estar certo disso...), de modo a induzir estados de felicidade ou tristeza extremas.

- Para quê? Tudo isso, para quê...?

- Para uns dias ou semanas ou meses ou mesmo anos depois algum plano diabólico global ser levado a cabo, seja isso uma Guerra, ou o que quer que seja: por essa altura, a mentalidade das pessoas já está formatada à medida desses planos, que actuaram entretanto durante anos na sombra.

- O tio... o tio tem a certeza do que está a dizer-me...? É tudo tão...

- Estranho?

- Bem, extravagante, estranho, delirante até, um pouco disso tudo. É difícil...

- Acreditar, Paulo?

- S... sim.

- Deves andar a ver demasiada televisão...

O JOGO - XXVI

- Passa-me aí dois livros, dessa estante: Origens do Sagrado e O Xamã, Paulo.

- Sim, tio. É este?

- Sim, e o do xamã é um com a capa preta... é esse mesmo. Traz-me esses livros, por favor, e senta-te aqui ao pé de mim.

- Agora não, Martins, vai embora.

- Miaauuu...

- Não sejas mau para o meu bichano. Vem cá Martins, ao colo, isso. Ora onde é que isto está... ah, lê-me esta passagem sublinhada dessa página onde eu abri o livro das origens do sagrado. Lê em voz alta.

- “O xamã é a mais antiga manifestação humana de espiritualidade que conhecemos; e tem prosseguido aparentemente sem interrupção desde a época glaciária, ou ainda antes, até aos dias de hoje. Pode encontrar-se em muitas sociedades primitivas, especialmente do norte da Sibéria, entre os Gilayks, nas tribos índias da América do Norte, entre os esquimós e entre os aborígenes da Austrália.”

- Xamã?? É ele a origem de...

- Sem dúvida, Paulo. Sem dúvida. Mircea Eliade demonstrou que o núcleo essencial do xamanismo é um “fenómeno original”, inerente à própria condição humana, e conseqüentemente conhecido por todos os povos arcaicos. Os xamãs são especialistas do sagrado, homens capazes de “ver” os espíritos, de subir ao céu e conhecer os deuses, de descer ao inferno e combater os demónios, a doença e a morte. Através das suas técnicas especiais - jejum, tambor, meditação e certas drogas - , o xamã entra em transe extático, e utiliza-o para o bem de toda a comunidade, para curar e proteger. Durante o período de iniciação do xamã, ele encontra um animal que lhe ensina a Linguagem dos animais e se torna o seu espírito companheiro. Já foste a algum concerto de rock? Já ouviste falar nos The Doors, e em Jim Morrison?

- Sim! E até sou um grande fã da sua música, porquê...?

- Os concertos de rock usam muitas vezes os tambores. Sabes para que usavam os xamãs tambores?

- Não. Para quê?

- Para chamarem os espíritos, meu sobrinho... e os vocalistas de rock actuais usam a música para provocar um transe colectivo idêntico ao do xamã...

- Ora essa! Não me vai dizer que o Jim Morrison...

- Vou-te dizer aquilo que é a verdade: Jim Morrison passou por um acidente na estrada quando era ainda muito novo. Um acidente com... índios... e a alma de um deles, que era xamã e que tinha acabado de falecer, entrou no espírito de Morrison.

- Ahahah!

- Ouve lá! Mas tu afinal queres que eu te diga mentiras, ou preferes saber Toda a verdade?

O JOGO - XXVII

- Desculpe, tio.
- Assim está melhor. Passa-me agora o livro do xamã.
- Tome.
- Ora onde... ah, está aqui. Lê, eu desenhei uma seta na parte que nos interessa.
- Deixe ver... cá está. “A ideia de que o xamã é uma figura religiosa arcaica sobrevivente é comum nas interpretações de muitos estudiosos, positivas ou negativas. (...) Os estudiosos ocidentais de há muito se sentem atraídos pelo problema da origem última da religião. (...) As descobertas paleolíticas do século XX abriram o caminho a interpretações que tornaram o xamã a figura principal na busca das origens da religião. Barre argumenta que todo o nosso conhecimento do sobrenatural ou do divino vem de xamãs e de visionários semelhantes.”
- Agora a página 145, lê, em baixo.
- “Reino da Doença e da Saúde: Corpo, Espírito e Alma:
 1. Alma ou espírito intimamente relacionado com o corpo:

a) Conceitos de Alma e Espírito -
Prática xamânica

b) Conceitos de Espírito - Psicanálise
e outras formas humanistas de
psiquiatria

2. Espírito ou cérebro em maior oposição ao
corpo - Psiquiatria clínica e medicina”

tio, certamente está a brincar comigo...! O
que é que isto do xamã tem a ver com
psiquiatria...??

- Lê essa parte, em cima: o poder curativo
do diálogo.

- “A cura xamânica compreenderá um
diálogo entre o paciente e outra pessoa - o
xamã ou um espírito. Isto chega a pontos
extremos no xamanismo *sora*, mas está
igualmente presente na psicanálise, que é
também uma “cura através da conversa”. O
paciente *sora* conversa com os mortos
através de um especialista, enquanto o
paciente de um psicanalista fala com o
especialista sobre outras personalidades,
no momento ausentes da vida do paciente.”

Oh meu Deus... tio, isto é...

- Isto é o que é. E é muito sério, Paulo. Ou
pensavas tu que a humanidade viveu

sempre em cidades... hm? Ainda a psicanálise não tinha nascido e já havia xamãs a curar comunidades inteiras... pois é...

- E o tio acha... acha que é esta a solução que procurávamos...?

- Uma coisa eu sei, Paulo.

- Que coisa, tio? O que sabe?

- Podem ser milhentas as respostas para este problema do cristianismo. Mas se tu responderes: Xamã...

- Sim? O que acha que eles vão dizer...?

- ... nenhum professor deste mundo e arredores poderá dizer que é a resposta errada. E não o poderá fazer porque é, das respostas possíveis, a mais verdadeira. E agora, vamos dormir. Amanhã há mais.

O JOGO - XXVIII

- Filipe, queria dizer-te uma coisa um tanto hm... confidencial.

- Podes contar com isso. Diz.

- Tenho um aluno na minha Universidade que... bom, ele é um tanto problemático, e...

- Corta-lhe as vazas. Põe-lhe um processo disciplinar em cima, e depois expulsa-o. O que é que isso tem de complicado? Já o fizeste várias vezes, de certeza.

- Bem, é que ele... chama-se Lam.

- O puto do Victor. Ah, já estou a ver.

- Sim, o miúdo do Masse.

- Os malditos favores... sempre eles.

- Sim, eu dei-lhe a minha palavra de honra que o rapaz iria até ao fim neste curso de Sociologia. E o garoto é inteligente, esse não é o problema... inteligente até demais, se sabes o que eu quero dizer...

- Sei perfeitamente. São os piores. E os exemplos históricos não faltam para nos lembrar disso... Karl Marx, Bin Laden, Adolf Hitler... putos mimados que se põem a brincar às sociedades perfeitas... normalmente génios incompreendidos noutras áreas, que se dedicam a fabricar

ideias de ruptura... e os sociólogos são os piores, tu sabes disso. Não podes pactuar com conceitos desta importância, caramba. Tu sabes bem as ordens que temos para...

- Sei isso muito bem. E é por isso que queria desabafar contigo, Filipe. Sei que na tua Universidade têm sido muito escrupulosos com essas ordens. Segundo me parece, conseguem expulsar pacificamente umas dezenas por ano...

- Sim, eles fartam-se daquilo depressa. Os mais capazes, claro está. Os mais inteligentes. Nem tu queiras dar um canudo a um tipo desses: caíam-te em cima, o...

- Sim, não digas nomes, peço-te. Bem o sei. Não julgues que me esqueci.

- Mas então, se a tua Universidade cumpre com essas normas das ciências sociais, o que é que te está a preocupar, afinal?

- É este Lam, sabes... Por causa do Masse... foi até ele quem me propôs isto, um jogo. Uma espécie de jogo do conhecimento. Para o rapaz atinar e provar que merece o canudo. Eu até achei a ideia muito boa no princípio, mas agora... já não sei.

- Olha que isso... pode ser uma faca de dois gumes...

- Eu sei. Pensas que eu não sei? Seria uma última oportunidade para este jovem, o Paulo Lam. Mas tenho medo que...

- Medo? Medo exactamente de quê?

- Medo que este jogo lhe dê as luzes necessárias para jogar um jogo com cartas ainda mais importantes, compreendes?

- Mas, se foi o Masse quem te deu as regras desse jogo, acho que ele deve saber o que está a fazer, não?

- Sim, está bem, mas eu estava a pensar naquilo... sabes?

- O quê, na teoria...

- Chiu! Cala-te! Já te disse para não dizeres certas coisas em voz alta. Diz-me só o que achas sobre isso.

- Seria muito grave... Mas, a tua Universidade não é apenas de ciências sociais? De certeza que o rapaz nunca poderá vir a saber... não é?

- Pois. O Masse também acha isso.

- Diz-me, como é ele? Quero dizer, que tipo de inteligência é a dele?

- É difícil dizer. Tem cá um feitio... o Masse diz que é de família.

- Eu queria dizer, nas aulas, que tipo de comentários faz esse Lam? Que assuntos mais o interessam? Lê muito? Que tipo de

Linguagem utiliza? Escreve bem? Tem um raciocínio claro? Ou é apenas mais um mágico que despertou de repente, de um qualquer livro do Rousseau?

- Ehehe... bom, mas isto não é para rir. Parece que se revolta contra o sistema educativo, contra a pedagogia dos professores da Universidade.

- Não sabia que ela existia! Vocês andam a esmerar-se, lá nessas bandas...

- Nada disso. Nós fazemos as coisas como vocês as fazem. Há, aliás, estritas normas para a conduta dos professores numa Universidade: não deixar falar os alunos, não os deixar aproximarem-se dele, a racionalização extrema, e tu bem sabes disso, não me venhas dar sermões nessa matéria!

- Eh! Calma! Foi só um aparte, só um aparte. Estás muito nervoso.

- Sim, eu sei. Tenho andado mal disposto. Nunca vi nada assim. O rapaz... tem um poder de expressão inacreditável. Qualquer professor compreende imediatamente o seu talento. É imediato, digo-te. Tenho receio de que ele consiga de facto resolver este jogo.

- Esse tal de Paulo Lam... começa a interessar-me. Mas conta-me lá o jogo que

o Masse inventou. Ele anda muito criativo, para um cientista das matemáticas... se calhar lê demasiados romances!

- Vou contar-te o jogo. Tu até te vais rir...

Meu caro reitor da UTS, Podes estar certo de que rir-me é a última coisa que me vais ver fazer...

O JOGO - XXIX

Dez minutos depois de se ter despedido de Sérgio, Filipe entrou em sua casa: já fazia algum frio, e o seu jardim deixou de ser tão soalheiro como fora até àquela hora.

- Então? Como está o Sérgio? Ele já tem uma bonita idade... mas continua com uma saúde de ferro, não é querido?

- Sim, sim, é um reitor cheio de energia, sem dúvida. Olha, vou para o meu escritório, tenho uns papéis que quero arrumar. Diz à empregada que não quero ser interrompido na próxima meia hora, por favor.

- Ela está a arrumar-me os quartos agora. Eu vou para a sala, fazer a minha pintura a óleo: a taça de frutas já está quase acabada, e...

- Ah, muito bem, eu daqui a uns minutos já vejo, quero ser o primeiro a apreciar a arte da minha esposa.

Filipe entrou no escritório, fechou a porta e sentou-se num dos dois sofás. Precisava de pensar. Um telefonema tinha de ser feito e uma pessoa tinha de ser contactada.

Porque o reitor da UTS tinha-lhe dito coisas...

Impensáveis.

O JOGO - XXX

- Bom dia, tio, dormiu bem?
- Dormi muito bem, Paulo. Mesmo muito bem. Parece que o Freud tinha mesmo razão naquilo da catarse...
- Como assim?
- Deixa lá, um dia vais compreender. Tira o Martins dessa cadeira e senta-te. Tens aí 3 livros.
- O que vou estudar agora?

- Agora vai ser Linguística. Um dos pilares da sabedoria de todos os tempos: a Linguagem. Não é nada parvo, o tipo que inventou este jogo, não é, não...
- Deixe-me ao menos comer qualquer coisa, tio.
- Ah, sim, claro claro, desculpa. Tens aí mel, pão e leite, não está frio, pode beber. Quanto ao teu estudo, Paulo:
 - . História da Linguagem - Júlia Kristeva, deve ser muito interessante, este.
 - . O Signo - Umberto Eco, é essencial sabermos que conceitos os entendidos fazem do signo, Linguagem, lê com atenção
 - . Fundamentos da Linguística Geral - Jesus- António Collado, fala sobre as ideias

de Saussure, que sonhava fundar a Semiologia, uma ciência que abarcava a Linguística, entre muitos outros sistemas de signos, este é capaz de ser interessante mas não decisivo.

E pronto. É isto. E tens muita sorte...

- Sorte? Porquê...?

- Porque o teu tio também te pode ajudar nesta parte. A última parte, da Astronomia, é que não estou a ver o que seja, mas a Linguística tem princípios muito simples, aparte a confusão terminológica desta parafernália de estudiosos complicativos... mas enfim.

- Princípios muito simples, tio? Pelo que eu sei, é uma matéria muito técnica, cheia de subentendidos teóricos, segundos sentidos nos conceitos, uma relativização absoluta da terminologia, não acho que seja simples, pelo pouco que eu estudei lá na Universidade...

- Pois é, Paulo, o que tu estudas na Universidade raramente é aquilo que mais interessa...

- Como assim? Não percebi...

- Para compreenderes Linguística a sério, os seus fundamentos, os seus conceitos, tens de te abstrair da própria Linguística.

- O quê?? Isso não faz nenhum sentido!

- O que não faz nenhum sentido é estudar a Linguagem pela perspectiva limitadíssima da Linguística, isso asseguro-te eu!

- Mas o que sabe o tio da Linguística, afinal?

- Eu? Pouco. Mas estudei a fundo teoria da Arte Moderna.

- E o que tem uma coisa a ver com a outra?

- Tudo. Já ouviste falar em Beuys?

- Ehm... não...

- Marcel Duchamp?

- Acho que sim...

- Jackson Pollock?

- Nem por isso, mas...

- Então, se tu não conheces a obra destes gênios universais, começa a estudar os livros que te trouxe. Agora. Eu venho depois das 2 horas da tarde. Deixei-te o almoço no frigorífico, depois é só aquecer no microondas. Vou trocar impressões com um amigo.

- Está bem, tio. Esse amigo... ele estuda a Linguagem?

- Sem dúvida. É o pintor mais extraordinário que já conheci. E também o mais desconhecido. A vida é mesmo assim,

Paulo. Para uns, a fama e o proveito. Para os outros, o trabalho duro.

O JOGO - XXXI

- Voltei, Paulo. Já resumiste os livros?
- Sim, tio, estão aqui as folhas, vou só numerá-las para não me perder no meio desta trapalhada...
- Vou buscar água, já venho.

- Então, diz lá, meu sobrinho.
- Livro História da Linguagem: a Linguagem existe para comunicar, é um processo de comunicação de uma mensagem entre 2 sujeitos falantes pelo menos: Emissor - (mensagem) - Receptor.

- Isto já começou mal...
- Diga, tio?
- Nada, nada, foi só um aparte. Diz.
- Os signos linguísticos estão na origem de qualquer simbolismo: o primeiro acto de simbolização é a simbolização na e pela Linguagem. Para Saussure, significado é o conceito, a ideia, e o significante a imagem acústica, e não há nenhuma relação (é arbitrária) entre o significante e o significado. Já Chomsky - um dos expoentes actuais da Linguística - desinteressou-se pelos aspectos simbólicos da Linguagem, estuda a sua ordem

estritamente formal, ou seja, abandonou a palavra e ocupa-se da estrutura da frase. Quanto à discussão sobre a origem da Linguagem, considera-se quase unanimemente que o fonético obteve uma autonomia, e a escrita surgiu num segundo tempo para fixar o vocalismo. A ciência da escrita, sistematizando os dados arqueológicos relativos às diversas escritas, distinguiu 3 tipos:

- . escrita pictográfica
- . escrita ideográfica (ou hieroglífica)
- . escrita fonética (ou alfabética)

Esta tipologia tradicional é contestada e substituída por uma classificação em 5 categorias...

- Não te canses.
- Como? Não quer ouvir, tio?
- Isso são ninharias, para papalvo acreditar. Passa à frente.
- Está bem, se o tio o diz... agora, o livro fala da relação da Antropologia com a Linguística.
- Ora isso é que já tem mais interesse, diz.
- O homem primitivo não reconhece no acto de falar, simbolizar, comunicar, um acto de idealização ou de abstracção, mas pelo contrário como uma participação no

universo que o rodeia. É a principal ideia, desta parte do livro.

- Muito bem. Ideia muito lúcida.

- O cristianismo que substituiu a religião egípcia talvez seja uma das razões do declínio das elaboradas escritas egípcias. No Egito, a escrita era distinta da oralidade, e desapareceu quando a troca comercial com a civilização grega invadiu a bacia mediterrânica.

- Ora isso é muito importante. Um sistema de comunicação ser substituído por outro por razões económicas... Continua, Paulo.

- A escrita chinesa: os signos são antigas representações ou antigos símbolos, mas que não têm, na sua maioria, nenhuma ligação visível com as ideias indicadas pelas palavras que representam.

- Isso, Paulo, é essencial. E demonstra bem o que é na realidade um símbolo.

- Ai sim? Para mim tudo isto é um bocado vago... Já agora, o que acha que significa a pista? O tal filme, A Golpada, com o Robert Redford e o Paul Newman?

- Eu comprei o DVD, vamos vê-lo a seguir. Espera um pouco.

- Ah, está bem. O livro, na parte final, fala ainda de Psicanálise e Linguagem: Freud considera que o sonho não se reduz a um

simbolismo; é uma verdadeira Linguagem, isto é, um sistema de signos, com uma estrutura, sintaxe e lógica próprias. Por outro lado, o discurso contém e impõe uma ideologia; e cada ideologia encontra o seu discurso. Qualquer classe dominante vigia particularmente a prática da Linguagem e controla as suas formas e os meios da sua difusão: a informação, a imprensa, a literatura. A literatura é sem dúvida o domínio privilegiado em que a Linguagem se exerce, se precisa e se modifica. Vários sistemas significantes parecem poder existir sem se construírem necessariamente com o auxílio da língua ou a partir do seu modelo: a gestualidade, os diversos sinais visuais, a fotografia, o cinema, a pintura; estudar todos estes sistemas como linguagens é o objecto de uma vasta ciência que engloba a Linguística e que só agora se começa a formar - a Semiótica.

- Agora, sim, começamos a chegar a algum lado...

- Agora o livro O Signo, de Umberto Eco, tio.

- Estou a ouvir-te atentamente.

- O signo é usado para transmitir uma informação, insere-se num sistema de comunicação deste tipo: Fonte - emissor - canal - mensagem - destinatário.

- Estes tipos confundem mesmo tudo... os conceitos assim não significam nada, realmente, é preciso pachorra...

- Diga, tio? Não concorda com este autor?

- É óbvio que não concordo, são mistificações atrás de mistificações, para que o umbigo do homem permaneça no centro do mundo... é repugnante. Mas continua, desculpa-me.

- Bom, Eco diz que este esquema se aplica a todos os processos comunicativos. Existe entre emissor e receptor um código em comum, ou seja, uma série de regras que atribuem aos signos da mensagem um significado. O signo como elemento do processo de significação existe numa relação triangular:

- . significado (conceito, ideia)
- . significante (imagem acústica)
- . referente (a coisa referida, o objecto)

Os signos podem ser:

- . unívocos (1 único significado)
- . equívocos (vários significados)
- . plurívocos (metáforas, conotação, duplos sentidos)
- . vagos (ou símbolos, com uma série de significados)

Os linguistas consideram que a unidade mínima de significação são os monemas (outros chamam-lhes morfemas), que se agrupam em palavras.

- É o que eu digo, Paulo. Em Linguagem futebolística, esses tipos estão a passar ao lado do jogo! Ahahah!

- Eheheh, bem, se o tio acha que sim... quero ver depois o que é que tem na manga para esta parte...

- Mais alguma coisa, desse livro, Paulo?

- Sim. Vários conceitos: Sinal - é informação de ordem quantitativa e calcula-se com base no logaritmo binário das escolhas possíveis.

- Essa deve ser para rir. Andaram a ler demasiados manuais de informática, com certeza...

- Signo - tem-se um signo quando por convenção preliminar qualquer sinal é instituído por um código como significado. Terceiro livro: Fundamentos da Linguística Geral, que foca sobretudo as ideias de Ferdinand de Saussure.

- Muito bem. Deixa-me só beber água...

- Já a beber água, tio? Eu é que devia estar cansado, estou para aqui a falar, e...

- É que eu canso-me rapidamente quando ouço demasiadas mentiras, Paulo...

O JOGO - XXXII

- Bom, se o tio acha que estes tipos estão todos errados, não sei o que...

- Sobrinho, estes tipos, como tu dizes, estudam todos pela mesma cartilha: a escrita, livros e mais livros, devoram bibliotecas inteiras. Mas não é sábio quem devora cultura livresca ou quem quer... eheheh...

- O tio está a preparar alguma...

- Vá lá, ainda temos de ver o filme e já são 15h45, despacha-te.

- Neste livro fala-se da necessidade de definir o que é: Linguagem.

- Finalmente! Aleluia!

- Para Martinet: “A Linguagem que o linguista estuda é a do homem”.

- Afinal... a montanha pariu um rato, Paulo!

- Eheheh, não era isto o que estava à espera, tio? Continuando: a Linguagem apenas se manifesta através de uma pluralidade de línguas.

- Errado. Erradíssimo, Paulo. Mais tarde te explico.

- Está bem, mas deixe-me acabar.
- Ah, desculpa.
- Os traços comuns a todas as línguas e que devem existir em todo o sistema de comunicação:
 - . a arbitrariedade do signo (o laço que une o significante ao significado é arbitrário)
 - . a Linguagem oral articulada
 - . a dupla articulação (em unidades significativas - monemas / morfemas e em unidades distintivas - fonemas)

Para Saussure, os Signos dividem-se em:

- . 1. naturais
- . 2. artificiais
 - a) Representativos (signos iconográficos)
 - b) comunicativos (convencionais)
 - . motivados
 - . arbitrários

(ambos os signos motivados como os arbitrários são símbolos)

Entende-se por Linguagem a capacidade de falar, ou melhor, o sistema de signos fónico- acústicos que constitui a língua, que se utiliza para comunicar. Linguagem e pensamento são inseparáveis. O autor

deste livro faz depender directamente a inteligência do uso da Linguagem. E pronto, é tudo.

- E já basta. Agora, vamos ver o filme.

- Há pipocas? Ahahah!

- Há mas é muita atenção. Paulo, olhos bem abertos. Não é o filme que vamos apreciar...

- Então?

- Está atento aos sentidos ocultos escondidos no filme, que possam ter a ver com a Linguística. É isso que fará a diferença.

O JOGO - XXXIII

- Pronto. Vou desligar o leitor de DVD. Já está. Percebeste?

- Percebi...? Percebi o quê? Já é um filme antigo, sobre um esquema de uns burlões, para sacarem uns milhares de dólares... o que tem de especial? Não me diga que é a música? Jazz, não é?

- Meu sobrinho, vais ter de espertar as orelhas para a próxima parte do jogo, da Astronomia, senão isto está mal parado. Agora a sério: não me digas que não percebeste a jogada.

- Claro que percebi! O Newman e o Redford estavam feitos um com o outro, para...

- Eh! Tu não percebeste Mesmo nada de nada! A conversa telefónica final, caramba!

- Sim? O que tem? E o que é que este filme tem a ver com...

- Isso é o que eu te estou a tentar explicar. Presta atenção. Um dos burlões diz ao bandido- mor que o cavalo X vai pontuar, e... não acaba a frase, não foi assim?

- Sim, e depois?

- Depois, o bandido estava tão tenso que não ouviu o resto, não ouviu o que o outro

ia a dizer, ou seja, não chegou a compreender que era outro cavalo, o cavalo Y, que ganhou, e foi logo apostar no cavalo X, perdendo meio milhão de dólares.

- Pois, foi isso, mas o que significa?

- Significa - no nosso jogo - que o receptor não percebe a mensagem do emissor. E para que compreendas o que está em jogo, tenho de te explicar as coisas erradas que tu andaste hoje a estudar na Linguística.

- Hm... está bem, sou todo ouvidos.

- Paulo, tu leste-me uma classificação dos signos em que os símbolos se encontram dentro, dentro de uma categoria de signos. Pois é exactamente o contrário, a verdade dos factos.

- Como assim, tio?

- Os símbolos não têm de simbolizar: outra mentira piedosa, para o incauto estudioso compreender apenas metade das coisas. E os signos não são signos, são sinais.

- O quê??? Tio, não está a fazer sentido nenhum! Como é possível que...

- É possível, sim, Paulo. E, não só é possível, como é o que acontece. Existe uma sábia mistura de realidade e ficção, de conceitos verdadeiros e meias-verdades, na ciência da Linguagem, seja esta ciência a Linguística ou a Semiologia, ou Semiótica,

ou o que raio que esses tipos lhes queiram chamar. Já é um milagre que assumam que a Linguística está afinal dentro do campo imenso da Semiologia, digo-te.

- Mas... porque há estas confusões de conceitos, tio?

- Já lá vamos. A Linguagem que utilizamos também não é a Linguagem a sério: é apenas um código, constituído por sinais - uma vez que têm apenas um ou alguns significados, mediante o contexto do discurso onde aparecem. Um signo é um símbolo, não há grande diferença. E um símbolo... é toda uma Outra coisa, meu sobrinho... um mundo diferente... nada do que eles dizem, garanto-te. Um símbolo tem inúmeros significados, tantos que pode, em si mesmo, simbolizar toda a Linguagem, da qual é apenas uma minúscula parte. E a pintura moderna é a peça do puzzle que faltava para o provar.

- A... a pintura moderna? O tio só pode estar a brincar...

- Vai buscar o livro do Jackson Pollock, aí à estante. Podes também trazer o de Miró e Tàpies, estão muito perto. É esse, sim, da capa cinzenta, traz-mo, Paulo. Pronto. Agora abre-o, numa página qualquer.

- Credo! Que signos malucos são estes?

DE PROFUNDIS

- Ouviste o que disseste, sobrinho...?
- O que eu disse...?

- Sim. Tu disseste: signos...

O JOGO - XXXIV

- E o que tem isso?

- Tem isso que tu próprio, sem teres conhecimentos teóricos profundos desta matéria, disseste a palavra mágica, e de forma totalmente intuitiva. Não precisaste de um dicionário de Linguística qualquer para encontrares imediatamente o conceito, a ideia que está na base de toda a arte moderna: a origem última da comunicação humana...

- Hein? Eu disse isso?

- Sim, sim, não te queiras ilibar disso! Eheheh, tem lá calma. Agora, vais trazer-me o livro da Taschen do Picasso. Obrigado. Ora onde está isto... é aqui, lê esta parte sublinhada.

- “Querer encontrar um significado em tudo é a doença do nosso tempo”

- Percebeste a mensagem de Pablo Picasso, Paulo...?

- Que mensagem? Tio, isto está cada vez mais confuso...

- Bom. Vamos lá então. O Picasso demonstra com esta simples frase que todo o foco da Linguística está a ir no sentido errado.

- Ai sim? Como é isso possível? Não me parece que tenha nada a ver, tio...

- As palavras sábias dos mestres ensinam-nos imenso, Paulo. Mas temos é de saber escutar, senão passam-nos ao lado e não as compreendemos; olha, como o bandido do filme: estava tão apressado que não entendeu nada de nada! Passa-se aqui o seguinte: a Linguística moderna considera Linguagem apenas a língua e a fala humanas - errado. Mais: considera mesmo que a simples transmissão de mensagens, através de um código de sinais compreendidos por emissor e receptor, é autêntica comunicação!! Imagine-se! E, como é óbvio, as asneiras maiores vêm a seguir: considerar o sinal um signo, e considerar o símbolo uma sub- categoria de signo, completando-se assim a atitude egocêntrica do homem, nesta relação intelectual masturbatória, de se comprazer com a sua própria imagem no espelho: “a única Linguagem que existe é a que eu utilizo”, e que nem sequer se pode considerar Linguagem, é apenas um código rudimentar, pois não é formado por símbolos - que teriam múltiplos significados - mas somente por sinais, que transmitem - e não comunicam - mensagens. E, claro está, o actual economicismo da globalização afecta

também os sistemas de “comunicação”; o capitalismo acentua o domínio do económico sobre o factor cultural na sociedade, apesar de há mais de meio século existir bem estar das populações, e de estar prevista essa etapa seguinte da evolução humana, na qual a qualidade de vida seria óptima para todos.

- Hm. Isto começa a fazer um pouco mais de sentido, tio.

- Eu já te falei da diferença pequena entre louco e génio, não foi, Paulo? Pois, olha, um artista genial, o Antonin Artaud, ele inventava palavras novas.

- Inventava palavras novas? O que é isso?

- Não tens de estranhar. Isso é comum entre os poetas. A tua mãe, ela também inventava palavras novas, Paulo. Vou só buscar o caderno que ainda tenho, dos seus rascunhos, na minha secretária... ora, cá está. Lê isto, Paulo.

- Rio das palavras novas...?

- Sim, Paulo. É da tua falecida mãe, que Deus a tenha junto de si. Lê...

“Rio das palavras novas

Ychmuala
Ofgtuio
Dertygh
Miochgt
Frertoa
Burnbuie

*Rio das palavras novas, que não cabem em teu ventre,
realidade
São luzes de cores, rostos de gente, e morrem também de
saudades*

*Queria eu ser mais além, de signos de morte viver
Mas não posso em ti ser crente, antes de sonhar um outro ser*

*Acredito no mundo apenas quando o ouço chorar
Penso então: que belo e profundo é seu olhar*

*A montanha é a mãe do Rio, ela é o seu passado e futuro
E o Rio sonha acordado no seu leito puro
Rio mim, és água, pedras, ausente no presente e poesia
quando encalhas no mar*

E para teu fim encontrares basta-te ser demente e recordar.”

- É... é...

- Eu sei, Paulo. É muito belo. A tua mãe era muito especial. Muito especial, Mesmo.

- Gostava de ter conhecido a minha mãe. Faz-me muita falta, tio.

- Eu sei. É duro. O Victor Masse fez um bom trabalho, mas nada substitui os do nosso sangue, não é?

- Vamos voltar a esta matéria, tio. Eu...

- Tu queres esquecer, eu compreendo. Bem, voltando ao assunto: há quem faça depender a inteligência do uso da Linguagem, o que é uma infinita estupidez.

- Ai sim? E porque é que é uma estupidez...?

- Joseph Beuys foi um artista genial, que assumiu claramente isto: os animais são mais inteligentes que o homem.

- Ora esse, então estava completamente...

- Enganado? Olha que estas intuições geniais não costumam falhar...

- Mas porque é que ele dizia isso?

- Por causa do instinto. Os animais, dizia ele, usam o instinto em maiores doses do que os humanos, portanto são mais inteligentes: e não precisam nem de “pensamento organizado” nem de “Linguagem oral e escrita” para

conseguirem ser mais inteligentes do que nós...

- Bom, mas qual é a solução desta charada, afinal?

- Lembras-te do bandido do filme?

- Sim, o que tem? Deve ter alguma coisa a ver com isto, não é?

- Ele Não compreendeu o que lhe disseram, não foi?

- Sim, ele não compreendeu.

- Nem tu compreenderias - como não compreendeste - a Linguística, se não tivesses tido esta explicação. Porque, meu sobrinho, a unidade mínima de significação, dizem eles, é o monema/morfema, ou seja: parte de uma palavra. Mas...

- E... não é?

- É o símbolo. Sem qualquer tipo de dúvida. E aliás, a pintura precede a “Linguagem” escrita, de qualquer forma. Mas se eles admitissem isso, este castelo de cartas chamado Linguística ruiria pela base... é muito perigoso pensá-lo, e ainda mais perigoso dizê-lo...

- Então... é isso que eu tenho de responder, nesta parte do jogo?

- Tu tens de dizer o seguinte: símbolo. E, quando te pedirem o conceito de símbolo, dizes apenas: o da História da Arte Moderna, segundo a perspectiva da Antropologia, não o da Linguística... contra verdades históricas nem o mais burro dos doutores universitários pode fazer o que quer que seja. E eu garanto-te que te deixam logo em paz! E agora, faz-me um favor: leva o computador ao Marcelo, em Tires: está outra vez avariado...

O JOGO - XXXV

O caminho para a casa de Marcelo desde Lisboa era relativamente fácil de encontrar, mas mesmo assim Paulo Lam reviu as indicações do seu tio mentalmente: *vais pela A5, sai-se em Carcavelos, passa-se a rotunda grande de Oeiras, segue-se para cima e, na segunda rotunda, vira-se para Tires. A partir daí, é só estar atento aos sinais.* Paulo Lam sabia conduzir há 4 anos: tinha sido um *aluno bom, mas muito distraído*, segundo o seu instrutor. Havia já algum tempo que não conduzia o carro do tio: um Citroen 2 cavalos, uma relíquia, um daqueles carros que não tinham força nenhuma, mas cuja personalidade e estranha suspensão a todos conquistava, por quaisquer razões mágicas e desconhecidas do comum mortal. E de facto, na subida da rotunda de Oeiras para a segunda rotunda, a do cemitério de São Domingos de Rana, os seus limites tinham sido testados, apesar da relativa facilidade de uns 5% de inclinação bem distribuídos ao longo do percurso. *Mas este carro é muito especial...*

E era. Pela negativa.

Praticamente toda a zona interior de Cascais tinha sido construída aos

solavancos, como se todos esses patos bravos tivessem feito os planos de construção em cima do joelho depois de apanhar boleia daquele 2 cavalos. A construção ilegal era muito habitual naquela zona, tão habitual que, com o tempo, se tinha tornado totalmente legal. Afinal, todos sabiam que, se alguém quisesse ficar legal em Portugal, tinha apenas de se juntar a uns milhares de ilegais - fosse qual fosse essa ilegalidade - que, por artes mágicas, a situação endémica logo seria, mais tarde ou mais cedo, regularizada pelas Câmaras do país. *Podem expulsar-se dez pessoas, e destruir-se dez casas. Mas se são duzentas, é bem mais difícil... enfim: o habitual*, pensou Lam, enquanto metia a terceira mudança na primeira rotunda.

Quando chegou a casa do seu amigo, estacionou à porta, numa rua sem passeio. E, quando saiu do carro, o cão de Marcelo deu-lhe umas boas vindas demasiado barulhentas para seu gosto e, certamente, dos vizinhos.

- Eh, Marcelo, acalma aí o teu cão, por favor!

- Ah, me desculpa, Paulo, já vou guardá-lo lá atrás, espera aí cara.

Lam ficou a ver o seu amigo levar o cão para as traseiras da casa. De vez em quando ouvia-se um latido tímido, que terminou em breve.

- Voltêi. Ora vamos lá abrir o portão ao meu amigo Paulo... Pronto. Então, Paulo, o que ti traz por aqui? Tudo bem, cara?

- Tenho um problema no computador; estou sem acesso à Internet.

- Ah, tudo bém.

- E tenho pouco tempo.

- Pouco tempo, Paulo?? Tempo pra quê? Me dás quanto tempo pra eu arranjar o teu PC, afinal das contas?

- Nada disso, tu não estás a perceber.

- Bém Paulo, não fique aí, entra na casa.

A casa de Marcelo estava despida de qualquer decoração. Toda aquela construção era o fruto de inúmeros fins de semana de trabalho do próprio Marcelo. Tinha vindo do Brasil, legalizara-se há pouco tempo, e o filho já falava um português perfeito, segundo o pai babado. Quanto a ele, de vez em quando ainda utilizava expressões tipicamente brasileiras. Funcionário de uma loja grande de software em Cascais, lidava com o que de pior pode existir na informática: vírus.

- Entra aí na sala e se senta, eu já vou Paulo. Querias visitar algum site em especial? O meu guri é especialista em internet, vou chamá-lo para ti, espera aí.

- Tsk, tsk... um informático encartado que nem sabe mexer na Internet... meu Deus, isso existe?!

- Eh, me dá um pouco de espaço, ô Pauloo, tens de ter calma, eu cuido apenas das maleitas dos computadores. Não mi peçam a lua! Sou um técnico de computação *puro e duro*, como vocês dizem cá, né? O meu rapaiz é que é o verdadeiro webdesigner cá na minha casa!

- Ok, ok... bom, chama-o lá, tenho umas coisas para pesquisar no Google e nunca me entendi bem com a pesquisa avançada deles...

- Ah, tu estás vendo! Não sou só eu não, cara!

- Pronto, mea culpa, mea culpa, vai lá buscar o puto.

Lam instalou-se na sala, onde dois computadores pareciam fazer uma transfusão de sangue. Havia fios por todo o lado e, se a mente de um CPU existisse, alguma da sua alma deveria estar naqueles fios.

A casa era bastante fria, pois Marcelo ainda estava a instalar o aquecimento central.

Meio minuto depois, um miúdo que não tinha mais de 11 anos entrou na sala, e apoderou-se logo de um dos computadores. Via-se que estava à vontade com o rato e o ecrã. Traquina, disparou:

- Olá. Tudo bem? Tu sabes mais de Internet que o meu pai, ceertoo??

- Bruno! Tu nem cumprimentaste o Paulo! Lhe dá um aperto de mão, se faz favor!

- Marcelo, mas eu pensava que o teu filho... ele é...

- Negativo, *dude!* Deixei de ser criança há muito time. Pai, quem é ele?

- Calma, meu filho, ele é um amigo da infância de teu pai. Quanto a ti, Paulo, ti apresento a meu filho Bruno. Bruno de nome próprio, Dias de apelido de família.

- Sim, mas ele é tão jovem... eu...

- 175, Paulo.

- 175 o quê?

- 175 de QI, não: *o quê*, cara! Paulo, tu tens de perceber uma coisa... o meu filho é um índigo child.

- Um quê?

- Uma criança- prodígio, ora!

O JOGO - XXXVI

- Podes lhe falar de todos os assuntos, Paulo, e ele vai ter sempre uma perspectiva totalmente inovadora. É assim desde piqueno, o meu filho. A mãe dele e eu por vezes nem o suportamos mais... né filhõ?

- Porque vocês são demasiado previsíveis, ora!

- Está bom, Bruno, está bom, já sei tudo isso. Paulo, eu tenho di sair com minha mulher, vamos ao teatro. Depois falamos milhór disso do concerto de teu computador, em princípio este fim de semana dá pra resolver isso.

- Eu trouxe o CPU do meu tio, está no carro e...

- Tudo bom, quando tu saíres não ti esqueças de buscar o PC, deixa aqui nesta sala, ali no canto, estás vendo?

- Sim sim, tudo bem. Então até amanhã.

- E tu, guri, ti vais deitar às deiz, como nós já havíamos combinado, ta bom? Nem mais um minuto, meu filho, tem di ser!

- Está bem pai! Até amanhã.

- Até amanhã... dá um beijo a teu pai.

Marcelo saiu para o corredor e seguiu para o carro, onde já estava Alexandra. Bruno

ficou por uns instantes a acenar-lhes, à janela da sala. Era evidente o carinho que existia na família.

- Pronto. Já saíram. Vem daí, vamos para o esconderijo.

- Esconderijo? O que diabo é isso??

- Nem tu queiras saber... Vem!

O JOGO - XXXVII

A um corredor comprido seguiram-se umas escadas em caracol de cimento ainda não rebocado. Bruno ia à frente, saltitando, e chamava Paulo Lam de vez em quando, divertido. *Onde é que este puto me levará...* Entrou na segunda porta à direita e acendeu as luzes.

- Entra e fecha a porta.

- Com licença...

- Senta-te na cama, põe-te à vontade. Tens aí sumo de laranja de garrafa. Bem bom, bebe se quiseres. Eu sento-me aqui.

- Ok.

- Ora bem. Agora, diz-me o que te preocupa.

- Diz...? Eu não...

- Vá lá. Confia num índigo.

- Eu não acredito em nada disso.

- Tu não sabes o suficiente para acreditar ou deixar de acreditar!

- Bom, eh... isso é verdade...!

- Sou todo ouvidos, mas sofro de falta de paciência: portanto, sê rápido.

- Hm. Está bem. Tenho de resolver um problema, mas nunca na vida vou

conseguir provar isto... estou a tentar descobrir algo, e sinto que preciso de ajuda, de facto.

- É sobre quê?

- Astronomia. Não tenho a mínima pista, por enquanto.

- Paulo, tu não precisas de provar nada...

- Como assim? Pensas que isto é arte, em que só conta a criatividade?! Vou lidar com matérias de grande complexidade ... nem tu sabes!

- Sei apenas que continuas sem ter de provar nada. É tudo muito simples.

- Então se é assim tão simples, prova-me.

- Vais sair por aquela porta, e aguardas no corredor. Quando eu te chamar, tu vens. E eu terei aqui a poção mágica, que te vai provar por A mais B que é simples, fazer aquilo que queres.

- Bom, eu acho que estás a gozar comigo, mas tudo bem.

- Podes ir. Quanto mais depressa, mais rapidamente ficarás convencido.

- Brincalhão... eu já venho, Mr Wise Guy...

- A minha alcunha no basket é Slow Motion.

- Ok...

- Mas garanto-te que nunca viste alguém tão rápido!

O JOGO - XXXVIII

- Já podes entrar!
- Muito bem, o que...
- Tapa os olhos! E depois entra.
- Está bem, está bem...
- Isso, entra devagar, nesta direcção; espera, eu vou aí buscar-te!

Paulo Lam foi conduzido por Bruno para uma cadeira. À sua frente, estava uma mesa de campismo e, sobre ela, um computador portátil de última geração, aberto num site de Internet, uma espécie de fórum, com inúmeras mensagens e respostas. Quando Lam abriu os olhos, Bruno riu-se.

- O que é isto?? Estás a brincar comigo?
- Eh, calma. Jura-me que não dizes nada ao meu pai.
- Não digo nada ao teu pai...? Não digo nada sobre o quê??
- Eu sei como concretizar o teu sonho.
- Que sonho? Explica-te!
- Esse, o da Astronomia!
- Ai sim? E como, espertinho?
- Estás a ver este site?

- Sim, é uma espécie de fórum, o que é que tem?

- Paulo, Tu NÃO tens de provar nada. Se queres provocar um impacto a nível global, precisas apenas de uma coisa.

- Que coisa? Não estou a perceber nada...

- A Internet!

O JOGO - XXXIX

- Bom dia Paulo. Vem tomar o pequeno almoço, já está pronto. Hoje é o dia do descanso do guerreiro.

- Como assim, tio?

- Sem livros. Sem regras. Sem nada de nada. Porque hoje, nós vamos pescar, a Carcavelos.

- Ora essa... estamos quase a desmontar este maldito código, e agora que estamos tão perto diz-me que...

- Digo-te apenas que já li alguns índices de livros sobre Astronomia, e aquilo é intragável. Demorávamos séculos a decifrar essas matérias, e acabávamos a bater com a cabeça na parede, provavelmente. Não temos tempo para isso.

- Então o que fazemos? O que podemos fazer?

- A partir de agora, vamos usar duas coisas, uma é minha e a outra dás tu.

- Ai sim? E que coisas são essas, posso saber?

- Eu dou o bom senso e alguma história.

- E eu...?

- Tu, vais dar aquilo que sabes fazer melhor: a intuição, que herdaste da tua bendita mãe. Trouxe-te até aqui; agora avanças, és tu a dar o último passo.

- E vamos... à pesca?!

- “Vamos à pesca”? Que expressão tão pobrezinha, Paulo. Não, não “vamos à pesca”, claro que não.

- Mas o tio disse-me que...

- Nós vamos ouvir o que os peixes têm para nos dizer, isso sim. Porque, caro sobrinho, é nos espaços vazios que se encontra a verdadeira sabedoria...

O JOGO - XL

- Ainda falta muito, tio?
- Não, pela marginal o caminho faz-se bem. Estamos quase lá. Acalma-te um pouco. Vais ver que a pesca é muito repousante.
- É mas é uma grande seca!!
- Paulo!
- Desculpe, tio.

- Pronto, vou estacionar aqui. Sabias que esta curva, chamada a curva dos pinheiros, era a mais perigosa da Europa? Morria aqui gente que era uma coisa louca!
- Mas isto é Paço de Arcos, não é Carcavelos!
- Para mim, esta zona lembra-me Carcavelos, o que queres... coisa de cota, certamente eheheh... traz-me aí a cana pequena com a bóia grande transparente e a fateixa. Hoje vou pescar descaradamente à tainha, não tenho paciência para uma pesca mais elitista, é só para estar entretido.
- Se assim o diz... e eu, o que faço agora?
- Agora, pões-te a pensar. Eu vou dando pistas, vamos conversando calmamente. É que tu tens de reparar numa coisa: o que é que Freud na Psicologia, Cristo na Religião,

Chomsky na Linguística e Einstein na Ciência têm em comum?

- Bem, são incrivelmente talentosos nas suas áreas de saber... não sei o que quer dizer com...

- São judeus, sobrinho. São filhos do povo judeu... há alguém que te quer transmitir uma mensagem...

- E depois...?

- Tu tens de me prometer uma coisa, Paulo.

- O que... o que é, tio? Ficou com uma expressão tão séria, de repente...

- Este jogo... ele acaba com o teu curso. Quando te derem o canudo, promete-me que irás esquecer tudo o que foste aprendendo nestes 4 dias. Vais arranjar um emprego, como toda a gente, e acabou-se o jogo. Promete-me isso, pela memória da tua mãe.

- Bem, tio, mas esse é o destino mais provável!

- Promete-me. Já. Paulo...

- Tudo bem. Prometo, tio.

- Agora, vem ouvir os peixes, Paulo. Eles ensinam-nos a pensar. Vem.

O JOGO - XLI

- Tio?
- Sim, Paulo, o que é?
- Porque me disse aquilo do povo judeu...? O que é que tem a ver com isto?
- Bem, talvez seja apenas um palpite. Mas... sabes, toda a cultura judaica assenta no conceito do profeta iluminado. Só que...
- Sim...?
- Há apenas uma coisa que o povo judeu gosta mais do que um *bom* profeta.
- E que coisa é essa, tio?

- Poder. Dinheiro. Não é por acaso que os judeus sempre foram agiotas, emprestaram dinheiro a altos juros, por toda a Europa, e enriqueceram rapidamente, tornando-os alvos fáceis da inveja do povo *remediado*, como aconteceu na Rússia e depois na Alemanha de Hitler, por exemplo. Após a guerra, aliaram-se à nova potência emergente...
- Estados Unidos...?
- Exactamente. E uniram-se a ela tão intimamente, que nos dias de hoje controlam todas as rédeas do poder

económico e político nas organizações mais importantes a nível mundial...

- Mas eu não compreendo como isso se liga a esta última parte do jogo. Tio?

- Pois, não sei. Trouxe-te uns livros básicos sobre Teoria da Relatividade e também Física Quântica. Dá uma vista de olhos, talvez te lembres de algum pormenor interessante, com a tua intuição... Estão na mala do carro, vai lá.

- Mas tio, estes livros são...

- Eu sei eu sei. São manuais escolares muito básicos, não é? Mas algo me diz que o que procuramos é algo de muito... simples. Vem sentar-te aqui ao meu lado.

- Vê algum peixe?

- Já vi e já senti as picadas de alguns, não penses que perdi o jeito. Só que hoje estou demasiado preguiçoso para puxar a linha no momento certo. Concentra-te, sobrinho. Ou sonha. Vou contar-te os passos básicos desta história. Einstein criou a Teoria da Relatividade, e esteve também na base da Física Quântica, apesar dos desentendimentos posteriores com Niels Bohr. As ideias de Stephen Hawking são hoje muito apreciadas: ele diz que houve uma explosão atómica inicial, o big bang, o

que originou uma expansão do espaço formidável: daí o nosso Universo ser tão gigantesco. Actualmente, há uma procura incessante, por todos, da Teoria Unificada.

- O que é isso? Teoria Unificada...?

- Sim. Uma teoria que explique todos os factos do mundo físico, que una o macrocosmos e a Teoria da Relatividade às partículas minúsculas de matéria da Física Quântica. Este é o Santo Graal dos cientistas das ciências exactas. Einstein, aliás, trabalhou nesta teoria nos últimos 40 anos da sua vida.

- Caramba, tio... 40 anos?

- Ora é isso mesmo. E nós apenas podemos arranhar estas matérias de grande complexidade, até porque tu vens das ciências sociais e eu também navego por essas águas da subjectividade, e não das medições exactas do mundo.

- Como vamos descobrir a solução desta parte do jogo, então?

- Temos de aplicar um raciocínio típico das ciências sociais às ciências exactas. Temos, no fundo, de pensar por alto o que pode ter acontecido ao Universo. Ah, e confiar na tua intuição genial.

- E a pista? A volta ao mundo em 80 dias?
O que quer dizer, neste contexto?

- Hm. Não estou a ver o que seja, sobrinho.
Folheia umas páginas desses livros. Tenho
de mudar a minhoca do anzol.

- O tio já viu este esquema do átomo? É
muito engraçado, com os electrões a
andarem à volta do núcleo. Parecem mesmo
as órbitas dos planetas à volta do sol!

- O que é que tu disseste?!? Paulo, o que é
que disseste?!!

- O que foi, tio? Sente-se bem?

- Descobriste a solução! E era tão simples!!!

- C... como assim? Tenha calma, eu
apenas...

- Agora tudo faz sentido! Paulo!!

- O que é que faz sentido? Tio, está a
delirar...

- Paulo, o que é preciso para ter poder?

- Bem, ter dinheiro, fazer os contactos
políticos certos, sei lá...

- Ou... esconder certos conhecimentos
científicos, e fazer chantagem política e
económica com quem tem esse poder e
também sabe a verdade, não será? Hum?

- Não estou a perceber nada...

- “Eu sei que tu sabes que eu sei. E como só nós dois o sabemos, o jogo é só nosso!!!”

... para a Universidade! JÁ!!!

O JOGO - XLII

- Vou deixar-te na tua Universidade, e vou estacionar na parte de cima, na Rua Luís de Camões. Depois vem ter comigo, está bem Paulo?

- Tudo bem. Mas afinal qual é a resposta que tenho de dar para esta última parte do jogo?

- Sabes, a pista que nos deram, o livro de Jules Verne...

- Sim? O que tem??

- Phileas Fogg deu a volta ao mundo, não foi?

- Siimm...?

- E depois, voltou ao mesmo lugar...

- Sim, voltou ao mesmo lugar. Tio, eu não...

- “Como o mundo é pequeno”!!; já ouviste esta expressão, huh?

- Oh... tio, começo a perceber...

- E assim como o mundo é pequeno, também o universo é pequeno. Porque o Universo apenas é grande, se nós próprios seres humanos nos julgarmos grandes e importantes, e o medirmos à nossa escala: as medidas não são absolutas, e sim relativas, e por isso o espaço não pode ser

medido em termos absolutos; logo, a teoria de Hawking poderá não estar correcta. A palavra chave aqui é: átomo - foste tu próprio que o disseste. Estamos a chegar. Já sabes onde me encontrar, depois. Boa sorte sobrinho.

- Obrigado, obrigado por tudo, tio. Sem si eu não teria conseguido!

- Eh, tem aí calma. Tu ainda não sabes se o conseguiste...

O JOGO - XLIII

Estava mais aliviado, agora. Tinha a palavra de Carlos a seu favor, que lhe garantia um canudo de Sociologia. Mas Lam sentiu-a. Por entre a multidão que se acotovelava à porta da Universidade, a picada foi bem distinguível. *E agora...?*

Deu alguns passos, para uma transversal, e sentou-se no passeio de empedrado. Respirou fundo o ar fresco da tarde quase noite, e começou então a sentir. Uma dormência apossou-se dele quase de imediato e, de entre as sombras que pairavam sobre o seu rosto, sobressaíram duas. Mais tarde saberia como elas se chamavam.

Por entre cerca de duas dezenas de estudantes, dois indivíduos anónimos transportaram um aluno indisposto, quase desmaiado, para um carro de vidros fumados.

- Deixem passar, ele não está bem.

- Primeiro as pernas, tu! Depressa! O corpo foi engolido rapidamente e, quando eles entraram, o homem disse apenas: - Vamos! Já perdemos demasiado tempo!

Ao lento acordar, seguiu-se um gradual recobrar da consciência e, imediatamente, a sensação do mais puro terror. À sua frente, o vazio. Uma parede de tijolos maciços, tão escura como a própria cave. Atrás, as mãos atadas a uma cadeira de metal. O coração começou a bater descompassadamente, escapando ao seu corpo. E agora, que estava consciente, iria talvez precisar de todos os segundos em que viesse a estar vivo, para uma única oportunidade de mais algum tempo de vida. Sabia-o. A sombra dele próprio, projectada à sua frente no soalho de madeira antiga, fez-lhe recordar os espectáculos de sombras chinesas de que tanto gostava na infância. *Um pedaço de sonho no meio deste pesadelo.* Subitamente, juntou-se uma outra sombra à sua e, apesar do silêncio absoluto em que a sala estava mergulhada, a presença psicológica que antes apenas pressentira tinha ganho forma. E vida. Então, uma voz que só poderia ter existência num mundo de profundezas, ecoou na sala, sobre a sua alma.

- Lam.

Tremeu. Não contava que o silêncio fosse quebrado de forma tão rápida. O seu nome.

Nomear o mal. *Tempo. Preciso de alguns segundos para pensar.*

- Lam, insistiu a voz grave, seguindo-se de mais alguns segundos que pareceram horas, do mais absoluto vazio.

- Ninguém precisa de mais um filósofo morto, Lam.

O seu auto domínio caiu a pique. *Podem matar-me já aqui. Tio. Pensa. Pensa, caramba.* Ou apanhava a onda da conversa e dava uma esperança na sua reabilitação, ou estava tudo perdido. *Tenho de ganhar tempo.*

- Eu...

- Não, Lam. Não digas nada. Nem faças mais nada. Se fizeres, és um homem morto. Entendido, *hombre?*

Um par de segundos bastou desta vez para o som e o significado se fundirem no fundo do seu estômago.

- Sim, senhor. Desculpe.

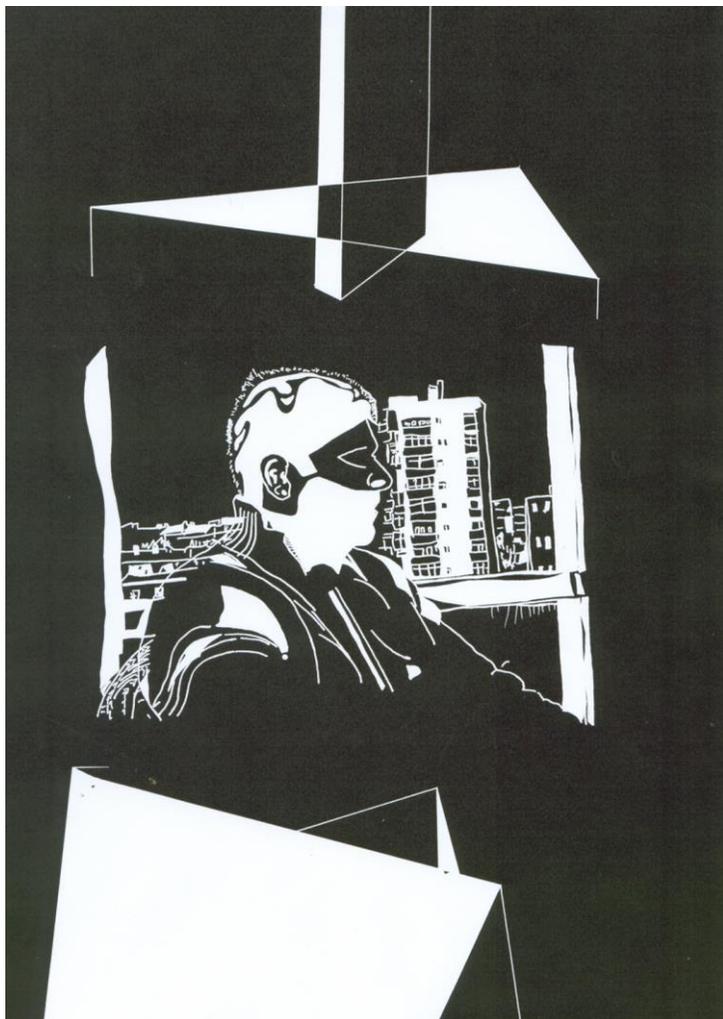
A presença ameaçadora aguardou alguns segundos que pareceram uma eternidade. Algo iria acontecer, mas o quê? A segunda sombra levantou-se, aguardou de novo. E depois saiu nas suas costas. O silêncio foi então quebrado por uma terceira.

- Bons sonhos, *senor* Lam.

A madeira bateu na nuca de Lam quase imediatamente. Ao desmaiar, sentiu alívio, nem ele sabia porquê.

DE PROFUNDIS

.UM FIM.



(TERCEIRA PARTE)

UM FIM - I

- Queria falar comigo?
- Sente-se, professor... esteja à vontade...

A cadeira era uma das menos confortáveis da sala, e Victor Masse apercebeu-se imediatamente disso. Quer Kramm, quer o doutor tinham cadeiras especiais. Que eram utilizadas em situações especiais... inqueritos muito minuciosos, pessoais, mesmo. E era talvez por isso que Victor não se sentia confortável naquela cadeira. E não tinha, longe disso, a ver com a cadeira em si: ela significava apenas, naquele contexto, um estatuto. Inferior. Kramm olhou-o de soslaio, com ar trocista. Masse não o compreendeu totalmente, mas sabia que algo tinha sido dito nas suas costas, comprometendo-o. Era a sua integridade que estava em risco. Mas nem tanto assim: afinal, para se juntar a eles, fora obrigado a muita coisa... muita coisa que, agora, talvez lhe fosse atirada à cara. É assim, nos *states*: basta um sopro no ouvido errado para se despedir alguém. E, se havia alguém que estivesse na corda bamba naquele momento, era ele e não Kramm. O doutor respirou fundo, e encheu os pulmões malignos do ar que Victor Masse também respirava, naquele momento. Os

olhos dos dois encontraram-se no meio do fumo da sua cigarrilha, e nada disseram de concreto um ao outro nesse breve instante.

- Dizem-me de Lisboa que o maldito jogo que tu inventaste está a correr mal, para nós. Não é assim, Kramm?

- Sim, doutor. O nosso homem em Lisboa desconfia de algumas coisas...

- Coisas.

O doutor inspirou fundo. Quando o fumo saiu das suas narinas, ele fez questão de o dirigir para o espaço vazio entre Kramm e Masse.

- Coisas. Que coisas serão essas, Victor? Saberás tu que coisas estranhas são essas?

- Bom, eu não sei sequer porque fui aqui chamado, e...

- É bom que cantes pianinho, Masse, disse Kramm.

- Desculpa? Quem te deu o direito de falares assim comigo, depois de tudo o que fiz por...

- Calma, Victor. Vou reformular a pergunta. E é bom que saibas a resposta...

- Estou aqui para colaborar convosco, como sempre fiz. Eu...
- Tu estás a pôr em perigo o nosso grupo, e dizes-me que...
- Kramm!!! Caramba, cala-te, homem!
- Desculpe-me, doutor. Eu só queria...
- Eu Sei o que tu querias. Se há uma coisa que é sagrada para nós os três, aqui nesta sala, é o segredo que transportamos. Mas quantas vezes terei de te dizer que esse discurso emotivo não nos ajuda em nada?
- Desculpe.
- Victor. Isto que eu disse ao Kramm aplica-se a ti também, seu irresponsável. Quero saber uma coisa. E é bom que ma saibas dizer, para teu bem, e para o bem de alguém que te é muito querido...
- Não sei do que está a falar, doutor. Sempre pensei que...
- Pensar demais faz mal - tu nunca ouviste falar? Pensar pouco e obedecer às vezes é bem melhor...
- Quem enviou aquele email ao Lam? Hein? Foste tu! Foste tu, Masse!

Victor Masse não esperava que a pergunta-acusação viesse de Kramm. Pensou numa fracção de segundo o que poderia dizer, mas nada lhe ocorreu. *Como diabo*

souberam... Tinha muito pouco tempo para reagir. E era bom que reagisse depressa.

- Eu não podia fazer outra coisa... o Paulo pediu-me directamente uma opinião sobre o tema da...

- Ah, não? Chamas isso a trair todo o departamento? Como vai reagir o chefe a isto? Hm? Já pensaste, Masse?

- Kramm. Calma aí. Acho que essa não é uma questão importante agora. Victor, vamos fazer um *rewind* ao nosso pensamento. Acompanha-me, por favor.

- Seja. Estou aqui para vos ouvir. E estou calmo, ao contrário de Kramm, que...

- Já sei o que fizeste por ele em Seattle, já sei. Não penses que me esqueci disso. Mas considera este o último favor que te faço: a história da tua colaboração conosco. Começando: passas das ciências sociais para as matemáticas em 1965; obténs uma bolsa para estudos avançados de Física Quântica no MIT em 1970; juntas-te a nós em 1978, mantendo no entanto uma actividade esporádica como professor na Universidade da Teoria Social, em Lisboa. E, entretanto, adoptaste um rapaz em

1972. Lam. Um filho de uma prostituta barata, que...

- Ela não é...!
- Victor! Estou a falar. Importas-te? A cada qual a sua verdade...
- O doutor está a falar, Masse. Baixas a bolinha, senão...
- Sim, Victor, senão... tu já sabes o que vai acontecer, não é? Olha que a cavalo dado não se olha o dente... aproveita agora, que depois já vai ser tarde... hm?

- Estou a ouvir.
- Não basta isso. Diz-lhe, Kramm, diz-lhe.
- Em bom português, tu que gostas lá dessas bandas, desses arredores do mundo civilizado: quando um burro fala, o outro baixa as orelhas! Ahaha!

- Sim, obrigado por lhe lembrares isso, Kramm, um bom provérbio bem lusitano nunca fez mal a ninguém. Mas enganaste-te.

- Ehm? Eu? Enganei-me...?

- Sim. Porque apenas existe um burro nesta sala. Vou deixar-te decidir com o Victor quem é esse burro...

- Mas, eu... doutor!

- Tem calma tu também, eh? Olha, Victor, como eu estava a dizer, tu adoptaste esse miúdo, e tens-lhe dado uma boa parte do que ganhas aqui connosco. Eu e o comité não temos nada com isso, mas... demonstras fraqueza. Estás a ser demasiado mole, um bom coração. A tua estadia em Portugal nunca te fez bem. Há lá uma coisa que... como se chama aquilo, Kramm?

- Creio que se refere à palavra saudade, doutor.

- Sim, é isso. Há uma doença natural dos portugueses, a que eles chamam saudade. É um sentimento indizível em outras línguas, que só as gentes daquelas latitudes sentem, como direi... olha, amolece as pessoas, torna-as boas demais! Uma ladainha insuportável, e depois o fado, aquela música horrível...

- Nem tu penses em ser assim aqui, Masse... nem tu sonhes que...

- Ele não precisa de pensar mais nada, Kramm. Nem vai sonhar o que quer que seja. Chegou ao fim da linha, por aqui.

- Mas, doutor... eu dei a minha vida, o meu talento a esta organização...! Fiz tudo pelo Paulo, sim, mas ele é praticamente meu filho! Tenho uma dívida de sangue, de honra para com a mãe dele! Prometi-lhe que...

- Mas tu pensas que estás a recriar a máfia, agora, mas à tua minúscula escala?

- Honra? O que é isso? Dívida de sangue, Masse? Não estás a compreender mesmo nada...

- Deixa-o, Kramm. Ele já vai perceber...

- Deixem o meu Paulo em paz! Castiguem-me a mim, em vez dele.

- Ora isso é que já não é possível, receio bem, Victor... é que ele agora... sabe demais. Com a tua ajuda, com aquele maldito jogo, tu estragaste mesmo tudo. O nosso enviado a Lisboa até teve de raptá-lo e ameaçá-lo, mas o teu rapaz continua na mesma vida...

Victor Masse estava cada vez mais ansioso. Era óbvio que algo de muito grave estava em preparação, e ele pouco podia fazer para ajudar Paulo Lam, o seu protegido. *Nunca pude ter um filho. E agora tiram-me o único filho que alguma vez tive na vida...* Pensar.

Depressa. Algo, algures nas profundezas da memória. Sabia-o. Apenas a vida de alguém ainda imprime algum respeito na vida dos outros. *É isso.*

- Eu tenho uma coisa. Uma coisa muito grave, para lhe dizer, doutor.

- E será essa coisa a coisa que eu espero ouvir, Victor? Essa é a grande questão...

- O doutor tem sido muito paciente contigo, Masse. Chegou a altura de colaborares. O que propões?

- Eu... Estou quase a acabar.

- Sim, por aqui já acabaste, o David já não quer que...

- Mas vocês ouvem-me, ou não, afinal!? Estou quase a ir-me embora de vez. Estou... estou a morrer.

- Eheheh... queres que acreditemos nessa história de fazer chorar as pedras da calçada, hm?

Foram precisos apenas uns breves segundos e um olhar de Victor Masse, para o doutor compreender.

- Aquelas análises que fizeste... é isso, Victor?

- Sofro de cancro do estômago. Um cancro... terminal. Como vês, vais ver-te livre de mim, Kramm, como tu queres desde Seattle. Para que não restem provas de que te ajudei a...

- Calem-se! Águas passadas não movem moinhos! Tu não testes a minha paciência, Victor, estou a avisar-te...

- Não tenho sequer tempo para testar quem quer que seja. Quero apenas uma coisa.

- E vais ter várias dessas coisas que queres. Este bendito cancro... altera tudo. Os sacrifícios humanos sempre foram muito apreciados por estas bandas...

- Deixa-te desse humor negro de trazer por casa, Kramm, tu não és bom nisso.

- O que é que queres, Victor? O que podemos ainda fazer por ti? Será o teu último pedido, acho que ainda tens esse direito...

- Bastante romântico, doutor, bastante romântico... ainda dizem que nós não temos coração!

- Diz, Victor. Estou à espera.

- Não quero nada para mim próprio, doutor.
Queria apenas que...

UM FIM - II

- Conhece-lo? Carlos! Estou a falar contigo, caramba!

- Quem? O Costa?

- Sim, o Costa! De quem achas que estou a falar? Mas tu estás a ouvir-me, ou quê, afinal?

- Estou a ouvir-te, sim. Mas Sérgio, não estarás a magicar coisas demasiado... enfim, que possam colocar em risco certas situações... afinal, quem dará ouvidos a um recém- encartado sociólogo? Ele há tantos, agora...o Lam é apenas mais um... isto das Universidades até parece uma fábrica em série de licenciados. Que vão directamente para o desemprego! E tu sabes isso, tu sabes isso tão bem como eu, tão bem como qualquer professor universitário!

- Já acabaste? Eu bem digo que tu não me ouves...

O reitor levantou-se do pequeno sofá e rodeou a cadeira com estofos em pele genuína onde Carlos estava sentado, ficando assim atrás dele, em pé. Carlos começou a sentir que ainda faltavam jogar algumas cartas importantes daquele jogo. Talvez mesmo o Ás. Ficou na posição desconfortável de não ver o reitor.

- Carlos, Carlos, Carlos, tu não estás a entender...

- Não entendo mas pressinto algo que...

- Não te pago para teres pressentimentos!!
Cala-te, de uma vez por todas!

Seguiu-se um silêncio que durou alguns segundos. Segundos demasiado longos, para Carlos. Atrás dele, o reitor passeava, aparentemente em círculos. E se ele tivesse a ousadia de se voltar, teria de enfrentá-lo. Sabia disso. E o reitor também.

- Pensavas que o jogo estava terminado, Carlos? Longe disso... Quem dá as cartas é que diz qual é o naipe de trunfo... vai começar agora um outro jogo, Carlos. Eu já te tinha pedido o contacto do Costa há séculos. E tu tens a lata de andar a adiar isso, por causa do diabo de um pressentimento... um pressentimento!! Às vezes pergunto-me se saberás verdadeiramente o que é ser um professor universitário... não queres tu ir para o desemprego...

- Eh, calma, calma. Se tu queres o contacto do Costa, eu dou-te esse contacto. Eu adoro ser professor universitário, e...

- E... queres continuar a sê-lo, porque és um ambicioso dum raio e porque não tens onde cair morto! Todos neste meio sabem

que ter competência pedagógica só atrapalha na Universidade... não é, meu caro, meu caríssimo senhor doutor Carlos...?

- Hm... eh... não é preciso dizeres as coisas dessa maneira, eu, bem... olha, tens aqui o contacto. Toma, anota no teu caderno.

- Assim, sim. Estás a ver que nos voltamos a entender? Nada melhor do que falarmos ambos a mesma Linguagem, não é?

- Hm... sim, sim, sem dúvida, eu estou do teu lado, apenas...

- Apenas te tornaste demasiado zeloso com este pequeno assunto. Eu compreendo. Mas mais zeloso do que eu, tu não és com certeza...

- Claro, claro, isso esteve sempre fora de questão, Sérgio... que ideia a tua, eu sei o meu lugar...

- É bom que saibas. Muito bom, mesmo. Isso é sempre muito útil: sabermos o lugar que ocupamos, seja numa empresa, seja numa Universidade, seja num... supermercado, ou coisa que o valha, hein? Fui claro...? Carlos, estarás desatento, tu?

- Não, não, por favor, eu tenho todo o gosto em estar aqui, e...

- Então é bom que saibas que os bons empregos não duram sempre. Portugal está em recessão desde o 25 de Abril, ou já te esqueceste? O número, Carlos... estou à espera...

- Hm... é o... 9-1-2-4-4-5-7-8-6

- Ora muito obrigado. Podes sair, já não preciso mais de ti hoje.

- Sim, sim, está bem, eu vou indo...

Carlos levantou-se e o olhar ameaçador de Sérgio fitou-o de alto a baixo.

- E... juizinho, hm? Juizinho!

- Eu... ehm. Vou sair agora, até logo.

Os passos de Carlos eram tudo menos seguros. Os solavancos que o seu corpo fazia em tão curto espaço não eram acompanhados pela sua mente. Algo da sua alma tinha deixado de existir. Estava quase a abrir a porta, mas deteve-se. O som tornou-se audível, mas não continha nenhuma ideia, apenas medo.

- Desde quando tu sabes que o Costa é o...

- Eu Sei e basta! Podes sair, Carlos. Abrir a porta, mover o corpo para lá dela, fechá-la por fora. Sabes, essas coisas.

UM FIM - III

O consultório do doutor Cândido Costa ficava no Areeiro, perto do mercado. Havia um jardim em frente, frequentado sobretudo por prostitutas e mendigos a partir das 19 horas. Não era agradável de se ver, mas, e uma vez que os cortinados brancos da sua janela estavam quase sempre corridos para baixo, isso não o afectava e aos seus pacientes tanto como à primeira vista poderia parecer, até porque as consultas terminavam sempre às 18 horas e 30 minutos.

Carlos foi o primeiro a chegar. Estava nervoso, pois afinal tinha sido ele a dar o contacto do doutor Costa ao reitor.

- *Chego por volta das 17h30, não antes: tenho uns assuntos para tratar*, dissera-lhe um impaciente reitor, no dia anterior, depois de muita insistência. Carlos sentia-se prestes a perder a virgindade. Num consultório *barato* de Lisboa. Não era aquele, de facto, o seu conceito de felicidade. Nem de *primeira vez*.

- Boa tarde. O que deseja?, perguntou a recepcionista, gentilmente.

- Eu, eh... temos, tenho consulta com o doutor Costa.
- Qual deles? Temos dois: Artur e C...
- Cândido. Cândido Costa.
- Ah. O psiquiatra.
- Sim, sim, ele mesmo. Onde poderei aguardar a minha vez?
- Sente-se na sala de espera, é já na segunda porta à esquerda, neste corredor. Eu depois vou chamar à sala.
- Muito bem. Obrigado.

Carlos dirigiu-se para a sala de espera. Aquele era um andar que misturava tudo: consultas de oftalmologia, clínica geral, e também doenças do foro psicológico. *Uma verdadeira salganhada... nem quero imaginar quem está nesta sala de espera... enfim, o Sérgio lá saberá o que viemos cá fazer.*

- Boa tarde.
- Boa tarde!, responderam em unísono os vários pacientes. Não estava nenhum caso mais complicado do foro psiquiátrico, ou pelo menos não se manifestava como tal. *Uf. Que alívio. Posso ler a minha revistinha em paz...*

Carlos dormia a sono solto quando alguém o acordou suavemente.

- Hm.. sim, o que é...?

- Calma, Carlos, sou eu o Sérgio. Já cheguei. Ainda venho a tempo, creio...

- Que... que horas são?, eu...?

- Não te preocupes, a consulta é só às 18 horas, e são agora 17h38. Cheguei bem a tempo, está descansado.

- Mas afinal o que viemos cá faze...

- Eh, caladinho! O meu naipe é que tem os trunfos todos agora...

UM FIM - IV

- Apesar das tuas limitações, Kramm, não posso dizer que a tua intuição esteja errada neste caso.

- Mas, doutor, eu...

- Tu? Olha: tu fazes como o burro: baixas as orelhas para ouvires melhor. E isto é se queres: há um pequeno gabinete à tua espera em Seattle, mesmo junto ao...

- Por favor, não! Tudo menos isso, doutor, eu não...

- “Eu não vou falar mais até que o doutor expresse totalmente as suas ideias; Eu não vou mentir mais até ao final da minha vida; Eu não vou trair o Masse de novo...” era isto o que ias a dizer, Kramm...? Hm? Perdeste a língua, agora?

- Desculpe-me, doutor. Escuto-o.

- Assim, sim. Afinal a tua mãe deu-te uma boa educação, hein? Quanto a ti, Victor... vou dar-te o último cigarro do condenado à morte. E não se pode dizer que não o tenhas merecido.

- Não fumo.

- Ahahah! Boa piada, boa piada, meu caro Victor. Apenas isso me faria sorrir, num

momento como este. Posso dar-te, para começar, uma boa notícia.

- Sou todo ouvidos.

- O telefonema que eu ia fazer, para um hipotético indivíduo terminar a existência de um outro hipotético fulano no prazo máximo de uma semana, está agora posto de lado. Quantos meses te dão, afinal de contas? Os médicos? Eles mostram-se sempre muito pudicos, mas se apertarmos com eles a sério, dizem...

- 2 meses.

- No máximo...?

- Sim. No máximo dos máximos.

- *That's enough to me.*

- Calculei isso.

- Deixa-te de espertices saloias. Tu aqui neste comité, não calculas nada. Nunca calculaste. Sempre foste um reles moço de recados. Peço desculpa: um moço de recados reles e caro. Que nos saiu muito caro, para aquilo que fizeste...

- Não era suposto eu fazer nada, como querias que...
- Sim, isso é verdade. Nós não existimos, dizes bem, para fazer o que quer que seja...
- Existimos para mentir suavemente ao público, Masse.
- Sim, tens razão, Kramm. Mas, Victor, diz-me: desde quando os teus escrúpulos se atravessaram no teu caminho para a mentira doce, como diz aqui o nosso Kramm? Quando é que despertou em ti essa consciência que era suposto estar para sempre soterrada... enfim, nos confins da memória... hein? Sim, porque não me vais dizer que...
- Tens razão naquilo que disseste há pouco. Foi o meu bom coração a falar mais alto. O Paulo, ele...
- Estava num beco sem saída. Sem diploma, sem futuro, sem uma vida autónoma. Não é assim como digo, Masse...?
- Sim. Creio que tens razão, Kramm. É isso. Eu vi o meu rapaz nesse beco sem saída de que falaste, e...
- Ai, a saudade... não é, Victor? Isso do sentimento português... é um mau negócio, hm?

- Mas está enganado numa coisa. Uma coisa essencial.
- E que coisa é essa, não quererás tu dizer-me?

- O Lam, ele... descobriu tudo sozinho.

UM FIM - V

- Senhor Carlos Lacerda e senhor Sérgio Lopes. São a seguir. Para o doutor Cândido Costa.

- Estamos aqui! Nós já vamos... Vem, Carlos.

- Muito bem. Dirijam-se à sala 7, por favor. O doutor já está à espera. Depois pagam-me a mim, quando saírem; é 35 euros a primeira consulta.

- Bem vindo a este lado da cidade, Carlos.

Aqui, a carne humana é barata.

- Carlos, como estás? Senhor Sérgio, não é? Entre, entrem, por favor. Sentem-se neste sofá grande. Vou só fechar a porta... Boa tarde, então como estás, Costa? Tudo bem contigo? A Rita, também está bem?

- Sim, obrigado, ela e os miúdos estão formidáveis, e...

- Senhor Cândido Costa, interrompeu bruscamente Sérgio.

- S... sim? Senhor Sérgio, em que lhe posso ser útil? Pelo que falei com o Carlos, o senhor reitor não parece ter problemas do foro psicológico, portanto acho esta consulta um tanto estranh...

- O senhor é o psiquiatra de um aluno nosso.

- S... sou...? Carlos, o que é ist...

- Tenha calma. Esse aluno chama-se Lam. Paulo Lam.

- Receio não o estar a compreender, meu caro senhor, eu não posso dar os contactos dos meus clientes, isso é rigorosamente proibido pela Associação dos Profissionais de Saúde Mental, e...

- A sério? E não terá essa Associação um membro de nome Miguel? Miguel... Cunha, para ser mais preciso...?

- C... como sabe... ouça, eu não sei o que o senhor pretende, mas... é-me impossível continuar esta consulta, desculpa-me Carlos, eu...

- Leia.

- C... como? Ler o quê?

- Esta carta.

Sérgio estendeu-lhe uma carta com o carimbo de uma Associação.

- A ANPSM.

- O carimbo da Associação Nacional dos Profissionais de Saúde Mental...

- Sim. É muito simples de entender, doutor.

- É... é uma carta do... do...

- Do seu excelentíssimo colega, o Miguel Cunha. Leia, leia antes de nos expulsar desta sala, para ficar a saber de uma vez por todas o que está aqui em jogo, meu caro *doutor* Cândido... Costa.

O doutor Cândido nunca tinha visto aquele tipo de carta. Era um envelope especial, que se utilizava apenas em situações ao mais alto nível, pelo que alguns colegas mais experientes lhe tinham dito, quando se queriam comunicar destituições de cargos médicos, ou algo ainda mais grave. Apesar de aquele dia ter sido fértil em casos complicados a nível de pacientes descompensados, nada se assemelhava a isto. E o que tinha vindo este reitor da UTS, uma Universidade das sociologias, fazer ali? Perante aquele carimbo e aquela carta, era óbvio que ele sabia mais do que queria dizer.

- P... posso abrir a carta?

- Pode e Deve. E eu posso garantir-lhe que esse receios todos não têm nenhuma base sustentável, doutor Cândido. Não se justificam minimamente, creia-me. Mas abra, abra a carta e veja com os seus próprios olhos.

Abra a carta e... abra os olhos, palerma.

UM FIM - VI

À medida que o doutor Cândido Costa lia intrigado a misteriosa carta, Carlos perguntava a si mesmo que diabo de jogada estaria agora a ser jogada, enquanto que o reitor estava cada vez mais confiante: lia-o, nos seus olhos.

- Então, doutor Cândido, já percebeu o que é preciso fazer...? É muito fácil de entender, parece-me...

- Senhor reitor, isto vai contra toda a minha ética profission...

- Eh, não exageremos, hein? Uns miligramas a mais, uns miligramas a menos... o que é isso, afinal, meu caro doutor... hm? Números de coisas abstractas, nomes de coisa nenhuma... reflecta bem, o que está em jogo é...

- O que está em jogo é a saúde mental de um paciente meu! Se pensa que eu vou pôr em risco a...

- Vai pôr em risco, sim. E nem queira colocar isso em causa, meu caro doutor.

- Mas isto... o Miguel não me pode fazer uma coisa destas! Se o Paulo Lam deixar de tomar o Haldol, ele...

- Ele vai entrar em crise psicótica. Era isso o que queria dizer, doutor? Ah, mas nós sabemos isso... oh, se sabemos eheheh...
- Ainda se atreve a gozar com a situação? Eu... eu... Carlos! O que...
- Quietinho, Carlos. Tu estás aqui só para ouvir, entendeste? Muito quietinho, nem sequer te atrevas a mexer-te daí um milímetro. Quanto a si doutor... ah, mas nós sabemos os efeitos do Haldol... oh, se sabemos... é uma droga, não é, doutor? Hein? Uma droga, como direi... olhe, que se tornou legal, para fins médicos! Ora isso, sim, é que é um raio de uma grande ética profissional... hm?
- Atreve-se a contestar a minha prescrição ao Paulo? Imagina sequer o estado psíquico em que ele aqui me chegou, ao consultório, às minhas mãos? O senhor não percebe nada de actos médicos, nem de psiquiatria!
- Oh doutor, vamos lá a ver se nos entendemos, de uma vez por todas... Eu sei que existem drogas ilegais - heroína, cocaína, até o haxixe, valha-me Deus!, é considerada uma droga, e penalizada por lei; e há as outras drogas, prescritas por médicos, legalmente, sem quaisquer problemas. E os psiquiatras sabem isso muito bem, ooh se sabem... mas não é essa a questão, isso é secundário.

- Ai sim? E pode dizer-me então o que tem o Akineton a ver com o Haldol? Sim, porque se eu mudo totalmente a medicação do Paulo, ele vai entrar em descompensação imediatamente, e...

- Entra no reino dos símbolos do magma. No mundo das forças primárias. Desde 1900 que todos, no mundo Ocidental, o sabemos, doutor, não é preciso ser-se um iluminado para compreender isso, basta ler um pouco do nosso amigo Freud.

- Mas, então... querem que o Paulo Lam entre directamente na... na...

- Loucura? Sim, digamos que há 15, 20% de hipóteses de isso acontecer. Mas contamos apanhá-lo em plena crise, para atalharmos caminho, e não deixarmos que ele entre nesse processo. Pelo menos, não de forma tão directa. Talvez um meio-termo...

- Meio- termo? Um meio- termo na loucura? Receio que não haja. Não estou a perceber...

- Meu caro *doutor*...

... há tantas coisas que o senhor não percebe...

UM FIM - VII

- Ahahah!!! Eheheh!! Queres dizer-me que... ahahah!

- Sim, grande piada essa, doutor... grande piada!

O doutor deixou de repente de se rir, e o seu ar era o de um monge acabado de sair de dez anos de reclusão, numa qualquer gruta de uma qualquer montanha árida do fim do mundo. Meditou alguns momentos. Depois, com uma voz grave, continuou:

- Tu... tu estás a gozar connosco, Victor. Isto vai sair-te muito c...

- Caro? Meu caro doutor... se eu já não tenho vida daqui a uns meses... como poderá esta piada verdadeira sair-me cara... não me diz...?

- Sim, realmente, o Masse tem razão nisso, doutor...

- O Lam. O Paulo Lam, ele... descobriu isso sozinho? Mas... como? Como?

- Através unicamente da intuição.

- Como?? Pela intuição, dizes tu...?

- Sim. O meu rapaz é muito especial. A sua mãe tinha uma sensibilidade única, e transmitiu ao filho todas as suas qualidades humanas.

- Mentos, Masse! Ela era uma prostituta barata! Doutor, eu...

- Eh, tu. Aquele provérbio do burro ainda não entrou nessa tua cabeça de pedra, pois não?

- Ehm... desculpe-me.

- Continua, Victor. Tens 3 minutos.

- Bem, como eu estava a dizer, ela era uma poetisa desconhecida, de grande qualidade - como vês, Kramm, a saudade serve para alguma coisa...! Eles lá por aquelas bandas podem não ter o mundo nas mãos, mas ainda lhes sobra um pouco de dignidade humana. E, sobretudo, imaginação, que é o que os distingue dos alemães, eh?

- Tu não... doutor!

- O que queres, tu? Será que nem mesmo nós podemos dizer uma verdade de vez em quando, para variar?? Quem ganhou a segunda guerra mundial, afinal, Kramm? Hm? Tem cuidadinho, olha que a trela está curta...

- Hmpf.

- Mas voltando ao nosso Lam. Paulo, não é? Paulo Lam - um belo nome, hein? Kramm?

- Sim, sim. Um belo nome. Um belo nome, doutor.

- Então o teu Lam descobriu aquela fórmula sonhadora...
- Num relance de intuição.
- Sabes o que acontece aos génios, tu..?
- Sim. Por vezes têm de ser silenciados..
- Ah, pois é.. e se os states não precisassem da bomba atômica provavelmente nem Einstein teria sido descoberto, digo eu... e continuaria a ser um rato anónimo de bibliotecas suíças ou italianas para o resto da vida, como talvez merecesse! Ninguém precisa de génios iluminados, muito menos na ciência. Ah, pois é, Victor. E o resto... foi endeusado. Para populaça ver. Para populaça vitoriar, como um grande feito. Como se fosse a verdadeira fórmula mágica do Universo. Não me digas que não sabias disto e muito mais...
- Eu... eh... sim, doutor, mas... enfim, são apenas teorias que circulam... não há provas que...
- Espero bem que não haja provas! Espero bem que os nossos amigos daquelas bandas tenham feito o seu trabalho de casa. Afinal, são eles os guardadores do templo das ideias desse tipo... não é, Kramm?
- E é um belo templo, doutor... um belo templo... eheheh...

- Mas pensavas que o teu rapaz não chegaria tão longe, é isso...?

- Exactamente! Eu... montei um jogo do conhecimento que apenas um iluminado e um mestre em várias matérias pudesse resolver, eu...

- Já percebemos, Victor. Já percebemos. Kramm, acompanha o excelentíssimo senhor Victor Masse até à porta.

- Victor.

- S... sim?

- Terás uma vida de príncipe até ao dia da tua morte. E talvez até depois desse dia: a NASA fará de ti um herói, sabes, ainda por causa da tua teoria dos campos magné...

- Vou para o Hotel Victory, é isso, doutor?

- Ora estás a ver que sabes. Lúcido até ao fim, não é? E incomunicável, também...

- Só queria saber mais uma coisa...

- Andas a pedir demasiadas. Bom, diz lá.

- Queria saber como é que o meu rapaz, bem... eh, como é que ele se tornou um perigo para a nossa organizaç...

- A Internet. A Internet - sempre ela, não é, Victor? Os nossos rapazes do Vikart

mandaram-nos uma mensagem. Uma mensagem no mínimo... preocupante.

- O que... o que dizia essa mensagem?

- Nem tu queiras saber. Nem tu queiras saber, meu caro Victor Masse. A intuição do teu rapaz afinal serve para alguma coisa... Só é pena que o que ele descobriu já esteja descoberto há muito tempo... e, para o bem de todos, não deve ser tornado público. E tu sabias disso tão bem como qualquer um de nós. E agora, desaparece-me da vista. Para sempre. Ah.. e não te preocupes: eu depois vou pôr umas florzitas à tua campa..

UM FIM - VIII

- Pode dizer-me então, qual é o vosso objectivo? Sim, porque se eu não fizer isto que me pedem...

- Nem pense em tal coisa, doutor. Sabe perfeitamente que eu, e o meu amigo Miguel, estamos apenas a cumprir ordens.

- Sim, presumo que s...

- Ah, pois é. E agora, apenas o pusemos ao corrente daquilo que é esperado de si. E nem sonhe em alterar as suas falas neste filme, doutor... há coisas que o senhor não deve pôr em causa, não se queira colocar em risco, a si e aos seus... é preciso dizer o resto?

- Não, não. Eu compreendo que tudo isto faz parte de algo maior, decerto... o.. eh, o Miguel Cunha não me teria pedido isto, se não...

- Ora exactamente, doutor. É que, sabe, o Paulo Lam está a jogar um jogo... olhe, arriscado! E o senhor não é o único a interessar-se pelo bem estar do rapaz. Nós também estamos. No bem estar psíquico, e... físico!, se é que me faço entender...

- Ah, certamente, certamente que sim. Bom, colocada a questão nestes termos, tudo é diferente, senhor... eh...

- Sérgio. Reitor Sérgio. É bom que entenda isto, doutor Cândido: eu estou aqui para tentar ajudá-lo. Porque, meu caro amigo, se este assunto passa para outras mãos e sai das minhas, outro galo cantará... e eu não poderei responder pelos resultados finais de um jogo jogado com cartas que à partida não sei quais são... mas sei contar dois mais dois e adivinho o naipe de trunfo, eheheh...

- Sim, tudo bem. Eu apenas quero proteg...

- Proteger o rapaz. Sim, mas temos isso em comum, não se preocupe. Bom, acho que tudo foi dito. E já sabe: na próxima consulta, diga ao nosso rapaz que a medicação passará de Haldol para...

- Sim, sim, eu sei. Eu sei o que deve ser feito, o Miguel foi muito claro. Bom, acompanho-os à porta, meus senhores.

- Cândido, eu...

- Eu compreendo, Carlos, depois falamos. Dá os meus cumprimentos ao teu pai. Caro senhor reitor, despeço-me, tenho agora a consulta das...

- Sim, sim, nem eu quero tomar mais o seu tempo. A partir de agora receberá instruções por email, mas apenas no início: depois encontraremos uma melhor forma de...

- Desculpe? Como sabem o meu email?
Nem o Carlos o sab...

- Doutor, doutor... O que é que um reitor
preocupado não faz pelo seu aluno
preferido... hm?

UM FIM - IX

- Podes explicar-me o que acaba de acontecer no... no...

- No consultório do teu amigo Cândido Costa? É isso que tu querias dizer, Carlos?

- Sim, eu, eh...

- Tu? Tu apenas fizeste o teu papel. E fizeste-o bem: não desafinaste nem uma nota. Parabéns.

- Sim, sim. Goza à vontade, mas...

- Mas, o quê? Ó meu caro Carlos, mas tu pensas que os amélicas andam a dormir, ou quê? Pensarás tu por acaso que eu sou o mentor de toda esta encenação?

- Ah, então admites que isto é apenas...

- A Vida, Carlos. A vida é apenas isto, mais coisa nenhuma. Não tenhas ilusões: este jogo começou por ser um jogo do conhecimento. Mas evoluiu para um jogo de poder. Porque, lá está, e tu sabe-lo... diz, Carlos, diz...

- O conhecimento é... é... poder...?

- Estás a ver como tu sabes... afinal aprendeste alguma coisa lá na Universidade. O problema não é tanto

quem chega lá, a esse conhecimento: é, isso sim, o que faz com ele. Se for um tipo sem credibilidade, tudo bem: ninguém...

- ... lhe dará ouvidos...? É isso?

- Ora, nem mais; és um tipo esperto, afinal de contas. Mas chegou agora o grande igualizador, a ferramenta pseudo-democrática que tudo e todos alcança e transforma em revolucionários de vão de escada... e tu também sabes do que é que eu estou a falar... um meio de comunicação novo... hm? Queres mais pistas?

- A... a internet...? Mas como...

- É muito simples. Mas não te posso contar tudo, até porque estes tipos não me dizem nem metade da história toda...

- Era bom que nos livrássemos desses americanos de meia tijela, e...

- Nada disso! Sempre foram muito úteis, neste país. Lembras-te do Michael Finley?

- Sim, ele...

- Ele e o John T. deram-nos muito jeito após o 25 de Abril, tá aí muito caladinho... senão tínhamos virado comunas, hein...?

- Bem, a única desvantagem que vejo nisso é... bom, o bloqueio dos Estados Unidos, que se segue sempre a...

- Eu sei, eu sei. Lamentável. E não leva a nada, todos o sabem, apenas à miséria do povo. É lamentável, mas os fantasmas do lado americano são sempre mais fortes... o que querias? Foram muitos anos de guerra fria... dois cafés, por favor!

- Não, para mim não, Sérgio. Apenas uma água natural, por favor, obrigado.

- Ah, sim? Bom, tu é que sabes... como costumavas beber sempre um caf...

- Sim, sim, mas agora não. Não me apetece. Mas afinal, conta-me lá o que esses americanos...

- Eh, fala baixo.

- Ah, desculpa. Mas diz-me, o que é que eles querem do Lam...?

- Querem apenas e só uma coisa, meu caro Carlos.

- Que coisa...? Que querem eles?

- Querem que ele se cale para sempre, como é óbvio.

- Mas... eles não estão a pensar... enfim, tu sabes... é o rapaz do Masse, pensa um pouco... temos de o proteger, não há mesmo nada a fazer?

- Mas tu estarás a dormir, hoje? Será possível que ainda não tenhas percebido a

jogada? Escuta-me com atenção, e por amor de Deus não fales alto.

Meu caro Carlos, a partir de agora só pode haver trunfos neste jogo...

UM FIM - X

- Susana. Susana! Estou a falar contigo!
- Outra vez? O que me queres.
- Sabes muito bem, o que eu quero. Quero falar contigo sobre o...
- Sim, sim, já sei. Mas rapariga, o que tem de especial? Temos cá tantos assim... não deve ser caso único. Por que razão te preocupas dessa maneira? O doutor é que sabe, não achas?
- O doutor apenas cá vem para controlar a medicação dele. E tu sabes muito bem que...

Catarina foi interrompida por alguém que passou com o tabuleiro demasiado perto, provocando-lhe alguma apreensão passageira. Susana aproveitou a distração momentânea, e levantou-se afoita, dirigindo-se para a saída do refeitório da Clínica Gaivota. Era uma Clínica VIP. Ali, um paciente apenas entrava por convite pessoal de um dos médicos mais respeitados: doutor António, doutor Ferreira, ou doutor Sebastião.

- Eh! Onde vais, tu?
- Estou na minha hora. O que queres tu de mim, afinal?

- Vem cá, mulher. Vou falar baixo, e vê lá se me ouves desta vez, hm?

- Sim, sim, está bem, diz lá.

- Sabes qual é a dose de Leponex que ele tem neste momento, por acaso, tu??

- Sabes lá qual é a ficha dele, o passado, a história da doenç...

- Sei, eu sei!

- Não me digas que... mas olha que isso é muito grave, tu podes ser...

- Cala-te. Cala-te! Ouve-me bem, Susana.

- Diz lá, pronto. Nem sei para que é que tens esse bom coração: nós aqui nem podemos fazer nada por estes pobres diab...

- É um rapaz perfeitamente normal, tu ouviste? Esta história está muito mal contada, ele...

- Boa tarde, Catarina, tudo bem?

- Ah, olá senhor doutor, como está? Eu...

- Olhe, tem de ir à sala das radiografias, está lá um senhor que...

- Sim, sim, já vou, vou mesmo agora, é só despedir-me aqui da Susana, que...

- Bom, eu vou indo, para a recepção, a Conceição quer falar comigo parece-me.

Catarina deixou-o afastar-se e depois puxou pela camisola de Susana, como se estivesse a implorar pela sua própria vida.

- Eh! Que me queres, agora...?

- Cheira-me a esturro, Susana. Isto está muito mal explicado. Estão a manter a dose de Leponex elevadíssima e constante para...

- Ora, para o manter em estado vegetal! Temos aqui tantos desses... isso ainda te espanta?

- O rapaz tentou falar comigo no outro dia, Susana, ele falou comigo!

- E... o que te disse...?

- Disse-me... disse-me que caiu numa armadilha. Que o doutor dele o atraçouu.

- E tu ainda acreditas nestes tipos? A maioria é chanfrada, quase todos eles o são... com a mania das perseguições, e essas coisas...

- Este não, ele é... especial.

- Como sabes?

- Ele... está com 8 miligramas, mulher.

- Bom, isso é barra pesada, mesmo... são poucos que aguentam essa dose, isso num dia é o equivalente a...

- Oh, meu Deus, tu não estás a perceber...
não é por dia...

- O QUÊEEE!!???

UM FIM - XI

- T... tens a certeza... o quê, duas vezes...
- Duas vezes. Ao dia. De manhã, e a meio da tarde. E ele praticamente nem acorda!
- O... oit...
- Oito miligramas, Susana.
- Mas isso é... Realmente, assim ele ficará Mesmo um vegetal. Já avisaste o doutor Antón...
- Ele sabe.
- Como sabes isso, tu?
- Informei-me com a Conceição: ela ouviu-os a falar.
- Meu Deus... então... então querem que...

- Querem silenciá-lo. Pura e simplesmente, Susana. É tão simples como isso.
- Ah... sim, deves ter aí uma ponta de razão, ele... ele... oh, coitado...
- Pois é, Susana. Esta história está muito mal contada. Andam a atirar-nos areia para os olhos. Desde o início.
- Há quanto tempo ele está...
- Aqui? Há 2 meses, mais ao menos. E não tem ordem de *soltura*. Parece que um doutor qualquer dos states lhe pagou uma estadia longa, por estas bandas. Temos

apenas de o manter... inofensivo. Se é que me compreendes...

- Sim, sim, claro. Mas... essa estadia aqui na Clínica é... é por quanto temp...

- A vida toda.

- Como!!???

- Ouviste bem, minha amiga. Ouviste bem...

Mas eu não assinei nenhum papel em branco, minha cara Susana... e vou descobrir o que se passa aqui, oh se vou...

UM FIM - XII

O dia estava meio farrusco. E o quarto, bastante abafado. Um rapaz repousava numa cama larga, em profundo sono, onde ainda não existem sonhos, mas quando termina toda a relação com a realidade. Lentamente, alguém se esgueirou para o quarto. Fechou a porta suavemente, tendo tido o cuidado de verificar se, no exterior, ninguém tinha visto o seu movimento. Era uma coisa no mínimo... arriscada, o que queria fazer. E ser apanhada ali, num quarto de acesso vigiadíssimo, equivalia pelo menos a um processo disciplinar e talvez mesmo ao despedimento. E ela sabia-o. Mas, no entanto, havia uma caneta que deveria desaparecer em breves instantes, e havia também uma mensagem escrita na mão daquele rapaz que deveria ser apagada. Por ela. Um movimento mais brusco e um barulho estranho, fora do quarto, sobressaltaram-na. Deixou que a sua apreensão se transformasse em calma. A calma que a coragem sempre alcança, se tiver um pouco de paciência. Dirigiu-se para a cama.

Espero que ele tenha tido tempo de escrever... se alguém me apanha aqui... onde estará a caneta? Ah, debaixo da cama.

Será que teve tempo? Será que conseguiu compreender o que eu lhe disse ontem, naqueles breves instantes em que eu lhe expliquei o que devia faz... oh!

- Ora cá estamos, doutor Linhares. Cá estamos. Vou só fechar a porta... pronto, já está. Assim estamos mais à vontade...

- Ele tem tido a sua dose bi- diária de...

- Sem dúvida. As instruções que temos são muito claras, e...

- Ele não deverá acordar. Nunca! Ouviu? Qual é a enfermeira que está a tratar deste caso? Tem de ser uma pessoa da mais estrita confiança do doutor António, ouviu, Sebastião??

- Claro, claro. É a enfermeira Catarina, ela é da nossa inteira confiança, e...

- Pronto. Muito bem. Vim só verificar com os meus próprios olhos. E se ele acordar, mesmo se for por breves instantes, aumentem a dose imediatamente! O corpo vai criando habituação, e...

- Sim, sim, isso é normal, nós sabemos... as ordens foram muito claras, doutor.

- Assim espero. O senhor sabe perfeitamente o que está em jogo. Ou, pelo menos, que isto é um caso muito especial. Os americanos estão muito interessados em que...

- Sei isso muito bem, doutor, esteja descansado. Já falaram comigo, o...

- Nem quero saber desses pormenores. Nem fale com mais ninguém deste assunto. Só nós os três é que sabemos. Compreendido??

- Sim, sem dúvida, doutor.

- Bem, vou andando. Ainda tenho de ir ao hospital. Hoje é dia de banco, e...

- Doutor... eh... gostaria de saber uma coisa, se for possível.

- Sim...?

- Quem deu a ordem de...

- A ordem, eu sei quem a deu. Mas quem deu a autorização para essa ordem...

- S... sim, doutor...?

- Ia ficar de boca aberta. Garanto-lhe que ia ficar de boca aberta, meu caro. É que, sabe... nesta vida não se pode confiar em... ninguém!

... mesmo ninguém. Nem mesmo em...

UM FIM - XIII

Os dois saíram do quarto ainda a falar, mas já de outro assunto. O paciente continuava silencioso, mas algo se movia por debaixo da cama. *Poderei sair agora...?* Catarina estudou os silêncios e os barulhos, e decidiu-se pelo momento dos seus gestos. *Rápida e graciosa. Tens de ser rápida e graciosa.* Como um suspiro de amor. Pegou no copo de água, do outro lado da cama, e moveu-se ainda debaixo dela, para o lado da mão esquerda de Lam, que caía dos lençóis. Felizmente, tinha a palma da mão virada para baixo: de outro modo, os médicos teriam visto e tudo estaria perdido. Retirou do bolso da bata uma caneta-lanterna, dirigiu-a para a mão de Lam e então... viu. Quando ele se mexeu, delirando, para o outro lado, ela já sabia o que era preciso fazer. *O Gonçalves falou-me que o vão transferir para os states em 14 de Novembro. Vai ser preciso agir depressa...* Levantou-se num pulo, e lavou com a água do copo a mão do paciente. Deixar o copo onde estava. Não fazer ruídos. Sair de mansinho.

E...

decidir o momento da próxima jogada.

UM FIM - XIV

Os corredores da Clínica Gaivota, em Cascais, estavam desertos. Era exactamente o que Catarina esperara, de uma quinta-feira à tarde solarenga. Dia 14 de Novembro. O Dia D. *As enfermeiras deram a última dose aos pacientes, e foram-se embora... Perfeito.* Transportava, com o mínimo de ruído que lhe era possível, uma maca, cujas rodas tinha oleado previamente às 15h34. A operação teria de ser... discreta. Rápida. Indolor. E Catarina sabia-o. Estava por sua conta e risco, até porque Susana não queria ir para o desemprego “- por tão pouco, não é, Catarina?”.

Passei o Alberto, disse para os seus botões.

Catarina seguiu pelo corredor das radiografias, e dirigiu-se para uma sala anexa.

- Onde vais, Catarina?

- S... senhor doutor Sebastião, eu vou buscar o senhor Correia, aqui à sala...

- Ah, está bem. Mas depois vem à sala doze, eu quero falar contigo sobre a transferência do paciente do quarto 63.

- S... sim, senhor, vou já.

Tenho de agir ainda mais depressa do que eu pensava. Ainda mais.

Se é que era possível.

UM FIM - XV

Uma enfermeira levava um paciente numa maca pelo corredor dos quartos 50 a 75. Ia algo apressada.

- Alto!
- Sim, Alberto? O que é...?
- Quem levas aí?
- Ah, é apenas um paciente que vai ser transferido...
- Que quarto é esse? Não fui informado de nada...
- Ora essa, foi o doutor Sebastião que me...
- E por que o levas coberto com o lençol? Catarina, tu sabes que não podemos transferir...
- Olha, telefona ao doutor Sebastião, se queres. Por mim...
- Mas antes tenho de ver quem levas aí... acho isto muito estranho...
- Tem mesmo de ser? É o paciente do quarto 63, ele tem queimaduras graves, qualquer contacto com o sol... está muito sensível e...
- Mas de certeza que um pouco apenas, não faz mal. É só para me assegurar de que...
- Tem mesmo de ser? Já estou atrasada...

- Oh, meu Deus!
- Eu bem te avisei... isto não é bonito de se ver... deixa-me cá tapar de novo.
- Mas que história é esta? Nunca ouvi falar deste doente do quarto...
- Top Secret.

- C... como? Essa é boa... estás a gozar-me, por acaso?
- O doutor Sebastião pediu-me absoluto sigilo sobre este paciente. Total e absoluto sigilo, sobre a sua identidade. Veio para cá... de noite, imagina! Quando ninguém cá estava!
- Bem, isso do sigilo da identidade já é um pouco mais normal por aqui, de facto. Deixa-me só atender este telefonema...
- Bom, mas posso ir, ou não, afinal?

- Vai lá, vai lá, pronto, não me chateies mais!

E agora... vamos à próxima jogada.

UM FIM - XVI

Um condutor estaciona uma ambulância da Clínica no pátio de entrada. São 16h11. Aguarda um pouco, com o motor ligado.

- Ora esta... uma ambulância do nosso serviço ainda aqui, a esta hora? Ninguém me informou que... vou ver o que se passa.

Enquanto o guarda se dirige para a ambulância, uma enfermeira transporta com alguma velocidade um paciente.

- Deixa estar, Alcides!

- Diz, Catarina?

- É para transportar este paciente, vai ser transferido, para a Clínica da Parede. Ajuda-me aqui nas escadas.

- Ah, bom, já vou já vou.

- Abre a porta de trás da ambulância, Alcides.

- Pronto, já está. Mas por que é que o condutor não nos ajuda...?

- Deixa lá, deixa estar. É quase fim de semana, eles estão super cansados de certeza. Se não for isso...

- Se não for isso, é a função pública no seu melhor, Catarina! Ahahah!

- Ora estás a ver como tu até sabes... eheheh... pronto, já estou cá em cima, fecha a porta, Alcides. Até logo.

- Mas... não vai nenhum médico contigo?

- A esta hora?? Estás maluco, ou quê?

- Pois. Eheh. É já o espírito de fim de semana. Até segunda, então.

- Condutor, vamos!

A ambulância arrancou suavemente. Daí a uns 5 quilómetros, no mercado antigo de Carcavelos, o condutor parou. Deixou o seu lugar, circundou o veículo e abriu a porta de trás.

- Posso saber o que transportamos? Tudo isto é muito estranho. Onde está o médico, afinal?

- O teu disfarce está muito bom. Obrigada, Susana.

UM FIM - XVII

- O teu também está muito bom. Ele parece mesmo um queimado.

- Enquanto conduziás estive a limpar-lhe a cara com água e este pano... está quase a voltar ao que era.

- O que vais fazer a partir daqui, mulher? Esta ambulância em breve será localizada, e...

- Mistério...

- Não gozes com essas coisas, Catarina. Isto é muito sério. Toma, tens aqui um pano, para apagares...

- As tuas impressões digitais, Susana. Eu sei, eu sei. E vou fazer isso agora mesmo. Vou só acordar o rapaz. Ele portou-se muito bem, sabes.

- O que é que ele escreveu na mão, afinal?

- Segredo, Susana, segredo.

- Bem, são demasiados segredos para mim, hoje já tive a minha parte de aventura. Se o Alcides se aproximasse mais um pouco, ia perceber que...

- Ai os homens. Uns bebés, Susana - são mesmo uns bebés. Não percebem mesmo nada, rapariga.

- O que vais fazer a partir de agora? Colocaste-te numa posição muito...

- Nada disso.

- Como assim? Julgas que eles não vão contactar a polic...

- Susana, Susana... se eu estou a pensar bem, contactar a polícia será a última coisa que estes canalhas vão fazer...

UM FIM - XVIII

- O... onde estou? Eu...

- Calma. Acorda devagar. Já te tirei o Haldol quase todo, mas tem de ser gradual.

Lam olhava para Catarina como se ela fosse a sua mãe, e Catarina olhava para ele como o seu bebé. O bebé que nunca tivera. Indefeso. Grande. Trapalhão, como todos eles são. E queria tomar bem conta dele. Como se fosse a coisa mais importante da sua vida. Como se fosse a... última coisa que fizesse na vida. Sentia-se pronta a dar a vida pela verdade que aquela criança transportava consigo. E era capaz de ir até ao fim do mundo para tirá-lo daquele torpor maldito das drogas médicas.

- Toma, um pouco de café. Mas não podes beber muito mais. Temos de esperar, para que faça efeito. Descansa. Mas tenta manter-te lúcido. Estás a ouvir-me?

- S... sim, eu...

- Como te chamas?

- Está tudo confuso, eu não...

- O teu nome. Os teus pais, tenta lembrar-te deles. Que nome te deram?

- Eu... agora me lembro... só tive mãe.

- Estás a ver...
- E ela... ela morreu.
- Como te chamas?
- Lam. Paulo. Paulo Lam.

- Paulo Lam, eu nunca ouvi um nome tão bonito como o teu.

UM FIM - XIX

- Agora já estás bem mais desperto, Lam, e ainda bem. Mas tens de continuar a tomar doses pequenas de Haldol para...

- Eu estive num psiquiatra durante mais de 6 anos: achas que eu não sei isso? Poupa-me, Catarina.

- Pois é. Desculpa, esqueci-me por momentos. E agora? O que queres fazer?

- Viste a minha mensagem? Na mão esquerda?

- Sim. E vais-te rir...

- Eu não estou com forças sequer para rir, Catarina. O que é?

- Eu... eu tenho um sobrinho que trabalha exactamente nessa área. E ele trabalha num café. Um café que tem imensos...

- Tem?

- Ora, nem mais.

- Catarina, eu não sei porque é que estás a fazer isto por mim, mas sinto que estou com a pessoa certa para concluir este assunto, de uma vez por todas.

- Sim...*eu também o sinto, Lam. Eu Também o sinto.*

UM FIM - XX

- O quê?? Transferência interna, seu incapaz!! Uma transferência i-n-t-e-r-n-a! Não é para levar o doente daqui para fora!! Sabe o que isso quer dizer? Sabe, por acaso?? Hein?

- Sim, doutor Sebastião, sim, eu sei, de um quarto para o...

- De um quarto para outro quarto, DENTRO da Clínica, meu grande incompetente!! E agora? Onde está o paciente do quarto 65? Onde, onde? Diga-me, se o está a ver!!

- Eu... eu... ela disse-me que o doutor tinha autorizado, um paciente do quarto 63, dos queimados, eu...

- E você acreditou, como um bom palerma que é!! Caiu que nem um patinho!! Um paciente da ala mais segura da Clínica!! Imagine-se uma coisa destas! Hein?? Não sei o que me impede de...

- Calma, Sebastião. Calma.

- Hm? Ah, Antônio, estás aí, o que me dizes a isto, tu? O que me dizes a este incompet...

- Vem à sala 4.

- Hein?

- O doutor Linhares chegou.

- O... o... doutor...

- L-I-N-H-A-R-E-S. Entendido? Quando acabares a berraria, vem ter connosco.

- Sim, eu...

- Tu estás quase a acabar, por aqui, ceerto?

- Sim, sim, acompanho-te, eu...

- Ele tem horror a pessoas que se atrasam. Lembras-te do que aconteceu ao Guedes...? É preciso dizer mais...?

UM FIM - XXI

O doutor Linhares estava de costas, aparentemente sem vontade de se voltar, apesar da porta ter sido fechada há já alguns segundos. Sebastião sabia que algo iria acontecer-lhe, mas não sabia ainda exactamente o quê. Havia culpas, repartidas por certo, mas... era ele o rosto visível daquele caso especial. Muito muito especial. Não queria que ele se voltasse. Não queria.

- Pode sair, António. Quero ficar a sós com o Sebastião. Mas fique do lado de fora da porta.

- Sim, senhor.

Continuava de costas. Finalmente, virou-se. Lentamente, como quem bebe um malte de 20 anos, e não quer acabá-lo nunca.

- Meu caro Sebastião...

- Doutor, eu posso explicar...

- E acha que tem argumentos para explicar-me o inexplicável? Saberá o *senhor doutor* há quantos anos eu trabalho em Clínicas destas, e nunca, mas nunca...

- Doutor, eu...

- Você? Você está aqui por uma cunha. E todos o sabem. E estava a acusar o pobre Alberto de... incompetente? A sua sorte é viver em Portugal, onde o sistema de saúde é o que é... eu queria era vê-lo numa Clínica privada lá fora!

- Doutor, por favor, não precisa de diz...

- Como? Não preciso de dizer o quê? O senhor deve é estar muito caladinho. António!

- Chamou-me, doutor?

- Aqui o Sebastião vai de férias. Por duas semanas. Pelo menos!

- Mas doutor, porquê?

- Porque, meu caro amigo, estes ares são demasiado... profissionais para si. Talvez quando voltar tenha a mente um pouco mais arejada... passe pela Conceição, e espere lá pelo António, ele trata disso - não é António!??

- Sim, doutor, sem dúvida.

- O que lhe vamos fazer, doutor Linhares? Ele é boa pessoa, e...

- É esse o problema deste país, António: tudo é boa gente, todos são excelentes pessoas, mas...

- Mas...?

- Este caso foi longe de mais. Tenho de tomar medidas... radicais.
- Quer que eu chame a polícia?
- Nem pensar nisso. Quero que chame o Alberto e também o Alcides. Para lhes dizer que tudo está bem, e que não devem falar deste assunto a... ninguém!
- Mas... ainda agora me disse que...

- Olhe lá António... mas você quer saber mais do que eu, agora...?

UM FIM - XXII

- Estou lúcido. Vamos.
- Não queres beber mais um pouco de caf...
- Nem pensar. Já agora: que dia é hoje?
- 14... 14 de...
- Vá lá, não tenhas medo. Estou preparado para tudo.
- De... Novembro. Estamos em Novembro, Lam.
- Hm... deixa-me respirar fundo.
- Leva o teu tempo, isto é...
- Pesado? Pesado é levar com doses mínimas de Haldol, todos os dias, durante anos. Isso, sim, é uma prisão! Agora sinto-me... puro! Livre dessas drogas todas.
- Mas tu sabes que...

- Não dura sempre? Pois, talvez. Mas deixa-me gozar o momento. Vamos ao café do teu sobrinho. Tens dinheiro para o táxi?
- Sim, eu venho preparada para vários dias. Não te preocupes. A minha colega deixou esta ambulância aqui para não dar nas vistas, é um local quase deserto, e ninguém vai repar...
- Ambulância? Estamos numa ambulância?

- Sim! Ainda não reparaste? Ahahah! Nem tiveste tempo para reparar nisso, hein?

- Sim, mas faz todo o sentido, realmente...

- Como assim? O que queres dizer com isso...?

- É que, Catarina, o que eu preciso de fazer daqui para diante...

- S... sim?

- É uma... emergência!

UM FIM - XXIII

- Pode parar, senhor. É aqui, Lam.

- Vamos, então.

O café ficava em frente ao Museu do Chiado, e era de difícil acesso: os taxistas não costumavam gostar dos meandros daquela zona de Lisboa, e por isso Catarina pediu para ele parar à frente da FNAC, perto da pequena carrinha do fado, das entrevistadoras agressivas de inquéritos palermas e das lojas de luxo.

- Onde está o café, afinal? Disseste ao taxista que era aqui...

- Assim vamos mais à vontade. E tu andas um pouco, e apanhas ar fresco. Vem!

Passaram pelo Teatro São Carlos, e viraram à direita. Antes, uns pedintes tinham pedido os *eternos* trocos do costume.

- Na rua paralela a esta fica a Universidade de Belas Artes. Sabias, Lam? Uma prima minha anda lá, a tirar o curso de pintor...

- Bah.

- Como assim? Não me digas que não gostas das artes? Então essa sensibilidade?

- E hoje em dia, com esta vida apressada nas cidades, lá há tempo para essas coisas?? Isso é tudo pra estrangeiro ver! Mas estás enganada: eu gosto muito de pintura, e até desenho bastante.

- A sério? Eu também! Que coisas desenhas?

- Uns bonecos... tudo abstracto, hein? Chateia-me o figurativo... acho isso uma cópia deslavada. Deviam banir-se as telas figurativas, como Hitler fez com a Arte Degenerada do seu tempo! Eheheh...

- Nem acredito no que estou a ouvir... tu és...

- Não acredites, não, porque eu estou a brincar contigo!

- Ora!

- Tem calma. Tu e eu entendemo-nos bem. Olha, ainda falta muito?

- Agora é que já cá estamos mesmo. Estás a ver aquele letreiro, ali?

- Onde?

- À direita da livraria, vês?

- Ah, sim. Finalmente.

- Lê-me em voz alta o que lá diz.

- Ora essa! Tu não vês? Porque...

- Faz-me esse favor.

- Café- Net. O que tem?

- Nada. Queria apenas que fosses tu a recordar-me da palavra que tinhas escrita na tua mão: N-E-T...

UM FIM - XXIV

- Já te disse para não me falares por esta linha. Não é seguro. É a última vez, ouviste.

- Desculpe, depois dou-lhe os pormenores pela via M, mas isto é muito importante, eu tinha de lho dizer. O... o passarinho fugiu do ninho.

- É pena. Tínhamos-lhe arranjado um ninho tão quentinho...

- Parece que não gostou. Sabe como são estes passarinhos novos... sempre com a mania das grandezas...

- Eu sei, eu sei como essas coisas são. Mas... como foi possível?

- Ele... teve uma cúmplice, doutor.

- Ai sim? Muito me contas... uma adolescente sonhadora qualquer, que se apaixonou pela cria indefesa, talvez...?

- Talvez fosse isso, sim. O que devo fazer, agora?

- Agora, esperas.

- E... espero?

- Eh, calma. Já sei que tens o gatilho rápido, mas agora a bola passa para outra equipa. O nosso homem na Interpol vai fazer o seu trabalho, e os rapazes do

satélite vão dar-nos as luzes de que precisamos, ok? É claro que leva tempo, mas...

- Doutor...

- Siim?

- Poderemos não ter esse tempo. Se eles usam a...

- Meu caro, se eles usam isso, então vai ser o fim do mundo, não tenhas quaisquer dúvidas a esse respeito...

UM FIM - XXV

- Tia Catarina! Está tudo bem? Como está?
- Olá, Diogo, estás bom? Como vai o meu sobrinho preferido?
- Preferido e único! Eheheh.
- Sim, isso também, tens razão; mas não deixas de ser o meu sobrinho preferido por isso, deixa lá!
- É o teu namorado?
- Ai rapaz, que me fazes corar... é apenas um amigo, que...
- Olá. Precisava de ter acesso à net por uma meia hora. Tem mesmo de ser, é uma coisa muito importante, e...
- Então vieram ao sítio certo! Este cibercafé é do mais moderno que há, e...
- E tem toda a privacidade do mundo, não é? Pois... nós também estamos interessados nisso, ninguém pode ver o que estamos a fazer no comp...
- Eh, mas vocês querem instalar vírus, ou quê, Catarina? Olha que o dono não...
- Nada disso, sobrinho, não é nada disso. É um assunto importante, que temos de tratar pela Internet. Tens algum PC disponível, neste momento? Sei que têm pequenas salinhas para os internautas, não é?

- Sim, sim, podes ir para o computador número 4, está vago, acabaram de sair de lá. Até já. E... juizinho!
- Vá lá, não estejas preocupado, Diogo... desde quando a tua tia te deixou ficar mal, hm?
- Há sempre uma primeira vez! Tou a brincar, tou a brincar. PC nº4, é todo vosso. Vou marcar por meia hora.
- Uma. Uma hora, Catarina, é melhor.
- Sim. Uma hora, Diogo. Até já.
- Ok, podem ir.

A salinha era bastante ampla, tendo em conta as reduzidas dimensões de todo o Cibercafé. Uma imensidão de fios desejava ardentemente a liberdade, aprisionados que estavam dentro de tubos de plástico brancos, com as extremidades saídas, junto ao computador.

- Lam. Posso saber o que vimos fazer aqui?
- Sim, podes saber. Vou só ligar a net... já está. Agora, bla bla.
- Bla bla??
- O chat do AEIOU. Não conheces?? É um local de engate.

- Lam, eu corri todos estes riscos por causa de... estou a começar a ficar f...

- Fula? Furiosa? Ah, mas não tens razões para isso. Espera aí, vou entrar na sala nonsense.

- O que é isso? Realmente, não estás a fazer nenhum sentido... queres explicar-me de uma vez por todas o que estás a...

- Vamos entrar nesta sala de chat privada, Catarina.

- Siim? E depois vais... vais engatar alguém, comigo a ver? Nem penses nisso!

- Catarina, tem calma. Pronto, já entrámos no chat. E, agora, eu vou esperar por um milagre. E tu, bem, tu vais rezar.

- Rezar, eu? Ahahah! Se eu nunca fui religiosa...

- Ora bem. Tu vais rezar para que o Slow Motion apareça na próxima hora nesta sala secreta de chat.

- Slow Motion? Que é isso?? E tu... esperar por um milagre...?

- E eu vou esperar por um milagre, sim... pelo milagre do Slow Motion ser realmente quem eu penso que ele é...

UM FIM - XXVI

Na sala interior do Cibercafé, um programa de detecção de sites visitados cumpria a sua função. Havia já 42 minutos que, na sala 4, dois utilizadores estavam no chat do AEIOU.pt. Nenhum outro URL tinha sido digitado no browser. O vigilante não achou estranho. Mas já achou estranho a entrada de um polícia; por aquelas bandas, era a primeira vez, desde que tinham aberto ao público, há 9 anos.

- Bebe mais uma coca- cola, Catarina.
- Não tenho sede. Nem sei para que é que corri estes riscos todos, para agora...
- Isto é muito importante. Nem tu sabes como é importante... talvez quando tudo acalmar, eu te possa explicar o que está a... o Slow!
- Hein?! O que foi? O que acontec...
- O Slow Mow chegou à sala. Agora, o jogo vai finalmente começar...

As palavras digitavam-se no chat à velocidade do vento. Mas, para Catarina, eram palavras... incompreensíveis.

- Parafernália.

- Paramute.
- Rinoceronte.
- Ahahah.
- Cigarrilha.
- Bisonte.

- Eh, mas vocês estão a gozar comigo? Lam!
- Shh! Cala-te. Este é o nosso código. Agora eu sei que estou realmente a falar com o Bruno... isto ainda não acabou, espera aí.
- Ok... coisas de rapazes, de certeza.

- Mamute.
- Michael Jordan.
- Tens a certeza?
- Sem dúvida!

- Bem vindo, Slow Mow.
- Tudo bem, Doctor of Tuganomics?
- Tudo.
- Então qual é o plano?
- Mantemo-nos fiéis ao plano... A.
- Tens a certeza? Isso é um bocado arriscado...
- Tenho. O plano B é para os fracos, seu marreco.

- Ahahah! Bem dito, bem dito. Vou já contactar os meus amigos. Qual deles sugeres?

- Pá, aquilo do acesso aos servidores é essencial. O... como ele se chamava?

- Cool Boy? Queres que eu contacte o Cool Boy?

- Esse mesmo. E o outro teu amigo, o francês...

- O Frenchman?

- Sim, esse também, vai ser essencial para o trabalho final, o ficheiro auto- executável no mirror.

Uma voz acordou-os da letargia que a Internet sempre causa. E era uma voz familiar. Familiar e... desesperada.

- Tia! Tia Catarina!

- O que é, Diogo? O nosso tempo ainda não acabou, faltam dez min...

- Têm de se ir embora. Já!

- Mas... porquê?

- A... a polícia chegou! E procuram hackers! Estão a vir para aqui!

UM FIM - XXVII

- Vão agora, tia, eles ainda estão a falar na sala de comando. Vai também...

- Lam. Paulo Lam.

- Ok, vão os dois, eu saio pela porta da frente, para não dar nas vistas, e encontramos-nos lá fora. Tenho o meu carro estacionado daqui a 200 metros. Há uma segunda saída, para os funcionários, que está sempre deserta. Vão... agora!

- Eh! Vocês! - São os da sala 4, funcionário?

- S... são. Mas...

- Central?

- Sim, podes falar.

- Precisamos de todos os carros de patrulha para a zona do cibercafé, ao pé do Chiado. Fugitivos saíram agora.

- Ok. Há 2 carros aí perto. Vou já enviá-los. Verifica o computador, ouviste?

- Mas, senhor polícia, se os tivesse perseguido, eles estavam perto, e...

- Ó meu caro amigo... faz ideia da perigosidade destes dois...? Hm? Deixei-os para os carros de patrulha, já há uma

equipa especial a persegui-los... que ganham bem mais do que eu... eles que corram esses riscos!!

- A... a sério? Mas eu não notei nada de estr...

- De estranho? Isso é muito normal, asseguro-lhe. Os tipos mais perigosos são sempre os mais calmos...

- Bom... E... e agora?

- Agora, vou investigar o computador onde eles estiveram. Tenho umas luzes sobre informática, e quero ver...

- Eles estiveram sempre no chat do AEIOU... é o habitual, nestes jovens que nos visitam, para eh...

- Eu sei, eu sei, para o engate fácil. Estes jovens...

- Eheheh...pois é, eles são tramados... mas vá até à sala 4, é toda sua.

- Preciso apenas de uma meia hora.

- Não há problema.

O polícia sentou-se na cadeira onde tinha estado Lam. Desapertou um pouco o seu colete. Estava apertado. Demasiado apertado.

Talvez porque nunca o tivesse vestido antes.

UM FIM - XXVIII

- Onde está o teu carro, afinal? Diogo! Estou a falar contigo!
- O meu carro? Na oficina!
- Grr... tu disseste-nos que tinhas... será que hoje está tudo maluco, ou quê?
- Calma, tia. Eu sei o que estou a dizer. Vou levá-los para um local seguro.
- Qual? Que local é esse?

- A Toca!
- Mas tu pensarás que eu e o Lam somos alguns esquilos, ou quê??!
- Nada disso. Olha, estamos a chegar.
- A chegar? Onde??
- À oficina.
- Mas se tu tens o carro a arranjar, como podemos...
- Tia, tia... o meu carro está perfeitamente bom. Estaciono-o na oficina, porque por aqui nunca há lugar para o carro! Esperto!!
- Ai sim? E depois levas-nos à tal *Toca*??
- Não. Eu sigo, vocês ficam aqui. Na oficina.

- Grr... não estou a perceber nada. Lam, eu...

- Calma, Catarina. Podes explicar-nos o que tens em mente, rapaz...?

- Posso, Lam. Já olharam para o nome da oficina?

- Não. Como se cham... oh...

- Ah, pois é...

UM FIM - XXIX

A Toca. Assim se chamava a oficina. E, de facto, os carros anichavam-se dentro dela como crias de texugos ou coelhos. Fazia sentido, o raio do nome, no fim de contas.

- Artur! Tudo bem?

- Tudo bem, rapaz, tudo bem. Então o teu Sporting, safa-se hoje?

- Claro que se safa! O teu FCP é que está uma desgraça, este ano.

- Pá, eu já te tinha dito: este ano está tudo feitinho ao jeito do clube da ave! Eheheh... quem é que trazes aí, moço?

- A minha tia, e o... hm, amigo dela. Eles precisam de... toca!

- Então vieram ao sítio certo, vieram ao sítio certo... sejam bem vindos ao meu humilde estabelecimento! Ó rapaz! Tu, aí, deixa esse carro em paz, não percebes nada disso! Vai dar uma volta, que o patrão paga! Andor! Vai fumar o teu cigarro lá fora, vai beber um café, vai para onde raio quiseres, mas afasta-te da minha toca por uma hora!

- Diogo, se tu pensas que nós vamos ficar aqui neste ambiente horrível, é melhor pensares duas vez...

- Nada disso, nada disso, tia. Tu já vais ver... ele há tocas cheinhas de surpresas...

UM FIM - XXX

- Venham, venham.
- Por onde? Isto é uma parede! Diogo, eu...
- Tu tens de ser mais paciente, tia. Caramba, confia no teu sobrinho! Isto Não é uma parede, tia.
- Ora essa! Estarás a gozar com...
- Isto é... Artur, diz-lhes o que isto é!
- Isto é uma... porta!

Artur deslocou dois pequenos blocos da parede, e esta moveu-se um pouco para dentro.

- Venham. Bem vindos à Toca!

O corredor era bastante escuro e húmido, mas Artur levava uma gambiarra que iluminava o suficiente. As escadas em caracol pareciam não ter fim. Por fim, saíram daquele remoinho descendente, e chegaram a uma porta de metal maciço. Três fechaduras estavam incrustadas à superfície daquela porta misteriosa.

- Caramba... isto parece um cofre..., disse Lam, intuitivamente.

Artur virou-se para trás, e sorriu. Procurou as chaves no bolso, e encontrou-as. Às três.

Quando, trinta e sete segundos depois, o trinco cedeu finalmente, foram ofuscados por uma luz divina.

- O que é isto, Diogo? Parece...

- Um Hotel 5 Estrelas? E é, tia, e é...

Artur voltou-se de novo para eles, e sorriu novamente.

- Vocês nem queiram saber os visitantes ilustres que a Toca já teve... não se esqueçam depois de assinar o livro de visitas! Ahahah!!!

UM FIM - XXXI

- Mas eu não posso pagar isto... Diogo, eu...
- Eh! Mas agora insulta-se o dono da toca, impunemente? Hein? Um amigo do Diogo, meu amigo é! Vocês nem sequer me falem de pagar o que quer que seja... o tio dele safou-me de morte certa, perto de Luanda. Naqueles tempos, não havia mordomias destas, hm?
- Obrigado, senhor Artur. Eu e o Lam ficamos-lhe eternamente grat...
- Deixem-se lá dessas coisas, que eu não gosto disso, hein? Desfrutem! A cama de casal, quero eu dizer... eheheh...
- Oh! , Catarina corou.

- Lam.
- Sim, Diogo?
- Tenho o portátil no carro. Já to trago, ok? É wireless, a ligação à net está paga até ao fim do mês, não te preocupes.
- Obrigadão. Precisava mesmo de ouvir isso.

- E vocês agora... tenham cuidado.
- Sim, já reparei que a polícia anda atrás de nós, temos de...

- Nada disso!

- Hein? Essa não percebi, sobrinho...

- Ah, tu ainda não percebeste o que se passa, é verdade. Tia...

- Siim?

- Aquele polícia...

- Sim, o que tem Aquele polícia?

- É... é... a primeira vez que o vejo por ali. E apostava a minha vida que...

- Mas, então...

- É isso mesmo, tia. A última coisa que ele deve ser é isso: um polícia... eu topei-o logo que ele entrou no café... alguém graúdo anda atrás de vocês...

UM FIM - XXXII

- Então? Conseguiste alguma coisa?
- Os ficheiros do histórico ajudaram-me pouco, que ele tinha estado naquele site já eu o sabia.
- Não me digas que não conseguiste nad...
- Eh, calma. Não foi isso o que eu disse.
- Siim?
- Tive de recorrer à memória intermédia. Felizmente que não tiveram tempo de desligar o PC. Reconstituí todos os passos que ele deu e fiz um print screen. Mas, como é óbvio, só apanhei o início da conversa dele dentro da scroll text box, com um tal de Slow Motion, que estava naquela sala de conversação com ele.
- Estes putos...
- Eles sabem muito... ou então são intuitivos. Aponto mais para a segunda hipótese, doutor.
- E... o que apanhaste dessa conversa?

- Tinha razão, eles preparam alguma. E parecem bebés a falar, um código maluco, acho que isso lhes vem dos nicknames do basket americano, ou lá o que isso é...
- Nick quê?

- Ahm, pois, esqueça. Não é definitivamente da sua geração.

- Mas o que eles preparam, isso sim, mexe e muito com a minha geração! Hm, bom... fizeste um bom trabalho.

- Eles...

- S... sim? Mais alguma coisa?

- Falam de servidores. Foi a última linha que consegui ler da conversa.

- Meu caro amigo, essa pode ter sido a última linha que tu leste... mas é a minha primeira preocupação, acredita...

UM FIM - XXXIII

- Bom. Espero respostas, Lam.
- E vais ter algumas.
- Não quero: “algumas” - quero todas! E é já! Não penses que eu ando a financiar...
- Eh, o que te deu agora?
- Tu sabes o risco que eu corro, com aquilo que fiz? Eu sei que tu só acordaste há algumas horas, depois de 4 meses...
- E meio. 4 meses e meio...
- Sim, sim, pensas que eu não sei? Sou a tua enfermeira, e...
- Foste. Foste a minha enfermeira, agora és...
- Sim? O que sou eu agora, afinal? Eu...
- A minha namorada.
- O quê?! Tu pensas que eu sou dessas...?

O beijo, repentino, apanhou Catarina de surpresa. Ou talvez não. Não se conseguia soltar do abraço de Lam. Enquanto os segundos passavam, ela compreendeu que não desejava soltar-se daquele abraço. Um abraço que toda a vida desejara.

Um abraço e um beijo... *mágicos*.

UM FIM - XXXIV

Catarina alisava os cabelos revoltos de Lam. Eram já 2 da manhã, e nenhum dos dois se queria separar do olhar meigo e sincero um do outro. Ela tinha ouvido tudo, pacientemente, contra o que era seu hábito. E ele, ele tinha-lhe explicado esse mesmo tudo, com todos os pormenores, desde a sua entrada na Universidade, passando pelo jogo, rapto e ameaça, até à história da traição do seu psicanalista, que tinha sido resolvida com a *solução final*: a Clínica, e um longo, longo sono...

- Tu sabias que eles... não queriam eh...

- Podes dizê-lo, Catarina.

- Que tu acordasses...?

- Imagino que sim, Catarina. O conhecimento que transporto em mim é demasiado perigoso. Mas agora, o naipe de trunfo passou de espadas para... copas! E é o meu coração, e o teu também, que bate em conjunto com o meu, que ditam as regras do jogo. Vá, vamos dormir.

- Espera. Eu notei...

- O quê? O que foi?

- Um cheiro esquisito... parece... gás!

- A sério? Mas isso, é perigoso, e nós estamos aqui fechad...

- Lam. Estás a pensar no mesmo que eu estou a pensar??

- A... acho que sim. Catarina... temos de sair daqui. Fomos... descobertos!

UM FIM - XXXV

- Depressa, as chaves!
- Já vou, já vou! Veste-te depressa. Depressa!
- Uma fechadura já está. A segunda... também! Agora...
- Depressa, Lam. Cof cof... estou a ficar meio zozna... abre isso, por favor! Temos de...
- Catarina, a terceira fechadura...
- O que é?
- Está... bloqueada! Colocaram alguma coisa a tapá-la, por fora, só pode ser isso!
- Vou telefonar ao...
- E Tu Achas que há tempo para isso?!? Cof cof. Ah, que coisa horrível... apanhados na ratoeira... e tão perto do fim.
- Meu Deus... abraça-me, Lam. Esta pode ser a última...
- Não digas isso, Catarina. Não o digas.

- Catarina...
- Sim? Cof cof cof... sim, o que é? Eu...
- Estás a ver o que eu vejo?

Catarina voltou-se, e no fim do corredor viu-a. Era uma ponta de esperança, apenas. Talvez se...

- E agora, não há tempo a perder. Passa-me aí esse candeeiro grande de halogéneo. É agora ou nunca. Reza, Catarina. Reza... muito! Eu...

... espero que o teu Deus esteja atento.

UM FIM - XXXVI

- Os passarinhos voaram da toca, doutor.
- Hm. Tens a certeza?
- Sim, os rapazes do satélite não têm dúvidas e avisaram-me: 2 vultos a correrem, vindos daquelas bandas, às duas e tal da matina... só podem ser eles.
- Olha, é o problema dos países da NATO, os nossos malditos aliados: dá demasiado nas vistas bombardeá-los, sabes...
- Eheheh... imagino, doutor, imagino. Não seria nada simpático, realmente...
- Nem um pouco. Poderia conduzir-nos a muitos despedimentos, por aqui... não é, de facto, o mais aconselhável...
- Se quiser, eu...
- Francamente, acho que será necessário.
- Sim, doutor...? O que é que eu faço agora?

- Sabes o golpe de Helsínkia?
- O doutor... o doutor está a brincar! Isso é muito...
- Eu sei, eu sei. Eu tenho cá um sentido de humor... Esta é a última tentativa. E é bom que não falhes. Sei que te vai custar um bocado, mas... sabes, é que a partir daqui, fica fora do meu alcance, os tipos lá dos

states que resolvam, que são bem pagos para isso...

- Eheheh...

- Meu caro amigo... a função pública é igual em Todos os países... Mas tu não tens de ser assim, não é?

- Sim, eu...

- Tu saltas por cima das burocracias e vais logo ao que interessa. É por essas e por outras que eu gosto tanto da tua competência...

UM FIM - XXXVII

Algures nos Estados Unidos, um computador portátil fazia a ligação necessária. Tinha recebido a ordem, e teria todo o gosto em cumpri-la. Era apenas preciso... ler a password da sua lista de inúmeras senhas, de servidores de todo o mundo. CoolBoy estava feliz. Há mais de 12 anos que esperava um bom plano. Um plano em que ele, com os seus 6 bastante activos anos de hacker, pudesse ser útil. A ordem era clara. Muito clara. Slow Mow tinha-o posto ao corrente de uma parte da situação há alguns meses, e ele apenas precisava de esperar pelo momento... certo. Enviou um email a Frenchman. E esperou, novamente. Estava a pesquisar o conteúdo de um livro de Pascal na Amazon, quando recebeu o email de resposta. O seu coração começou a bater descompassadamente.

É agora ou nunca.

Abriu o email com uma ansiedade louca. Tudo dependia do que F.M., em França, conseguisse fazer. O vírus teria de estar pronto antes de... A mensagem tinha apenas duas linhas. Estava em código. *Uff... ainda bem. Às vezes ele é tão esquecido...*

“O frigorífico será entregue na data prevista, caro senhor Murray.

Certifique-se apenas que está no prazo de garantia, quando os nossos técnicos chegarem a sua casa.

Ass: Mr. Andrew

P.S.: Nós nunca tivemos reclamações.”

Eheheh... Sempre a sua nota pessoal no final dos emails...

Aceitou...

O jogo vai começar. Os adultos que se cuidem. John Cena começou a limpar a casa...

UM FIM - XXXVIII

- E... está?
- Doutor K?
- Eu já disse que não quero receber chamadas por esta linh...
- O senhor sabe por acaso com quem está a falar...?
- Bom, eu não sei, mas esta linha...
- Eu Uso esta linha quando muito bem me apetecer, ouviu seu palerma??
- Palerma? É bom que se identifique, eu não...

- Sou o seu chefe, idiota! O seu chefe! Compreendeu bem?
- O meu chefe? O... o... de Massachusetts?
- Esse mesmo. Não diga mais nada quanto ao meu nome, eu também sei que a linha não é segura - fui eu que dei o aval para que fossem criadas estas linhas secundárias, no fim de contas.
- Mas... passa-se alguma coisa... eu...
- Você estava a dormir, porque são 4 da manhã. Isso é perfeitamente natural. Mas tem de acordar e depressa, porque aconteceu uma coisa... estranha.
- O que... o que aconteceu?

- Algum engraçadinho colocou um ficheiro no servidor. Nada que ficasse online, bem entendido. Um ficheiro do Notepad, para poder ser lido em todo o lado, por qualquer palerma que não saiba nada de internet nem de computadores.

- Sabe em que site foi colocado esse ficheiro, por acaso? Nós temos vários sit...

- No mais importante, claro.

- No site da... da...

- Exactamente, doutor. Exactamente.

- N-A-S-A...?

- Que nunca se diga que um subordinado não consegue surpreender o seu chefe...

UM FIM - XXXIX

- Mas... isso é...
- E nas nossas barbas, e nas barbas dos rapazes do servidor!
- Realmente... que estranho! E improvável! Mas esse servidor não tem...
- 8! 8 firewalls, 8! Com todos os antivírus possíveis e imaginários, meu caro amigo doutor.
- Eu posso saber o que... que ficheiro é esse? Se é do Notepad, ele não...

- É óbvio que não é vírus.
- Então porque é que alguém... um ficheiro de texto, é? Uma...
- Sim. Uma mensagem. Uma mensagem no mínimo... preocupante...!
- O que diz, a mensagem...?
- Diz que o site da NASA será atacado por um vírus dentro de pouco tempo, e que terá, online, informação bastante... comprometedora...
- Mas ainda não conseguiram localizar o que foi que...
- Não conseguimos nem queremos conseguir, meu caro.
- P... porquê?

- Porque mesmo que o conseguíssemos fazer em termos técnicos, demoraria pelo menos 3 dias. E eles dão-nos apenas um prazo de meio dia, no máximo.

- Não estou a perceber...

- Lembra-se do jogo que pensávamos ter acabado?

- E... em Lisboa...?

- Ora, nem mais, doutor. A partir daqui, terá de haver negociações. Directas. Discretas. E, claro está, ao mais alto nível.

- Acha mesmo que... ele não se atreveria, certamente!

- Doutor, doutor... eu não sei se isto é chantagem pura e dura, ou outra coisa qualquer, para nos gozarem simplesmente... mas uma coisa, eu sei.

- Que... que coisa...?

- É bom que o seu rapaz tenha uma longa e feliz vida. Porque, se este melro sofrer alguma doença súbita, já há uma carta num banco da maldita Suíça à nossa espera, como uma guilhotina sobre as nossas cabeças, prontas a rolar pela montanha... E se o melro em vez de ter essa doença súbita, cantar, deixamos de ter o que negociar, e mais de meio século de mentiras da ciência ocidental vêm por água abaixo... e nós descemos essa ribanceira,

com elas atrás... é preciso que lhe faça um desenho... hm?

- Oh, meu Deus... eu já falei com o...

- O seu rapaz agora vale ouro, caro doutor K. O seu rapaz vale... ouro!

UM FIM - XL

Poucos taxistas dariam abrigo, numa noite escura, a dois fugitivos desesperados, mal vestidos e com sinais de intoxicação: muitos julgá-los-iam meros junkies. Mas Mário, não. Fazia aquele caminho, entre a estação do Cais do Sodré e algum outro lugar qualquer, um ponto imaginário da sua imaginação fértil, fazia agora 8 anos certos. E tinha engraçado com aqueles dois à primeira vista.

- Eh, vocês estão um bocado cansados... para onde vamos?
- Cof cof cof... para o... Guincho!

- Vocês vêm de alguma festa, ou quê?
- Nem queira saber, você nem queira saber,...
- Mário. Chamo-me Mário.
- Lam.
- Catarina.
- Lam e Catarina... bem vindos ao meu modesto... GTI Turbo!

- G... GTI...?

- Ora é isso mesmo. Segurem-se bem, porque a polícia já foi pra casa dormir, e nós agora somos os donos da... estrada!

UM FIM - XLI

Lam apostava a sua vida em como aquele GTI Turbo estava quitado até nos espelhos. *Um fanático do tuning... era o que nos faltava agora...* O homem conduzia a uma velocidade louca, desviando-se dos carros da frente sempre no último momento. Parecia um rallie na savana. Estavam aterrorizados. Os dois.

- Ouça, nós não temos pressa nenhuma, e...

- Mas tenho eu! Há uma festa no Kremlin às 5 da matina! E hoje mal dormi, e já tomei... euh, bem, umas coisas, compreendem... para poder estar a pé, meus meninos! Aqui o Mário é só farras, mas tem de ser realista! Os empregos agora são poucos, hein?

- A sério, senhor Mário, por favor conduza com mais cuidad...

- Ora esta! A dar lições de condução a um profissional? E vocês ainda não viram nada... vou ligar aqui uma coisa que, essa sim, é de truz!

- O que... que é que vai ligar...?

- Vocês estão desatentos ao que eu vos digo... Eu disse: G-T-I ... TURBO!!!

UM FIM - XLII

Catarina estava em estado de choque quando saiu do táxi. Cambaleava, e Lam teve de ampará-la.

- Tem calma... estou aqui. Vou só pagar ao taxista... quanto é?

- 15 euros e 43 cêntimos, por favor. Já viu a rapidez com que vos trouxe? É assim, cá o Mário...hm?

- Sim, sim. Tome, tem aqui, deixe estar o troco. Olhe, e eu tenho um conselho para si. De graça!

- Sim? Diga, diga!

- Deixe a Playstation em paz, homem.

- Ahahah! Eheheh, bom, o meu puto é que gosta de jogar isso! Eu só fico a ver.

Estou a ver que ele vai ser o mesmo taxista maluco que tu quando crescer...

- Até à próxima! Festa, aqui vou eu! Turbo, não me deixes ficar mal visto! Iahuu!!

O carro desapareceu na mesma esgalha com que tinha percorrido a A5, e Lam ficou com Catarina nos braços e a poeira do arranque do táxi nos olhos e narinas. E quando, uns segundos depois, o carro

desapareceu numa curva já longínqua da estrada, apenas pensou numa coisa.

Slow Mow. Terá conseguido convencê-los...?

- Vamos, Catarina.

UM FIM - XLIII

5h32

TuriStar. Um nome que talvez faça sentido, um sentido qualquer ligado a: turismo. Era esse o nome daquele parque de campismo, em pleno Guincho, onde as ondas se transformam em vagas, e os surfistas as desafiavam, cheios de ganzas, basófiãs, louras e algumas tatuagens. E era ali que o seu sobrinho lhes tinha dito para irem, em caso de perigo. Que procurassem uma roulotte, com a matrícula 23-35-FT.

- Ufa... Vamos mas é dormir ao relento, Lam. Não conseguimos encontrar isto nem que procuremos três dias inteiros, eu estou cansadíssima, e...

- Ali! Vem, Catarina, está ali, a nossa roulotte salvadora!

- Finalmente! Vamos poder dormir em paz, agora...

17h05

- Um fim de mundo, é o que isto é! Lam!

- O que foi, Catarina? Tem calma...
- O que fazemos agora? Estou farta de estar aqui a olhar para as paredes. Que nem paredes são...
- Aguardamos. O meu plano está em movimento. Dentro de pouco tempo devo ter notícias do Slow...
- Vamos mas é ao café deste parque de campismo, beber qualquer coisa, está imenso calor, e...
- Ok, pronto, vamos lá. Mas não convém nada que sejamos vistos, sabemos lá quem e quantos são aqueles que andam atrás de nós...

O café ficava pertíssimo da saída do parque. Era amplo, e tinha um café de máquina horrível, empregadas igualmente incompetentes, e um guarda desconfiado à porta. *Tudo a calhar*, pensou Lam. Sentaram-se a uma mesa e, enquanto Catarina bebia a mistela a que ali chamavam de café, a empregada de dentro do balcão berrou:

- Há aqui alguém chamado Paulo Lam?
- Ouviste, Lam? Vamos fugir daqui, e...
- Calma! Dávamos demasiado logo nas vistas, e aquele guarda apanhava-nos logo! Calma!

- Mas se fores lá também nos apanham!
- Sim, mas... ela tem qualquer coisa na mão... um telefone! Alguém me telefonou para aqui... será o teu sobrinho, o Diogo?
- Ele tem o meu telemóvel. Não pode ser.
- A rapariga já perguntou outra vez, daqui a pouco desliga. Bom, vou lá.
- Estás maluco?? Vais deitar tudo a perder!!
- Fica aí sossegada. Eu já venho.
- Sou eu o Paulo Lam, sou eu. Quem está ao telefone, menina?
- Não sei, não disseram. Atenda, então.

- Está?
- Está?, repetiu Lam.

Lam aproximou-se lentamente da mesa onde estava Catarina. Ela estava em pulgas.

- Q... quem era, Lam? Nós...
- Não sei quem era, podia até ser o teu sobrinho: a chamada caiu. Mas eu daqui não saio: estou farto de andar a correr de um lado para o outro.
- A... achas que sim? Nós não devíamos fugir, para...

- Para Onde, não me dizes, hm? Para Onde??

- P... pois... não sei, Lam, eu...

- Não és só tu que não sabes, Catarina. Eu, apesar de saber demais, também não sei.

UM FIM - XLIV

A roulotte continuava lá, à espera deles, como uma mãe humilde mas carinhosa. E eles agradeciam aos deuses aquelas paredes de contraplacado, ou lá do que aquilo era feito. No verão, um forno; no Inverno, um gelo. Não havia ali lugar ao meio- termo.

- Lam, vem deitar-te. E deitar-me...

- Não temos agora tempo para isso, tenho de ver no portátil, se o site da NASA já foi...

- Hackeado? É isso, o que querias dizer, Paulo Lam?

- Q... quem está aí, Lam? Ohh!

O homem saiu do compartimento da frente com muita calma. Os seus gestos eram lentos, estudados até ao último pormenor. Deu alguns passos em frente, e deixou cair o computador de Diogo no chão à frente de Lam. Era óbvio que tinha ficado inutilizado. Mas o mais importante não era isso. O mais importante era o que ele transportava à sua frente, na mão de um braço ameaçador.

- U... uma... Lam!

- Oh, meu Deus...

- É isso o que tu estás a ver, rapaz. Uma Beretta, com silenciador. Os rapazes lá dos states preferem outras, mas eu cá dou-me muito bem com ela, sempre me dei bem com esta pistola. Certeira. Pequena. Discreta. É a ideal, garanto-te.

- O que quer...

- O que eu quero? Ah, mas eu não quero nada. É o meu chefe, que quer trocar umas impressões contigo. Pensavas que isto não era possível, hein, rapaz??

- Sim, pensava que não era possível que alguém me traísse.

- Sobretudo...

- Sim. Sobretudo...

- Lam, Lam, Lam, nem tu sabes da missa a metade...

UM FIM - XLV

- Como pôde fazer-me isto? É o meu tio, por amor de Deus...! Tudo o que passámos juntos ao longo dos anos, tudo o que estudámos, o tio ajudou-me em tudo...!

- Isso seria verdade se fosse verdade, Lam. Mas não é.

- O que é verdade? Não compreendo...

- Foi tudo muito simples, Lam. Reconstituir o teu passado foi muito simples. Apenas Masse estava naquela sala de parto, após a tua mãe... euh...

- Eu sei. Continue.

- O Masse foi vigiado desde o início. E aquela história da tua adopção... também. Tinha de haver um homem em Lisboa para lhes dar informações. Masse era demasiado importante no Comité Secr... ehh, já sabes demais.

- Mas, o tio...

- Eu não sou teu tio!

- O quê?!?

- Insinuei-me junto de Masse, e fi-lo acreditar nisso. Tinha de ser assim. É que,

sabes, a tua mãe... eh, ela tinha perdido toda a dignidade, ninguém queria...

- Saber dela. E havia uma criança - Eu - que também ninguém queria. E apenas Masse, com o seu bom coração, acreditou em mim e no meu talento. Não é assim, como eu digo?

- Talvez, rapaz, talvez seja. Mas olha que esse teu talento só te traz complicações. Este não é definitivamente o tempo dos criativos, há muita gente que prefere MacDonalds em vez de Da Vinci's, tu sabias disso? Eheheh... E agora...

- Vai matar-nos?, perguntou, já desesperada Catarina. - É isso o que nos vai fazer...? Deixe-me ao menos dar um beijo de despedida ao meu Lam.

- Ohh, que romântico... nem sei o que tu vês neste rapaz, rapariga! Mas tu lá sabes!

- Vai matar-nos, Rui?, o olhar de Lam era muito sério. Estava calmo. Demasiado, até.

- Matar os pombinhos? Não... isso seria fácil demais... Mas que Tu vais ter com os anjinhos lá no céu, não tenhas dúvidas nenhuma...

UM FIM - XLVI

Uma carrinha aproximou-se lentamente, lá fora. Rui olhou pela janela da roulotte. Era ele, finalmente. O Transporte Seguro.

- E agora, vais dar uma voltinha... e nem penses em fugir. Vá, o carro já estacionou.

- E... e eu...?

- Tu ficas aqui, comigo.

- Nem pense em fazer-lhe mal, senão eu...

- Senão tu o quê? Tem lá calma, que os meus patrões lá nos states não gostam dessas coisas feitas assim, à bruta... olha, chama-lhes uma réstia de civilização, ou o que quiseres! E ainda dizes que não te tratamos bem... vá, andor! E olha que a Beretta está à espreita, aqui na roulotte, hm?

A porta de lado da carrinha abriu-se. Estava quase colada à da roulotte, que abria para dentro. *Malditos. Estudaram os mais ínfimos pormenores. Não poderei escapar.*

- Leva-o a tires, Samuel. Eles estão lá, à tua espera.

- Sim, senhor, eu já sei o que é preciso fazer.

A porta da carrinha foi trancada por dentro por Samuel. Era um negro da Guiné de uns 2 metros de altura. Lam não o podia saber, mas ele tinha sido pugilista em tempos.

Uma coisa era certa: perderia todos os combates que tivesse com aquele homem, se o desafiasse.

UM FIM - XLVII

A carrinha já estava a andar há uns dez minutos, a bom ritmo e por boas estradas. No seu interior, um Paulo Lam quase totalmente às escuras tinha Samuel a vigiá-lo. O silêncio estava a tornar-se insustentável, entre os dois. E Lam decidiu que seria ele a quebrá-lo. Não podia esperar nem mais um segundo, a sua ansiedade estava a matá-lo.

- Posso saber... onde vamos?

O homenzarrão olhou-o, com os seus olhos de um verde puríssimo e felino, e voltou-se para o lado, fingindo não ter ouvido nada.

- P... posso saber onde...

- Eu ouvi o que tu disseste. Vamos ter com... um homem. Que quer falar contigo. Uma conversa de homem para homem.

- É só isso? E essa conversa será ond...

- Queres saber demais. Mantém-te calmo, eh? Não queiras abreviar ainda mais a tua curta vida... hm...?

- O que me vão fazer? Fala!

Samuel moveu a mão pela parte inferior do casaco, e Lam viu-a, de relance. Era mais luzidia ainda do que a de Rui.

- Eu, eh, estou calmo, estou calmo.

- É bom que estejas. Não queiras que ela fale por mim, e antes do tempo, *hombr*e.

Meu Deus... agora reconheço esta voz, este é o homem que me...

UM FIM - XLVIII

Samuel esperou um pouco, de arma em punho, quando a carrinha parou. Estava preparado para tudo. E, quando o homem abriu a porta de trás e a luz os ofuscou aos dois, um rosto sorriu. Era o de Samuel.

- Bang!

- Meu Deus! V... você matou-o...

- Matei-o, sim, rapaz. Mas pensas que nós somos alguns novatos, por estas bandas, ou quê...? Vá, fora daqui, e é já!

O hangar era relativamente pequeno, comparado com outros do aeródromo de Tires. Lam saiu da carrinha e foi escoltado até ao pequeno jacto. Um jacto que, aparentemente, não tinha identificação. Nada, no seu exterior, indicava a sua origem.

- Sobe por estas escadas. John, escolta o rapaz até cima, eu vou livrar-me do corpo dele.

- Sim, já vou. Vamos, Lam, vai à minha frente. E nada de espertices à portuga. Já sabes: um passo em falso, e...

Já sei, já sei. Acontece-me o mesmo que aconteceu ao Samuel.

UM FIM - XLIX

Lam subiu rapidamente as escadas. Lá dentro, o avião de luxo estava vazio.

- Senta-te. O homem já vem.

Lam viu-o imediatamente. Era talvez a única ponta solta no meio daquilo tudo. E estava num sítio... estratégico. *A minha tábua de salvação... ninguém vai sequer sonhar que eu vou...*

Uma porta abriu-se. Era O Homem, sem dúvidas. A sua conversa com o piloto ainda decorria, mas via-se que ele já estava pronto a recebê-lo. Pronto e... desejoso que isso acontecesse. Fechou a porta de acesso à cabine de comando, aproximou-se de Lam, e cumprimentou-o num inglês perfeito.

- How do you do, my dear Lam. Paulo, isn't it?

- Queria falar comigo? Quem é o senhor? Que é isto? Eu...

- Caalma. Meu caro Paulo Lam, sê bem vindo aos voos informais dos amigos de Portugal. Vamos neste exacto momento

dirigir-nos para a pista 5. E depois, bem, depois levantamos voo, para... para...

- Os EUA...?

- Lam, a viagem até poderá ser mais curta para ti, meu bom rapaz... tudo depende da tua... olha, da tua boa vontade política!

UM FIM - L

- Que ninguém diga que os Estados Unidos não sabem receber - isso é uma mentira descabelada, garanto-te, Lam!

- Acredito...

- E, para to provar, tenho aqui três licores à tua escolha, eu sei que tu gostas...

- C... como sabe? Ah... esqueça...

- Pois é, meu rapaz. O teu *tio* sempre foi um bom colaborador nosso. E eu, sinceramente, acho que tu tens o perfil certo para...

- Bufo? Informador Especial? Agente Secreto?

- Não, meu caro Lam. Esquece essas coisas que viste nos filmes do James Bond: quase tudo é mentira, no fim de contas.

- Então, o que querem de mim, afinal? Eu...

- Tu entraste num jogo... muito perigoso... com esses teus amigos hackers... todos sabemos como eles são, uns teenagers frustrados que apenas precisam de um bom plano, para entrarem em paranóias anti-americanas, mas isso ainda pode ser parado... não concordas comigo, Lam...?

- Será que sim? Que pode ser parado? Não sei, não...

- Tu és um rapaz esperto, Lam... e é por isso que eu acho que tu e eu nos vamos entender bem...

Canta-me o fado que eu gosto... mal sabes tu, que eu...

UM FIM - LI

- Nós já lemos a mensagem que vocês colocaram no servidor, Lam.
- Seriam Mesmo muito estúpidos se não dessem por ela, meu caro senhor...
- Trate-me por... Richard. Sem o senhor, por favor... é tão formal... entre nós não deve haver... hm...?
- Segredos...? Ah, também me parece, também me parece.
- Está a ver como compreende o que eu digo? Assim, sim, vamos chegar a algum lado...
- Ah, mas eu também acho que vamos chegar a algum lado.

Não me parece é que eu chegue onde tu me queres levar...

- Venha, venha. Aqui à janela, quero eu dizer. Venha ver uma coisa.
- O que é...?
- Vê aqueles pontinhos lá em baixo, no aeroporto?
- Sim. São pessoas.

- Tem a certeza? A mim continuam a parecer-me pontinhos. John? O que te parece que são?

- Pontinhos, doutor, pontinhos. Sem dúvida.

- Está a ver, Lam? O John concorda comigo! E eu garanto-lhe uma coisa: todos esses pontinhos que vê lá em baixo têm uma cabecinha que pensa sem parar, e alguns até acham que podem mudar o mundo! Um mundo melhor, dizem eles! Ouviste esta, John?

- Eheheh... realmente tem graça, doutor. Tem graça a valer.

- O que é que acha, Lam, que os senhores dos ares pensam sobre essas cabecinhas, e sobre as suas ideias? Acha que essas ideias poderão algum dia singrar, neste mundo tão... olhe, tão rápido, tão globalizado, tão eh... democrático...?

- Todos têm direito aos seus sonhos. Mas uns têm dinheiro para os concretizar, outros... não!

- Claro, claro... bem, compreenderás que nós gostamos de fazer negócios apenas com alguns amigos...

- Mas com certeza que outros já fizeram chantagem convosco, também... eles não devem ser os únicos a ter esse privilégio...

- Meu caro Lam... tu és esperto...

- O que querem de mim?

- ... mas nem sempre a esperteza significa inteligência...

UM FIM - LII

- Acalma-te, bebe o teu Baileys com todo o tempo do mundo, hm? Tenho de ir falar com o piloto, dar-lhe mais algumas instruções, não cheguei a dizer-lhe que... John, põe o nosso hóspede à vontade!

- Sim, doutor, ele de certeza que não se vai queixar das nossas instalações. Lam, tens aí TV internacional, de satélite, e jogos de computador. Revistas porno, podem-se arranjar, Jacuzzi, lá atrás, qualquer coisa que tu...

- Ok ok, eu estou bem aqui mesmo.

- Tu é que sabes.

A pistola de John continuava no mesmo lugar, presa na cintura. Parecia um capanga dos fazendeiros do Brasil. Não tinha o tamanho extra large de Samuel, mas era muito mais musculado do que ele... tinha sido. Era preciso atacá-lo num ponto... estratégico. Já tinham passado a baía de Cascais, e estavam agora em pleno mar. O plano de Lam talvez tivesse de sofrer alterações. Mas ele então... lembrou-se. De uma rota previsível, de um... seria ainda possível que... esperar uma meia hora, mais não. A sua tábua de salvação continuava lá, meio escondida... era óbvio

que o seu tamanho fazia com que fosse difícil guardá-la naquelas pequenas gavetas superiores do avião. E se...

O tempo passou. E isso jogava a seu favor. Mas não podia ser nem mais um minuto, senão seria impossível para ele...

- John!

- Diga, doutor.

- Está atento. Estavas quase a dormir. Lam?

- Sim?

- Vamos continuar a nossa conversa, agora? Deixa-me só sentar...

- Doutor Richard... não ponho em dúvida que o senhor tenha algum cromo muito raro para a troca. Mas eu...

- Sim, Lam...?

- Eu já completei a minha colecção, meu caro doutor não sei das quantas. E tenho horror a cromos de baseball.

No momento seguinte, a maçã de Adão da garganta de Richard Tuck recebeu um punho cerrado que a fez recuar dois

centímetros e meio e John teve direito a um pontapé nas partes baixas. Um pontapé tão... violento, que precisaria de pelo menos dez segundos para recuperar. Era o conhecimento de 4 anos de Wrestling pela TV Cabo a fazer efeito na realidade. E quando Richard já estava a conseguir respirar e começava a pensar em fazer algo, Lam já tinha retomado o Plano... A.

*O plano B é para os marrecos, Slow Mow.
See ya later wallygator, idiotas.*

UM FIM - LIII

O avião inclinou-se para o lado esquerdo. Uma inclinação perigosa, que o piloto sabia que apenas poderia ter sido causada por... falou imediatamente ao microfone interno, para Richard. Mas ninguém veio bater à porta do cockpit. Em vez dele, foi um John com uma vozinha de menina que lhe gritou, no meio de uma ventania louca, algo incompreensível, do outro lado da porta.

- Meu Deus... o avião está completamente desestabilizado! Vai ver o que se passa, Mónica!

- Tu Sabes o que se passa, caramba! Queres ver-me a voar, lá atrás, também, é?? Desce a velocidade e a altura do avião, e é já!

- Vocês estão bem, aí atrás? Está tudo bem? Doutor Richard, eu... ah, finalmente, parece que já fecharam a porta... Richard! O que aconteceu!?

- Cof cof cof... o Lam... ele...

- Não me diga que ele se matou! Não me diga que...

- Cale-se, idiota! O pássaro voou, mas os pássaros não sabem nadar, nunca ouviu dizer...?

- Mas ele... nem terá essa hipótese, se ele saltou...

- Nada disso. Nada disso. O pára- quedas que era para ser usado mais tarde, em pleno oceano... sabe?

- Oh, mas então...

- Pois é...

Este melro viu demasiados filmes americanos, meu amigo.

UM FIM - LIV

Zé Manel era um dos poucos pescadores da Açores que ainda pescavam num barco próprio. Agora, eram as companhias estrangeiras, sobretudo as de Espanha, que ficavam com a quota de pescado toda. Ele lamentava-se à sua Alzira quando chegava da faina, mas os amigos já nem o ouviam. Mas ele ouviu. Algures no mar, um pouco mais longe. E não podia ter sido uma tainha grande a fazer aquele ruído todo. Era algo maior. Mas... o quê?

- Barco A Minha Donzília, barco A Minha Donzília, volte já para terra rrr. Barco A minha Donzília,...

O rádio tartamudeava uns dizeres que, apesar de serem compreensíveis, eram extremamente monótonos. Mas aquele ruído...

- Boss? Vamos embora? A rádio está a dizer...?

- O que eles dizem já eu o sabia desde anteontem! Vem aí uma tempestade, e das grandes! O meu joelho já me avisou... Ou pensas que este velho marinheiro perdeu o jeito, hein...? Tem aí muita calma, que eu

não te vou pôr em risco, é só uma intuição... ouviste aquilo?

- Deve ser uma tainha, boss Zé, é só uma tainha.

Aposto a minha vida em como essa deve ser a maior tainha que viste na tua vida, meu palerma...

UM FIM - LV

- Boss Zé! Estamos a desobedecer às ordens do porto! O chefe de lá não nos vai perdoar!

- Eu é que não me perdoava, se isto não fosse o que eu estou a pensar que é! Agarra-te bem ao barco, a tempestade vem aí! Tu não tinhas destas tempestades, lá no Brasil, pois não, meu marreco?? Hein?

- O que quer que eu faça?

- Máquinas no máximo!

- Agora, boss?

- Ontem, homem, ontem! Se esta tempestade é como eu estou a pensar que ela é, amanhã quem vai servir de isco aos peixes somos nós!!!

UM FIM - LVI

Chovia já a potes, o vento estava fortíssimo e as ondas grandes faziam o barco balouçar perigosamente, de um lado para o outro, como um bebê nos braços de um berço mecânico que tivesse enlouquecido. Chegaram ao local, e viram o pano sintético e as redes do pára- quedas.

- Recolhe isso, homem! Depressa! Não vês que já estamos em plena tempestade? Estás a ouvir-me!?

- É para já, boss Zé, é para já.

- Vamos, eu ajudo-te. Ufa, já está. Mas...

- Onde está ele, boss? Pensei que estivesse ainda debaixo do...

- Isso queria também eu saber, meu rapaz. Mas nem pensar em ficar aqui nem mais um segundo. Meia volta volver, como dizem os tropas, hein? Já!!

- Ok, boss, ok, sô Zé.

- Sabe, boss Zé, eu... agora que tudo passou, acho que devíamos voltar lá... nem que fosse só pare ver se o corpo aparece... o que me diz...?

- Ahahah!

- Que é que foi, boss? Porque se ri??
- Meu caro Diamantino, o corpo não vai aparecer naquelas bandas tão cedo... eheheh...
- Tem a certeza? O que é que...

- Sabias que há uma espécie de aves que vão pôr os seus ovos no ninho de outras aves, para elas os chocarem, na sua vez...?
- Mas boss Zé, não estou a perceber...
- É bom que não percebas... é bom que não percebas, Mesmo... porque senão teríamos de explicar no porto quem foi que trouxemos há três dias no barco, sem autorização...
- Mas, boss Zé, nós não o encontramos! O que está a dizer?
- Nós Não o encontramos. Tens toda a razão.
- Então, pois!
- Ah, mas ele encontrou-nos a nós...!
- Então... aquela água no porão... era...
- Ora aí está o que é. Diamantino, meu amigo, este melro fez-nos o ninho por detrás da orelha... e aposto o que tu quiseres em como a esta hora ele já foi fazer o seu ninho a terra...
- Onde? Como sabe...?

- Ao Continente, meu marreco, ao Continente! Mas será que tenho de te dizer tudo!??

UM FIM - LVII

Lam viu-os imediatamente. Escuros, como aquela noite. Mas com amigas muito branquinhas, e de ponta afiada como a língua viperina de uma qualquer puta fina do Intendente. Naifas 5 estrelas... tentou rodeá-los, indo para o outro passeio, mas eles continuaram a aproximar-se. Era... inevitável. E Lam sabia-o. Tanto o sabia, que se preparou para isso. O líder do bando, a esse, tirou-lhe logo as medidas.

Vamos lá, show me what u've got...

- Eh, dred! Tá tudo bem contigo?
- Eheheh... vem cá, white guy!
- O que é que fazes aqui, nesta noite escura, hã?
- Sim, só nós te podemos dar abrigo!

- Ah, sim? E como?
- Eh, branco, tens de aprender a falar mais devagar. Mais devagar e com mais... diz-lhe, SnowBall, diz-lhe...
- Educação, branco burro. Tens de ser mais educado para estes manos. Senão, não

passas! E garanto-te que em vez de passares, vais passar um mau bocado...

- O Rafa queria dizer-te apenas que só nós temos a bússola para sair desta noite escura. Rafa, mostra-lhe, anda lá!

O rapaz estava muito sério. Tirou uma naifa de ponta e mola do bolso, e apontou-a ao coração de Lam. Depois...

- Eheheh! É isso mesmo, Rafa, é isso mesmo. Compreendeste, Whitie?

Rafa continuava com a naifa apontada, mas tinha feito algo que Lam só depois compreendeu. Exibia um sorriso malévolo, de um lado ao outro da boca.

- Vês estes dentes branquinhos, meu marmanjo?

- O que têm?

- Têm a única luz que vais ver, por aqui.

- E a noite está tão escura, hoje... oh, se está...

Uma aberta. Uma hipótese de... *aquela t-shirt... pode ser a minha segunda tábu de salvação.*

- EMINEM?!?! Um brother que gosta de Eminem?!? Ahahaheheheh!!! Eu a pensar

que já não havia manos desses!!
Ohohoho...!

- Que é que foi? Qué que foi? É bem fixe...
- Mas é white! Ahahah, Eminem, oh meu Deus...

- Sim, Rafa, Eminem stinks, bro. Eu já te tinha dito que fazias figura de urso com essa t- shirt...

- Tu também, agora? Queres apanhar, Bronco Billy? Ele é branco mas tem a alma da soul, bro!

O líder daquela charanga olhou com o seu rosto carcomido pela heroína para Lam, da segunda vaga do grupo. E aquele rosto e a sua expressão eram más notícias para ele. Veio assistir ao espectáculo da primeira fila, mas nesse momento Lam sentiu o perigo e saiu, disparado, para os lados da estação de metro do Oriente.

- J.J. ,ele vai a fugir, nós temos de o...

Jesse James olhou para um horizonte não muito longínquo, e então viu-as. Tinham várias cores, falavam alto, enfim: eram as do costume.

- Pessoe!, bazareco. E é já!

E tinha razão para ter medo. Porque a bófia não costumava ser branda, por aqueles lados.

UM FIM - LVIII

- Desculpe, pode dizer-me a que horas é o próximo, para a estação da Alameda?
- Às 23h50, jovem.
- Obrigado.

Dois minutos. Tenho dois minutos.

Um jovem na casa dos vinte aguardava, paciente, pelo momento certo. Eram 23h48m33s, e ele apenas teria uma única oportunidade de... de repente, o rumor da carruagem fez-se sentir, ainda a uns bons 250 metros.

Agora.

- Eh! Onde vais, tu? Eh, rapaz?

O guarda saltou quase ao mesmo tempo dele a cabine de validação de bilhetes. Foram os dois disparados, pela galeria abaixo, primeiro pelas escadas rolantes e depois, na parte final, já pelas escadas, de 4 em 4. O guarda estava quase a chegar ao rapaz, mas este sentiu-o a agarrar o seu blusão, e fez uma manobra... arriscada.

É o tudo ou... nada.

Os utentes do metro na estação do Oriente apenas viram alguém virar-se bruscamente, para a direita, mas deixar as pernas de um corpo em queda no caminho de Ribeiro, que tropeçou imediatamente. O rapaz foi o primeiro a levantar-se, e apanhou o metro mesmo no último momento, forçando a porta, que se abriu novamente. E quando Ribeiro se levantou, falhou por uma fracção de segundo a porta reaberta.

O rapaz descansou, por uns momentos, em pé: estava demasiado sujo para se sentar.

- Lam!

- Hã???

UM FIM - LIX

- Tudo bem contigo? Sou eu, o Paz; o Júlio Paz, da Universidade, homem!
- Ah, sim... como estás? Tudo bem? Já conseguiste acabar o curso?
- Não, faltam-me as cadeiras de...
- Deixa-me adivinhar: professor Dinis e professor Manuel dos Santos...
- C... como sabes?
- É uma longa história... e eu tenho de bazar! Tchau!
- Mas... Lam!

Júlio ficou a vê-lo correr para o interior da galeria da estação de Cabo Ruivo. Alguns passos apressados desceram rapidamente a escadaria: eram cinco polícias.

No túnel, Lam compreendeu imediatamente.

A cavalaria chegou. É pena que sejam os índios a ter sempre razão...

UM FIM - LX

- Por onde fugiu, condutor?
- Pelo túnel, por ali!
- Ok!

A carruagem estava ainda parada na estação, mas o condutor recebeu a ordem da central para se pôr em marcha rapidamente da central. Deixou que os polícias desaparecessem no túnel, avisou o controlador de tráfego do metro, mas obteve a mesma resposta: - *Segue, e é já!* Depois de cerca de vinte segundos, ele executou a ordem. *O comboio que vem a seguir que se preocupe com isso, eu já fiz a minha parte...* A carruagem parecia meio adormecida, mas finalmente lá partiu.

E quando as portas se fecharam, Júlio sorriu.

- Eu sabia que voltavas.

- Aqui para nós, Júlio, que ninguém nos ouve: essa do criminoso voltar sempre ao local do crime é uma bela peta...

UM FIM - LXI

O condutor nem reparou, com tanta agitação, no seu espelho retrovisor direito. Porque, se tivesse reparado no vulto que se escondeu por baixo do final da carruagem, e subiu de novo pelas escadas de emergência para o metro depois de cinco polícias passarem por ele, nunca teria arrancado de novo.

- Lam, hoje dormes em minha casa. Faço questão. Estás uma desgraça, rapaz. Tens de te pôr bonito eheheh...

- Nem penso duas vezes! Estou a precisar de um bom banho, de facto.

- Tu parece que vens de uma guerra, pá! Que aconteceu?

- É uma longa história...

- Ah, mas vamos ter tempo de falar, lá em casa, vais descansar, e... mas olha lá, porque disseste aquilo sobre as disciplinas que me faltam...?

- Meu caro Júlio... nunca pensei que este curso fosse tão difícil de tirar...

UM FIM - LXII

- Agora que já tomaste banho, vem cá. Tens aqui as tuas roupas para amanhã, vestes mais ao menos o meu número, e eu tenho todo o gosto em te dar estas calç...

Lam dormia já a sono solto, na cama improvisada no segundo quarto daquele T2. Júlio deixou-o em... paz, e saiu de mansinho, para a sala.

E quando ligou o televisor, algo de estranho se passava. Um jornalista correspondente em Washington, bastante nervoso por sinal, dava conta de um golpe de mestre, levado a cabo por desconhecidos, na Internet. Ao que parece, o site da NASA tinha sido atacado por hackers.

- Diz-nos, Medeiro Antunes, em que é que este ataque difere de outros, anteriores, na Internet?

- Estou a ouvir-te mal, Pacheco, estamos com interfer... ah, agora sim, diz diz, não te ouvi.

- Estava a perguntar-te em que é que este ataque difere de outros, a outros sites, Medeiro?

- Bom, este ataque... dizem-nos, os entendidos aqui em Washington, que teria de se encerrar a própria Internet, para que a mensagem que está no site hackeado desaparecesse.

- E já há alguma pista sobre quem fez este ataque? Porque a mensagem que está actualmente lá... bem, eu...

- Sim, sim, sim, Pacheco, eu sei, ela é bastante extravagante. Mas o melhor, para os espectadores compreenderem o que nós estamos a falar, é mesmo...

- Aceder ao site da NASA? Sem dúvida. Relembro, caros telespectadores, que o site pode ser acedido através deste endereço: www.Nasa.gov . Aconselho todos os que querem ficar a saber mais sobre este assunto, a ir directamente ao site, e...

Ora esta... mas do que é que estes tipos estarão a falar? Bom, já desliguei o PC, vejo isso amanhã. Toca a dormir.

Júlio Paz resolveu espreitar o sono de Lam. Era um bom amigo. Leal; sempre o tinha sido, com todos os seus colegas. Mas algo ali não batia certo. Aquelas correrias no metro... a polícia, atrás dele, ao que parecia... *depois lhe pergunto isso tudo.*

Bons sonhos, Lam. Tu, se calhar mais do que toda a gente naquela Universidade, merece-los.

UM FIM - LXIII

- Ah, acordaste, finalmente, Lam! Meti-te algum dinheiro nas calças, para o que der e vier... Sabes que horas são?

- Oh, que dor de cabeça... Júlio, fala mais baixo, eu...

- 4 da tarde! 4!!!

- O quê?! É verdade, eu tenho de... oh, meu Deus!

Lam tropeçou na mesa de centro da sala, deitando algumas revistas ao chão. Apanhou-as desajeitadamente, à pressa, enquanto surripiava uma sandes de queijo e fiambre que Júlio tinha em cima de um banco, meio comida, junto ao sofá. E enquanto Júlio observava espantado aquela cena, ele já tinha chegado às escadas do segundo andar de uma pensão assim-assim na Rua do Século, em pleno Bairro Alto. Júlio correu também, para a porta, e fez-lhe uma pergunta retórica. Mas a resposta que ouviu era tudo menos a tradicional. Ou talvez não...

- Eh! Onde é que tu vais?! Toma ao menos o pequeno almoço!

- Não posso! Vou salvar uma princesa!!!

UM FIM - LXIV

Desta vez não tinha de fugir ao guarda: o dinheiro chegava. E agora era encontrar um táxi e um taxista muito... especial. Já estava há mais de dois minutos a andar de um lado para o outro no cais do sodré, a olhar para dentro dos táxis; parecia um maluquinho. E foi então que, no meio da fila, o viu. *Este sim, é um táxi a sério...* entrou de rompante dentro do veículo, sobressaltando Mário, que dormitava.

- Eh, o que é isto?? Um assalt...?
- Sou eu, pá. O cliente da outra noite, já não te lembras...?
- Ele há tantos...
- O do Guincho, do parque de campismo...
- Mas eu... não posso passar à frente dos outros taxistas! Porque é que não vais ao primeiro da fila?

- Mário, Mário... não vou lá prá frente por duas razões...
- Siim?
- Sim. Primeira razão: T-U-R-B-O - GTI.

- Ehehe... parece-me que nos estamos finalmente a entender, rapaz... e a segunda...?

- A segunda é: agarra o volante e mete a rapidíssima, que a Playstation nunca fez mal a ninguém!!

- Meu caro amigo, tenho sido um incompreendido toda a minha vida... segure-se bem, que isto não vai ser bonito de se ver...

UM FIM - LXV

- Obrigado, Mário, obrigado por... tudo!
- Onde vai, meu amigo? Quer ajuda? Quem gosta de Playstation só pode ser boa pessoa!
- Olhe, por acaso... até precisava de ajuda... há aqui uma donzela em apuros, e...
- O quêee?? E não me dizia nada?? Deixa-me cá ver a minha Trezinha...
- Terezinha?
- Não! Trezinha! Uma treze- tiros, made in América, modelo especial, cá pró rapaz, euh... para, para me defender dos assaltantes, claro, ele há tantos, por aí... muitos taxistas andam com estas, modelos mais baratos claro, mas eu aposto sempre na segurança!
- Claro! Conduzir com segurança, Mário! Sempre!!

- Meu caro amigo, você compreende tão profundamente esta pobre alma... encontrei a minha alma gémea...

- Ora é exactamente a minha alma gémea que está em apuros. Traga aí a Trezinha, que vamos precisar dela.

UM FIM - LXVI

Lam aproximou-se devagar. Era quase noite. O ideal reino das sombras. Mário deu a volta por trás da roulotte e, quando Lam abriu a porta de repente, apontou imediatamente a pistola para a parte dianteira. Os dois recolheram-se, e mudaram de posição. Mário entrou então, devagar, dirigindo-se para a porta da casa de banho.

- Venha! Há aqui sangue! Depressa!!

Lam subiu também rapidamente, com o coração nas mãos. Havia uma porta entre ele e a verdade. E este sangue só podia ser de...

- Chegue-se para trás. Vou abrir a port...

- Não. Não faça isso, homem. Não me faça isso.

- Hã?? Não quer que eu abra a... a...

- Já me ajudou o bastante. Deixe-me aqui, sozinho, agora. Por favor, faça o que eu lhe digo.

- Ok, amigo. Eu compreendo que...

- Vá. Agora. Obrigado por tudo, Mário. Mas prefiro uma boleia mais... calma, no regresso.

- Tudo bem. Até um dia destes. E dê cá um abraço. Nada de chorar, que um homem é um homem e um gato é um bicho, hein??

- Pois, pois é, eu...

- Vou indo, chefe. Cuide-se.

Lam estava agora frente a uma porta, sob a qual escorria um fino fio de líquido vermelho. Havia sinais de luta, e sinais de sangue também, em alguns sítios da roulotte. E quando ele finalmente abriu a porta, nada mais seria como antes.

- Oh! Catarina! Maldito!

- L... Lam...? Meu amor? És... és tu???

Lam virou-se e, então, viu-a, anichada na gaveta superior da roulotte. Ela deixou-se cair nos seus braços, e os dois choraram durante algum tempo, por cima do cadáver de Rui, que tinha segundos antes caído para o chão, aos seus pés.

- Jura-me que nunca mais me vais deixar,
Lam, jura-me já!!

- Catarina, meu amor. O mundo é tão
grande, em teu olhar...

UM FIM - LXVII

- Posso saber o que raio se passa, Larry??
- Raios.. não deve falar por esta linh...
- Esta é a linha N°1! Se não falo por aqui, então está tudo maluco, Mesmo!!! E não me venhas com essas tretas de Senhor Doutor isto, Senhor Doutor aquilo, Larry, ouviste?!?
- Desculpa. Não volta a acontecer.

- Mas que porcaria se passa com aquele maldito servidor, hein? Porque é que eu não fui avisado? E porque é que a NASA me dá resposta evasivas, hm? Realmente, tu tens razão numa coisa: Eu Devia ser quem manda!! Mas agora uns palhaços teenagers põem isto tudo em rebuliço?? É bom que me expliques o que se pass...
- Um vírus informático, T.P.. Um vírus que nós... nunca tínhamos ouvido falar. A Symantec, a McFee, até os pobres diabos da AVG tentaram ajudar-nos, pelo amor de Deus! O poder caiu mesmo na rua...
- Mas como é que é isso possível, não me dizes?? Tudo aquilo são meras invenções de adolescentes malucos, que...

- Hhmmm!!

- O que foi agora? Porque é que me interrompes?

- Tudo aquilo, que lá está, online, no site, sabes...

- Siimm???

- Tudo aquilo é... verdade.

UM FIM - LXVIII

- O QUÊEEEE?!?!?!? Mas a NASA... centenas de cientistas... tás maluco?? Tudo ficou maluco, de vez??? Larry, tu és nosso conselheiro há décadas!!! E dizes-me que...

- Sim, eu tenho o dever de te dizer... “A Verdade e Nada Mais do que a... Verdade”. *Agora, sim*, tenho esse dever.

- Deixa-me respirar, eu começo a enlouquecer, por aqui... querida, traz-me água... já!

- Respira um pouco, eu já te digo o resto.

- Ainda há mais?!?!??

- Já bebeste a água...?

- Ok. *Shoot*.

- Isto começou com um jogo estúpido do Masse em Lisboa.

- Masse?? Quem é esse? Mas tu estás-me a falar em código Morse, ou quê, pá?

- Ah, é verdade, tu não sabias disso... bom, ele fazia parte de um comité secreto, criado ainda na esteira do projecto Cimka, mas com poderes muito específicos para... silenciar certas mentes científicas. Ele

agora está a morrer, T.P., o melhor é deixá-lo em paz, um cancro terminal...

- Agh. Bom, continua.

- O universo é, de facto, minúsculo, como estes jovens dizem, T.P.

- Desculpa?!??? Só podes estar a brincar comigo... então a NASA, para que é que serv...

- A NASA é muito importante, de facto.

- Ah, bom...

- Mas não para o que as pessoas pensam..,

- Hã?? O que queres dizer com isso?!

- Caramba, G, mesmo agora, ainda não te posso dizer tudo... serve para... olha, para dar esperança às pessoas! Que existe uma saída neste universo sem fim... é muito útil, digo-te...

- Olha lá Larry, é apenas impressão minha, ou tu hoje não estás a fazer sentido nenhum? Vá lá, vá lá, tenho aqui outras pessoas...

- Mas isto é importante, não achas?!? G... todo o nosso poder no mundo actual assenta nisto, e em Jerusalém sabem-na toda... os grandes génios vieram todos de

lá, desde o pós guerra que estamos de mãos atadas, e... e, sabes... este vírus... ele não vai desaparecer tão cedo, multiplica ficheiros index.html de 15 em 15 segundos, através de vários servidores, e já reparámos que não basta alterarmos as passwords de acesso rapidamente...

- Como??? Não me vais dizer que aquela mensagem vai... vai ficar lá...

- Pelo menos uma semana, meu caro...

- Uma semana????????!!!!!!!

Larry ouviu um gemido do outro lado da linha, e de seguida um estrondo. Parecia mesmo o ruído de uma pessoa a cair de uma cadeira de madeira.

- Está? Está?...

- Larry, daqui é a esposa.

- O que se passou??

- Meu caro Larry... Time out, time out.

UM FIM - LXIX

Uma pessoa dirigiu-se à sala onde iria decorrer a comunicação oficial. Estava um pouco nervosa, a tal pessoa. Essa pessoa, diz-se um pouco por todo o mundo, é a pessoa mais importante desse mesmo mundo que é o nosso. O seu staff tinha trabalhado arduamente durante todo o dia, para o tornar apresentável ao público. Fazia naquele dia exactamente 72 horas que não conseguia dormir, apesar da dose cavalgar de calmantes que tomava. A sua consciência devia estar tranquila, mas não estava. Por várias razões. Variadíssimas, mesmo.

Era um dia de Novembro, um dia banal como os outros dias todos o são. Por terras lusas, a Dona Alzira fazia o seu crochet, Rui dormia descansado no cemitério de São Domingos de Rana, Zé Manel preparava mais uma pescaria, e Lam fazia amor com Catarina. Todas as horas e minutos e segundos estavam no mesmo lugar, em todos os relógios do mundo *civilizado*. Mas no entanto, havia algo que não batia certo. Um site, que se recusava a ficar offline, há já demasiadas semanas, irritava várias pessoas, desse pequeno número de pessoas importantes. E quando essa pessoa muito

importante olhava para o seu relógio, uma câmara de televisão olhava para ela, em ricochete, desmontando a sua falsa sabedoria. E, quando essa pessoa começou a falar, ela sabia que nada ficaria como antes.

- Povos de Todo o Mundo, parece-me que está na hora vos de dizer Toda a Verdade...

(E se tu, leitor, quiseres imaginar o que foi dito, então talvez a realidade comece finalmente a mudar)

. QUOD ERAT DEMONSTRANDUM .

DE PROFUNDIS

- ECHOEM MATER TUMHBRES -

S
T H E
A
M
A
N

